

ELIMAR BEATRIZ BORGES

**O LÉXICO DE AUGUSTO DOS
ANJOS:
PARA UM GLOSSÁRIO
NEOLÓGICO DO
*EU E OUTRAS POESIAS***



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA**

2005

ELIMAR BEATRIZ BORGES

**O LÉXICO DE AUGUSTO DOS ANJOS:
PARA UM GLOSSÁRIO NEOLÓGICO DO
*EU E OUTRAS POESIAS***

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Lingüística – Curso de Mestrado em Lingüística, do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de Concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada
Orientador: Prof. Dr. Evandro Silva Martins

**Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de Letras e Lingüística
2005**

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborado pelo Sistema de Bibliotecas da UFU / Setor de Catalogação e Classificação

- B732L Borges, Elimar Beatriz, 1973-
O léxico de Augusto dos Anjos : para um glossário neológico do eu e outras poesias / Elimar Beatriz Borges. - Uberlândia, 2005.
137f.
Orientador: Evandro Silva Martins.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Lingüística.
Inclui bibliografia.
1. Neologismos - Dicionários – Teses. 2. Literatura brasileira - Dicionários - Teses. 3. Anjos, Augusto dos, 1884-1914 - Crítica e interpretação - Teses. I. Martins, Evandro Silva. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Lingüística. III. Título.

CDU: 801.316.1(03)(043.3)

ELIMAR BEATRIZ BORGES

**O LÉXICO DE AUGUSTO DOS ANJOS: PARA UM
GLOSSÁRIO NEOLÓGICO DO
*EU E OUTRAS POESIAS.***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística – Curso de Mestrado em Lingüística, do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada

Linha de Pesquisa: Teorias e análises lingüísticas: estudos sobre léxico, morfologia e sintaxe

Dissertação submetida à defesa em 25 de maio de 2005, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Orientador: Dr. Evandro Silva Martins – (UFU)

Profª. Dra. Kênia Maria de Almeida Pereira – (UNITRI)

Prof. Dr. Waldenor Barros Moraes Filho – (UFU)

Uberlândia-Minas Gerais

*Dedico este trabalho
aos meus pais, ao meu
esposo, aos meus
irmãos e aos meus
sobrinhos, pelo
estímulo, carinho e
compreensão.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, que sempre me deu forças para lutar por meus ideais.

Ao meu orientador, Prof. Evandro Silva Martins, pela paciência e maneira carinhosa com que me conduziu nos momentos mais difíceis. Agradeço, ainda, por me fazer acreditar que ainda existem pessoas amigas.

Aos profissionais das bibliotecas da UNIUBE e do Colégio Nossa Senhora em Uberaba, pela atenção dispensada sempre que os procurei.

Ao Coordenador do Mestrado em Lingüística da UFU, Prof. Waldenor Barros Moraes Filho, pela presença marcante na vida dos discentes do curso.

Às professoras Ms. Jorcelina Queiroz de Azambuja e Ms. Maria Madalena Bernadeli, que admiro e tenho como um exemplo de profissionais.

Às funcionárias do Mestrado, Solene e Eneida, pela educação e solidariedade para com os alunos do Programa.

A minha amiga Betânia, pela paciência em ouvir minhas leituras de partes desta dissertação quando estava em fase de desenvolvimento.

Aos meus familiares, que souberam entender minha ausência, em momentos que foram marcantes para a nossa família.

Ao Senhor Guilherme, por ter-me apresentado a obra de Augusto dos Anjos, ainda quando cursava a Graduação e por seu apoio em muitos momentos difíceis de minha vida acadêmica.

Ao meu esposo, Marcos Ramos Dutra, que não só teve paciência, mas me incentivou e ajudou-me a vencer mais uma barreira de minha vida.

*Somente a Arte, esculpindo a humana mágoa
Abranda as rochas rígidas, torna água
Todo o fogo telúrico profundo
E reduz, sem que, entretanto, a desintegre,
À condição de uma planície alegre,
A aspereza orográfica do mundo
(Augusto dos Anjos)*

SUMÁRIO

	Página
CAPÍTULO I—CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	13
1. Introdução	12
1.1 Considerações Gerais.....	12
1.2 Justificativa.....	13
1.3 Objetivos.....	15
1.3.1 Objetivo geral.....	15
1.3.2 Objetivos específicos.....	15
1.4 Definição do <i>corpus</i>	15
1.5 Aparato teórico.....	19
1.6 Hipótese.....	22
1.7 Metodologia.....	23
CAPÍTULO II— SOBRE AUGUSTO DOS ANJOS.....	25
CAPÍTULO III— FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	31
3.1 Introdução.....	31
3.2 Sobre o que se entende por neologismo.....	32
3.3 Sobre o parâmetro classificatório da palavra não atestada (neologismo).....	33
3.4 Sobre o motivo de os neologismos serem estudados dentro do texto.....	35
3.5 Número e tipo de textos selecionados.....	36

3.6 Neologia e Neologismo.....	37
3.7 Neologia, neologismo e neologismo semântico.....	50
3.8 Neologismo e Neologismo literário.....	53
3.9 Lexicografia: glossário e dicionário.....	58
CAPÍTULO IV- ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	66
4.1 A Macroestrutura e a Microestrutura do glossário.....	66
4.2 Glossário dos neologismos do “Eu e outras poesias”	71
4.2.1 Definição dos dicionários.....	71
4.2.2. O glossário.....	72
CAPÍTULO V— CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	133
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMPLEMENTARES.....	136
ÍNDICE DAS ENTRADAS NO GLOSSÁRIO.....	137

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo básico a criação de um glossário dos neologismos da obra *“Eu e outras poesias”* (1912) de Augusto dos Anjos. Ele nasceu de um projeto maior do Mestrado em Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, cuja intenção é a criação de um Dicionário dos Neologismos Literários do Português do Brasil. O estudo sobre o neologismo literário aponta que, ao criar uma nova unidade lexical, o poeta também cria um novo sema ao vocábulo. Esse conceito é formado a partir de um olhar de uma interface teórica que pontua, como hipótese, que os neologismos, em A. A., são instaurados por intermédio de Regras de Formação de Palavras no nível semântico, pois suas lexias são criadas a partir de uma base já existente na língua; contudo, possuem um valor diferente das já lexicalizadas, porque um novo sema é adquirido. E, sendo assim, a criação de um sentido também inédito, de acordo com o contexto, é um fator preponderante para a interpretação dos neologismos. O enfoque teórico conjuga as postulações feitas por Guilbert, a respeito de criatividade lexical, as idéias de Corbin, quanto ao requisito de não atestamento da palavra, para que possa ser considerada um neologismo, e também as recomendações de Boulanger, que classifica o neologismo, como sendo uma criação nova na língua. A pesquisa, não tem um caráter quantitativo (apesar de todas lexias do “Eu” não encontradas nos dicionários de exclusão terem sido incluídas no glossário), mas qualitativo, uma vez que o objetivo é comprovar que a nova criação, mesmo apoiada em bases já existentes, quando contextualizada, recebe novos significados. Os resultados confirmam a hipótese de adaptação de um sema novo à palavra contextualizada e orienta para um posterior estudo a respeito da adaptação de um novo sema também para a palavra já dicionarizada. A conclusão é que o poeta cria intencionalmente, e o significado dessa criação será percebido somente a partir do contexto.

Palavras-chave: neologismo, glossário, sema, lexia, atestamento.

ABSTRACT

This work has as its main objective the creation of a neologism glossary of the work "*Eu e outras poesias*"(1912) by Augusto dos Anjos. It emerged from a larger project of the Linguistics Master Program of the Universidade Federal de Uberlândia, whose intention is the creation of a Dictionary with the Literary Neologisms of the Brazilian Portuguese language. The study on the literary neologism points out that, when creating a new lexical unit, the poet also creates a new *sema* in the word. That concept is originated from a view point of a theoretical interface that punctuates, as hypothesis, that the neologisms in A. A. are established by means of Rules of Formation of Words in the semantic level, because its words are created in an existing language basis; however, they already possess a different value because a new *sema* is acquired. Thus, the creation of a sense which is also new, in agreement with the context, is a preponderant factor for the interpretation of the neologisms. The theoretical focus conjugates the postulations done by Guilbert regarding lexical creativity, the ideas of Corbin which are related to the requirement of non-attestation of the word, so that it can be considered as a neologism, and also the recommendations of Boulanger who classifies the neologism as being a new creation in the language. The research doesn't have a quantitative character (in spite of all words related do the "I" not found in the exclusion dictionaries have been included in the glossary), but qualitative, once the objective is to prove that the new creation, although leaning on already existing bases, when contextualized, achieves new meanings. The results confirm the hypothesis of adaptation of a new *sema* to the contextualized word and also guides to a subsequent study regarding the adaptation of a new *sema* also for the word found in the dictionary. The conclusion is that the poet intentionally creates meanings that will only be noticed in the context.

Keywords: neologism – glossary – *sema* – word – attestation

CAPÍTULO I

CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

1 – Introdução

1.1 Considerações gerais

Este trabalho tem como objetivo a criação de um glossário dos neologismos utilizados na obra de Augusto dos Anjos, doravante identificado pela sigla A.A.. Ele nasceu de um projeto maior do Mestrado em Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, cuja intenção é a criação de um Dicionário dos Neologismos Literários do Português do Brasil, coordenado pelo professor Evandro Silva Martins.

Para tanto, foi feito um estudo dos vocábulos considerados neológicos, pelo seu não atestamento nos dicionários, ou seja, as palavras que não forem encontradas nos dicionários de exclusão serão consideradas neologismos e, posteriormente, constituirão o glossário. Para sua construção, foram feitas análises das bases lexicais das novas criações. Tais bases serão estudadas porque o neologismo a ser considerado neste trabalho é o semântico, aquele que enfoca a nova criação a partir de uma base existente, mas que, dentro do contexto, adquirem novos significados.

Por isso, em um primeiro momento, foram trabalhados os conceitos propostos por Guilbert (1975) a respeito de criatividade lexical e, numa segunda etapa, para sustentação do glossário em si, buscou-se apoio na teoria da Lexicografia, mais especificamente nos estudos de Maria Teresa C. Biderman, pois, para esta autora, o glossário ajuda a esclarecer o entendimento de vocábulos existentes em um contexto.

A teoria de Guilbert é importante para esta pesquisa, uma vez que o autor parte do pressuposto das virtualidades, ou seja, a possibilidade de criação de novas unidades lexicais em virtude das regras de enunciação inclusas no sistema lexical. E o neologismo literário é o principal responsável pela produção de um efeito inédito no leitor, por isso não segue necessariamente as regras da gramaticalidade lexical na formação de palavras.

Já os postulados de Biderman ajudam a entender esse novo vocábulo criado pelo poeta e permitem a elaboração do glossário, cuja função é justamente tentar clarear o lado obscuro e desconhecido da nova unidade lexical.

1.2 Justificativa

A primeira e principal justificativa da escolha desse tema é por esta pesquisadora fazer parte do projeto maior do orientador, que tem a intenção de criar um dicionário dos neologismos literários do Português do Brasil, conforme exposto anteriormente. A segunda justificativa é a constatação de que, tanto quanto se conhece, não existem trabalhos específicos sobre o estudo **neológico** do autor em questão; por isso, decidiu-se pelo investimento nessa empreitada. Uma terceira justificativa é a o fato de que as criações do autor são possíveis linguisticamente,

porque partem de uma base já existente na língua, mas, dentro do contexto, e com as formações utilizadas pelo autor, as palavras impregnam-se de um novo sema, que implicará um sentido inédito para a base inicial. Uma quarta justificativa é por se entender que um estudo como o proposto é importante, devido ao nosso contato como professores, com o texto literário como instrumento de trabalho na prática da sala de aula. Uma quinta justificativa é a de que estudar o “léxico” de A.A., especificamente seus neologismos, só contribuirá para mais uma fonte de pesquisa disponível ao leitor.

Muitos consideram A.A. confuso, sombrio, um verdadeiro monstro, por empregar vocábulos tão diferentes, no entanto, ninguém ainda se preocupou em tentar esclarecê-los; por isso, o resultado da pesquisa tende a ser positivo, uma vez que entra como mais uma fonte de pesquisa do *“Eu e outras poesias”*.

A criação do neologismo pelo autor só vem demonstrar a força que a nova unidade lexical tem dentro de uma língua. Uma investigação, mesmo que tardia, hoje, no século XXI, contribuirá e muito para que se possa entender ainda mais os vocábulos considerados neológicos da obra de Augusto dos Anjos.

Finalmente, a escolha da obra se justifica pela forte identificação desta pesquisadora com a poesia de A.A. e pela necessidade da criação de um glossário dos neologismos de um autor tão criticado, como é o caso de Augusto dos Anjos.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

Este trabalho pretende analisar o neologismo literário e a fazer um estudo dos neologismos constantes na obra “*Eu e outras poesias*” de A.A., para a criação de um glossário.

1.3.2 Objetivos específicos

- ❖ Investigar, na obra poética de A. A., todos os vocábulos considerados neologismos, pelo seu não atestamento nos dicionários
- ❖ Apresentar os significados não contextualizados das bases lexicais na formação dos neologismos
- ❖ Analisar e descrever o valor significativo dos neologismos literários no texto de A. A
- ❖ Organizar um glossário dos neologismos de A. A.

1.4 Definição do *corpus*

O *corpus* desta pesquisa constará do léxico extraído da poética de A.A. Serão considerados todos os lexemas que, porventura, no contexto, não foram encontrados nos dicionários de exclusão e, por isso, constituem neologismos, pois, neste trabalho, entende-se por neologismo a palavra não atestada pelos dicionários de exclusão.

Nesse sentido, faz-se necessário esclarecer que a escolha do *corpus* foi efetuada após uma pesquisa na obra poética de A.A., com a respectiva análise de todos os poemas, para coletar os neologismos para criação do glossário. Os dicionários de exclusão foram: DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUEZA de Moraes Silva (1844); NOVO DICIONÁRIO ENCYCLOPÉDICO ILUSTRADO DA LÍNGUA PORTUGUESA, organizado primitivamente por Simões da Fonseca e melhorado por João Ribeiro (1926); DICIONÁRIO ETYMOLOGICO PROSÓDICO E ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUEZA de J.T. da Silva Bastos (1928); GRANDE DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA de Morais Silva (1949); DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO DA LÍNGUA PORTUGUESA de José Pedro Machado de (1952); DICIONÁRIO ELETRÔNICO AURÉLIO (2001), DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS (2001). Foi feita, ainda, pesquisa em dois Dicionários da área da Medicina, uma vez que muitos vocábulos utilizados por A.A são formados por bases dessa ciência, são eles: DICIONÁRIO MÉDICO de Stedman (2003) e o DICIONÁRIO DE TERMOS TÉCNICOS DA MEDICINA E SAÚDE, Rey (1999). Tais dicionários entram na pesquisa, como fontes de exclusão, e como apoio para uma possível significação de base, o que ocorreu somente com a palavra raqueano.

O motivo da escolha dos dicionários mencionados é para uma melhor certificação de que os lexemas usados por A.A., não foram dicionarizados antes da criação do livro, por isso o uso de Silva (1844), uma vez que, pela pesquisa no dicionário, foi constatado que o autor já criara bases lexicais para o neologismo *cancerosidades* como **câncer**, **cancerado**, **cancerar**, **canceroso**, mas o sentido não é o mesmo da palavra contextualizada. Fonseca (1926) e Bastos (1928) foram usados, porque são edições quase da mesma época da primeira edição do “*Eu*”, em (1912).

O uso destes dois autores como fontes de exclusão, auxiliou na certificação mais segura de que os lexemas estudados, realmente, não constavam nos dicionários de época; também foram os dicionários que trouxeram o significado não contextualizado, para o maior número de bases neológicas. Tal fato reforça o pressuposto de que o neologismo semântico é criado, porque existe uma base que permite sua existência, mas a criação neológica agrega-lhe um novo sema. Um exemplo é a base **monstruoso**, que recebe um significado contextualizado, e, fora do contexto, nos dicionários, o significado é outro, conforme se verifica na análise do capítulo IV.

Os dicionários de Silva (1949) e Machado (1952) ajudaram na certificação do não atestamento dos neologismos encontrados em A. A.. Já os dicionários eletrônicos Aurélio (2001) e Houaiss (2001) foram usados porque, além de serem de comum acesso a uma grande parte da população, trazem um número considerável de verbetes, o que comprova que as criações do poeta são realmente inéditas, mesmo nos dias atuais. Estes dicionários registram os prefixos **ultra-**, **pseudo-**, **pró-**, **infra-**, os radicais **fatalidade**, **regozijo**, **dinâmica**, **astral**, mas não as lexias **ultrafatalidade**, **pseudo-regozijo**, **pró-dinâmica** e **infra-astral**, ou seja, elas são criações inéditas do poeta, **não atestadas pelos dicionários**, melhor, não dicionarizadas, constituindo, assim, neologismos.

Porém, os dois últimos dicionários só entram neste trabalho como fonte de exclusão e para a certificação de que as lexias consideradas neologismos, realmente não constam nos dicionários. Como os dicionários que trouxeram os significados das bases lexicais utilizadas pelo autor, para as análises do capítulo IV, foram usados os dicionários de época e os de Silva (1949) e Machado (1952), por estarem mais próximos à época da criação da obra em estudo.

Para a certificação de que as criações de A.A. são inéditas, foram consultados dicionários do século XIX, como o de Moraes (1844), dicionários do século XX mais ou menos da mesma época em que o poeta escreveu o *“EU e outras poesias”*, como o de Ribeiro (1926) e dicionários atuais como o Aurélio(2001) e Houaiss (2001). Todos esses dicionários complementam o trabalho de investigação, o da palavra não atestada pelo dicionário e a atualização de um sema novo para a nova criação contextualizada. Daí também a consideração do neologismo semântico, pois de acordo a teoria estudada, este só é possível porque há uma base já existente que permite a criação de novas unidades, com a adaptação de novos sentidos.

A grande questão, todavia, era: como determinar se os vocábulos selecionados são realmente neologismos? E o porquê da escolha de tais vocábulos para formação de um glossário, se, de uma certa forma, todas as lexias de um poema podem constituir neologismos, já que dentro do contexto atualizam um sema novo? Para a primeira pergunta, a resposta é: serão considerados neologismos todos os vocábulos que não forem encontrados nos dicionários de exclusão, pois adotou-se o mesmo conceito utilizado por Duarte (2001) sobre neologismo, *“palavra nova que aparece de modo inédito no universo da manifestação lingüística (...), e que, portanto, ainda não é atestada pelos dicionários de registro de uso de uma língua”* (DUARTE, 2001, p. 9). Mais adiante tal conceito será melhor esclarecido.

Já o porquê da escolha dos vocábulos que constituirão o glossário, é justamente porque são formações “novas” construídas a partir de uma base já existente na língua, mas que não fazem parte de nenhum dicionário, com tal formação; contudo, se for lançada em sua forma normal, constituirá uma palavra atestada pela língua.

O objeto de análise será a 35^a edição, porque foi revista por Orris Soares e incluiu não só os poemas do “Eu”, “Outras Poesias” mas também os “Poemas Esquecidos”.

1.5 Aparato Teórico

Tendo em vista que o tema desta pesquisa é o estudo dos neologismos de A.A, para a criação de um glossário, a análise será situada no âmbito da criação lexical literária, com base nos estudos da Lexicografia. Para execução da pesquisa, serão seguidos os seguintes passos: o primeiro será uma revisão dos postulados teóricos que sustentam a pesquisa e o segundo enfoca a obra de A. A., que apresenta material de análise eficiente para o desenvolvimento do trabalho.

Leituras de autores como Guilbert (1975), Barbosa (1981), Alves (1984), Sandman (1988), Riffaterre (1998^a), Biderman (2001), Borba (2003) e outros ajudaram a entender melhor os processos de criação e formação de vocábulos da Língua Portuguesa. O aprofundamento no que diz respeito à criação e formação dos lexemas contribuiu de forma decisiva para a escolha do tema.

O aspecto mais significativo da pesquisa é entender que, para a criação do neologismo, há que se considerar seus processos geradores. De acordo com Guilbert (1975), são quatro os tipos de processos geradores da neologia lexical: o neologismo fonológico, semântico, sintagmático e alogenético.

Neste trabalho, tratar-se-á do neologismo semântico, que surge a partir de uma base já existente na língua. É o que ocorre na criação da nova unidade lexical. Um exemplo é a criação do neologismo **pancosmológica**, a partir das bases **pan-** + **cosmo**: A. A. cria uma nova palavra. Por isso, será colocado, de forma sucinta, o que Guilbert (1975) entende por neologia semântica.

De acordo com Guilbert (1975), em oposição a neologia fonológica, a neologia semântica pode-se definir pelo aparecimento de uma nova significação no espaço de um mesmo segmento fonológico. Mas a identidade do segmento fonológico não poderia trazer como consequência a possibilidade de afirmar que um sentido se possa manifestar lingüisticamente independente da forma significante, ainda menos no âmbito da unidade lexical. Toda criação semântica de caráter lexical se traduz por uma nova união entre um significante e um significado.

Para definir uma neologia fonológica, é preciso que se questione se, pelo simples jogo de combinação de fonemas específicos à língua, é possível formar uma substância nova significante. Certamente, toda criação lexical, mesmo que seja às vezes morfológica e semântica, resulta parcialmente de uma combinação fonológica inédita de unidades mínimas.

Quase com a mesma abordagem feita por Gulbert (1975), Barbosa (1989) diz que o neologismo fonológico é uma grandeza-signo, constituída de expressão e conteúdo inéditos. E subdivide-se em neologismo fonológico específico e complementar; ambos criam signos com expressão e conteúdos novos, porém, o percurso e a maneira de organizar os funtivos expressão e conteúdo se distinguem. Enquanto o primeiro parte de uma combinatória inédita de fonemas, o segundo parte de uma combinatória inédita de morfemas. Isso define a composição ou derivação,

como processos primários, enquanto a organização fonológica processo secundário ou complementar.

Barbosa (1989) diz, ainda, que, enquanto o neologismo fonológico resulta de um novo recorte cultural instaurado por uma grandeza-signo, o neologismo semântico é gerado a partir de uma grandeza-signo já existente. A expressão do signo-base é conservada e um novo conteúdo é atribuído, chegando a um novo recorte cultural; novos vocábulos são criados a partir dos já existentes. Há uma dinâmica das relações inter-conteúdos.

Os processos de criação do neologismo fonológico, semântico, sintagmático e alogenético permitem estruturar, codificar a informação potencial em signos lingüísticos, elementos lexemizados.

Visto que o neologismo semântico possibilita a criação de novas palavras apoiado em uma base significante e significado, o neologismo semântico literário, então, deve ser considerado em cada obra manifestada, ou no mínimo, em suas sub-áreas, pois reúne aspectos dos vários universos de discurso, diferindo-se do âmbito técnico-científico, que tem um vocabulário próprio e específico; não variam nem abrangendo outras áreas, como acontece com o literário. Por isso, parece pouco produtivo avaliar a questão no conjunto das obras.

Considerando o exposto acima por Guilbert (1975) e Barbosa (1989), a análise do objeto desta pesquisa será efetuada por intermédio do neologismo semântico, conforme dito anteriormente, uma vez que a pesquisa demonstra que todos os neologismos criados por A. A. advêm de prefixos e radicais existentes na língua, mas que, dentro do contexto poético do autor, recebem novos significados. Contudo, no capítulo III, destinado à Revisão da Literatura, serão discutidas com

mais propriedade as teorias de criação lexical, procurando demonstrar os arcabouços teóricos que servirão de base para analisar o objeto em estudo.

1.6 Hipótese

Esta investigação passa pela necessidade de verificar na obra poética de A.A, a pertinência de que as lexias usadas pelo poeta têm um valor diferente das já lexicalizadas, ou seja, os prefixos e radicais já foram lexicalizados, mas, no contexto atualizam um sema novo, principalmente pela forma como foram empregados. Como exemplo, pode ser citada a construção da palavra **ultramonstruoso**: o autor usa o prefixo **ultra-** + a base **monstruoso** com um sentido que combina com o contexto, não com o que os dicionários trazem. Isso só será realmente confirmado com a análise dos dados no capítulo IV.

Já foi verificado que a língua está aberta a inúmeras criações, não apresentando limites para o aparecimento de novas unidades lexicais. Ela oferece ao seu usuário várias possibilidades de realizações. Por isso, o texto literário prestar-se-á a constituição do *corpus* de análise nesta pesquisa, devido à sua amplitude e à extrema liberdade criativa. Na literatura, a criação neológica é feita com uma certa intencionalidade do autor em tocar o leitor, ao criar novos vocábulos permitidos pelo sistema.

Mediante tais reflexões, levanta-se a seguinte hipótese:

A língua está aberta a inúmeras criações, que possibilitam o surgimento de novas unidades lexicais, e o texto poético é uma fonte rica na criação dessas novas unidades, pois o poeta cria intencionalmente. Por isso, A. A., apoiado em bases já lexicalizadas na língua, criou neologismos, adaptando-lhes semas novos, ou melhor, novos sentidos, diferentes dos já lexicalizados, ou seja, os neologismos criados pelo poeta, dentro do contexto, receberam novos valores.

1.7 Metodologia

O objetivo deste item é descrever os passos metodológicos que guiam o desenvolvimento da pesquisa

Os passos para o estudo dos produtos lexicais em questão serão:

- a) Levantamento de substantivos e de adjetivos usados pelo autor na produção de sua obra;
- b) Estabelecimento do léxico virtual, ou seja, o léxico criado, pela comparação com o léxico atestado, o existente nos dicionários .
- c) Delimitação da micro e da macroestrutura do glossário;
- d) Apresentação dos significados atestados pelos dicionários;
- e) Identificação e análise dos novos sentidos presentes nos produtos lexicais derivados por prefixação e composição, presentes no *corpus* em estudo.
- f) Elaboração do glossário.

Finalmente, serão confrontados os dados do *corpus* com a teoria apresentada, para se verificar a sustentação da hipótese do trabalho.

CAPÍTULO II

SOBRE AUGUSTO DOS ANJOS

Não é objetivo deste trabalho fazer uma biografia circunstanciada do poeta do “**Eu**”; serão apresentados apenas alguns dados que ajudem a conhecer um pouco do filho da Paraíba.

Considerado caso de psiquiatria, o poeta do *Eu e outras poesias*, Augusto dos Anjos, nunca deixou de manifestar o que pensava ou defendia como ideal de vida. Pagou um preço muito alto por isso, foi rotulado de “monstro da escuridão e rutilâncias”, um verdadeiro cantor da Morte e das desagregações. Menosprezado até mesmo por aquele que fora considerado “príncipe dos poetas”, Olavo Bilac, que ao ouvir um de seus poemas recitados por Heitor Lima, retrucou que A.A. fizera bem morrer e complementou que não se perdera grande coisa. Mas o poeta que ultrapassou os limites da carne, adentrando-se na alma, sobreviveu às críticas e às chacotas da sociedade do final do século XIX e publicou seu único livro, que é objeto deste estudo.

De acordo com Barbosa (1983), Augusto dos Anjos era mais conhecido como poeta do pessimismo, do trágico, do extravagante, entre outros codinomes sombrios.

Os adjetivos acoplados ao seu nome, talvez se justifiquem, porque ele teria permitido tornar sua grande dor e a pesquisa profunda do mistério das coisas que o alucinavam, em uma forma nova e expressiva, naturalmente reacionária.

Sua poesia realmente causa, num primeiro momento, estranheza, por estar imbuída de uma vocação angustiante, envolta de termos enredados, expressões escabrosas, vocábulos científicos. Somente ao se fazer uma terceira leitura do “**Eu**” é que se pôde perceber quão significativas são as lexias, no contexto poético do escritor. Mas o poeta, que provocou perplexidade e escreveu reflexivamente, foi só mais uma vítima, como muitos outros de seu tempo.

Conhecer um pouco mais de Augusto dos Anjos ajuda o leitor a entender sua poesia, que não se resume em um amontoado de vocábulos da Medicina, sem valor literário nenhum, muito pelo contrário, por meio de termos técnicos, o poeta tenta demonstrar a fraqueza da carne, ou melhor, que a carne não vale nada sem a alma. Escreveu somente uma obra e conseguiu provocar tanta polêmica, o que demonstra ter tocado as pessoas naquilo que elas têm de mais profundo, a sensibilidade. A história só vem para referendar a atitude dos impávidos e ousados, daqueles que jamais recuaram ante o desconhecido, que nunca tiveram receio de expor o que acreditam. Mas, como para toda ação há uma reação, surge a imobilização dos moderados, tentando anular ou aniquilar aqueles que não vão de encontro à suas idéias. Como diria o sábio Platão, no *Fédon*, a poesia dos insanos ofusca a dos moderados.

Sua escrita assombrou a sociedade do final do século XIX, primeiro por se tratar de um aspecto inédito na literatura; segundo, por trabalhar com uma dimensão

cósmica, imbuída de um linguajar técnico-científico, cujas palavras giram em torno da morte que arrasta a carne para a decomposição.

Para se entender um pouco Augusto dos Anjos, há que se remeter o olhar para sua infância. Recorde-se o Pau-d'Arco, fazenda onde nascera o poeta, que estava no fim. Extinguia-se com ele o patrimônio da família. O Coité já fora entregue aos credores. Igual destino estaria reservado ao Pau-d'Arco. E os Anjos foram perdendo, aos pouquinhos, tudo o que possuíam, sem forças para deter o vendaval que sobre eles desabava. Em 1910, completa-se a alienação do Pau-d'Arco, derradeiro bem da família. Este é, em suma, o mundo que Augusto dos Anjos vê desmoronar, desde os primeiros anos da juventude.

Segundo Barbosa (1983), o choque daí decorrente, com reflexos na sua poesia, há de marcar-lhe a sensibilidade doentia mais intensa e fundamente, e de modo muito mais duradouro, que o de qualquer possível desventura amorosa adolescente. Todo o sofrimento do poeta e sua família é, de certa forma, retratado nos poemas do *Eu e outras poesias*. Exemplo é o poema *Gemidos de Arte*, em que o escritor fala da desilusão que o acabrunha, colocando-a mais traidora que Pilatos, que o faz viver nos matos, magro e roendo a substância córnea da unha. Mais adiante, cita o Pau d'Arco com saudade e certo rancor, relembra que lá pudera beber a acre e estagnada água do charco, podia dormir na manjedoura com os cavalos, demonstrando claramente a saudade do engenho que já não lhe pertencia, onde viveu até os 24 anos de idade, afastando-se somente para breves estadas na Paraíba ou no Recife.

Talvez isso explique sua neurose ou as suas doenças de um modo geral, além do pressentimento da morte próxima, que constituem ainda enigmas biográficos, pois

faltam elementos objetivos capazes de restituir à singeleza original um retrato póstumo que tem sido freqüentemente deformado. O verdadeiro retrato seria, talvez, o de um homem simples, sem anormalidades invencíveis, um homem, afinal, como tantos outros, como a imensa maioria dos homens. Acontece que esse homem comum era um grande poeta, insatisfeito com a sua arte, não importa, mas dela fazendo o eixo da sua existência, e que viveu, por isso mesmo, perplexo e indefeso diante de problemas e dificuldades materiais. Foi considerado histérico, neurastênico, desequilibrado e a esse tipo de julgamento terá que se acostumar o poeta.

Depois de passar por inúmeras dificuldades na Paraíba, Augusto dos Anjos foi para o Rio de Janeiro com a esposa, com a convicção de que lá as coisas seriam melhores, pois contaria com a ajuda de seus amigos escritores, mas a situação do poeta em nada mudou, teve que ministrar aulas em vários lugares para sua sobrevivência e publicar o “**Eu**” com recursos próprios, contando com a ajuda de seu irmão.

Mas o aparecimento de um livro como o “**Eu**”, no ambiente artificial do Rio de Janeiro, na segunda década de 1900, constituía alguma coisa de insólito e de desafiador. Era a época em que predominava a literatura chamada “sorriso da sociedade”. A literatura oficial não poderia receber o “**Eu**” sem restrições. Jamais consagraria Augusto dos Anjos. Os grandes das letras continuariam a ignorar o poeta e o seu livro.

Perguntassem lá pelo nome de Augusto dos Anjos. O que poderiam responder é que se tratava de um estreante, autor de uns versos extravagantes. Nada mais. O *Eu*, além de uma ou outra nota esparsa, enquadrava-se na literatura condenada dos *ratés*, dos inconformados, colocados à margem.

Era, de fato, diferente. A sinceridade de Augusto dos Anjos, falando de suas taras familiares, com a sem-cerimônia de um menino mal-educado, produzia um impacto desagradável em toda a camarilha intelectual, dominada pelo bavorismo da época, em que o Rio de Janeiro iniciava um período de falso esplendor.

Barbosa (1983) completa as notas biográficas da 35ª edição, dizendo que Augusto estava longe de ser o poeta da moda. Nem os poemas do *Eu* poderiam ser declamados nos salões, sob pena de provocar engulhos, risos, vaias. O poeta era inclassificável. O máximo que poderia obter, como poeta de referência, eram adjetivos pouco recomendáveis, como estapafúrdio, aberrante, desequilibrado. Um caso patológico.

Depois de tantas decepções na Paraíba e no Rio de Janeiro, Augusto dos Anjos recebeu uma proposta de trabalho em Leopoldina, que seria para ele algo estupendo e maravilhoso. Sorte, porém, era algo que ele demonstrava não ter, pois um lugar tranqüilo era tudo de que o poeta precisava para curar suas doenças, mas sua estada em Leopoldina foi curta: um mês depois de assumir o cargo de diretor de um colégio na cidade, veio a falecer em 12 de novembro de 1914, de uma congestão pulmonar.

Certo é que o “**Eu**”, passada a euforia da homenagem estadual, teve que esperar mais oito anos para encontrar um novo editor. Os modernistas timbraram em desconhecer a angustiada mensagem de Augusto.

É de notar-se que Augusto dos Anjos chamou, antes, a atenção dos psiquiatras que a dos críticos literários. Na sua bibliografia, são numerosos os ensaios médicos, desde o estudo incluído no volume de Licínio dos Santos, *A loucura dos intelectuais*, 1914, acompanhado da resposta ao inquérito então

procedido pelo autor, e que é, sem dúvida, da maior importância para o conhecimento da personalidade do poeta. Em 1926, um jovem cearense, João Felipe de Sabóia Ribeiro, apresentava à Faculdade de Medicina da Bahia a sua Tese de Doutorado, na cadeira de Clínica Psiquiátrica, tendo como tema o diagnóstico das doenças de Augusto dos Anjos, com base no *Eu (Ensaio monográfico de Augusto dos Anjos)*.

Mas será realmente que uma sociedade pode fechar os olhos e fingir não enxergar tamanho talento? Depois de todo o exposto, acredita-se que o não reconhecimento do talento, não propriamente do homem, mas do artista Augusto dos Anjos, foi realmente uma questão de fechar os olhos, não há como não reconhecê-lo; talvez tenha sido uma questão de conveniência, a sociedade da época aceitava e aplaudia não o melhor, mas, por uma espécie de convenção tácita, aquela que melhor atendesse aos seus anseios.

O porquê de se estudar um autor tão pouco conhecido justifica-se, como já foi dito, pela enorme identificação com sua poesia e por acreditar-se que a academia precisa de pesquisadores que ousem e inovem, para não caírem na mesma armadilha em que caiu a sociedade do início do século XX.

CAPÍTULO III

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

3.1 Introdução

No capítulo anterior, foram comentados alguns dados biográficos de A.A., para que se pudesse conhecer um pouco mais sobre o homem e o poeta. Neste capítulo, serão levantados, a seguir, os aspectos teóricos, necessários para a análise.

Em um primeiro momento, será verificado o que se entende por neologismo nesta pesquisa, com base no parâmetro classificatório da palavra não atestada (*neologismo*); será explicitado o motivo de os neologismos serem estudados dentro de textos, bem como o número e o tipo de textos selecionados. Em seguida, serão expostas teorias sobre o léxico e o neologismo, as relações entre léxico (que é o reflexo do funcionamento de uma sociedade) e neologismo (que é a nova unidade lexical). Já no item neologismo literário, será estabelecida a diferença entre o neologismo de língua e o neologismo literário.

Em seguida, serão buscados alguns subsídios na ciência Lexicográfica, que trabalha conceitos relevantes para a criação dos glossários e dicionários, dada a intenção da pesquisa, de criar um glossário dos neologismos de Augusto dos Anjos.

3.2 Sobre o que se entende por neologismo nesta pesquisa

Neste momento, cabe explicar de maneira clara, o que vem a ser o **neologismo** de acordo com o entendimento desta pesquisa, para que se proceda à definição do *corpus* da pesquisa.

Para efeito metodológico de análise, considera-se, neste trabalho, que o **neologismo** é uma **palavra nova** que aparece de modo inédito no universo da manifestação lingüística e, portanto, ainda **não** é atestada pelos dicionários de registro de uso de uma língua.

O adjetivo **nova** é usado aqui como sinônimo de *palavra não atestada pelo léxico convencional*, que é o léxico de uso em oposição ao léxico “possível”, em que muitas palavras não atestadas não seriam necessariamente **novas**, uma vez que já estariam previstas no sistema.

Portanto, parte-se também da teoria de Boulanger (1990) cuja afirmação é de que, em lingüística, o processo fundamental que identifica a produção de elementos inéditos no vocabulário de uma língua é denominado neologia. O resultado concreto desta operação toma o aspecto de um neologismo de forma, de sentido ou de empréstimo. Ligada à morfologia, à semântica e ao processo de transferência de unidades lexicais de uma língua para outra, a neologia permite adicionar palavras novas aos efetivos já disponíveis. As inovações visam a, majoritariamente, satisfazer

uma parte das necessidades fenomenais cuja origem é extralingüística e que são requeridas uma a uma, em pequenos grupos ou em quantidades maiores, para nomear e ordenar os conceitos nascidos sem denominação e são propostos aos falantes.

Por isso, afirma-se que A. A. apóia-se em uma base já existente para criar seus neologismos, mas suas lexias têm sentido diferente das dicionarizadas, pois um novo sema é adaptado dentro do contexto em que estão inseridas. Portanto, pode-se dizer que o critério usado aqui para definir o neologismo é um critério morfológico-semântico, pois o neologismo semântico, conforme se vê em Barbosa (1989), é gerado a partir de uma grandeza-signo já existente. A expressão do signo-base é conservada e um novo conteúdo é atribuído, chegando ao novo recorte cultural, novos vocábulos são criados a partir dos já existentes. Há uma dinâmica das relações inter-conteúdos. Logo, como interessa a esta pesquisa a realidade concreta das *palavras não atestadas* (neologismos) que se verificam na poesia de A. A., entende-se que a definição circunscreve bem o objeto de pesquisa.

3.3 Sobre o parâmetro classificatório da palavra *não atestada* (neologismo)

Nesta pesquisa, tomou-se como parâmetro classificatório para a seleção das palavras a terminologia “palavra *não atestada*”, ou seja, usa-se a palavra considerada como **neológica**.

Nesse sentido, dois fatores foram basicamente considerados para efetuar-se a escolha do parâmetro classificatório: o primeiro foi o critério da intuição do pesquisador sensível às possíveis palavras que poderiam ser consideradas neológicas;

e o segundo, a confirmação ou não do estado de *não atestamento* (*neologismo*), pela consulta aos dicionários de uso.

De acordo com Corbin (1987), quanto ao papel da intuição do pesquisador, este é um parâmetro freqüentemente respaldado pelos princípios gerativistas que, em determinados tipos de pesquisa, precisam passar pela distinção entre palavras *não atestadas* (*neológicas*) e *atestadas* (*não neológicas, pois já incorporadas ao léxico de uso*).

Por outro lado, o princípio gerativista também postula que, quanto ao critério de consulta aos dicionários, para se determinar se uma palavra é *atestada* ou *não atestada*, esse é um parâmetro freqüentemente sugerido, pois o dicionário de registro de uso é visto como um grande manual lingüístico que, com grande margem de acerto, devido às freqüentes atualizações das pesquisas léxicas, determina quais são os vocábulos que já foram concretamente incorporados ao uso corrente de uma determinada língua.

Tendo em vista os dois critérios acima, optou-se, nesse trabalho, por selecionar/demarcar os possíveis neologismos presentes na obra de A. A., auferindo o julgamento acerca do *não atestado* (**neologismo**), tomando principalmente por base o parâmetro do dicionário. Escolheu-se este parâmetro, porque acredita-se que é um critério relativamente seguro, para não se incorrer em impropriedades.

Assim sendo, escolhido o parâmetro classificatório, resta dizer, que nesta pesquisa, serão classificadas como neologismos as palavras encontradas em A. A. e que não entraram no registro dos dicionários citados no tópico 1.4. A opção por tais dicionários deve-se, especificamente, ao fato de os mesmos se constituírem como referências de uso para um número elevado de consulentes e, também, tem como

objetivo comprovar que o autor realmente criou novas unidades, a partir de bases permitidas pelo sistema. Conforme se mencionou no tópico **1.4**, foram consultados dicionários publicados antes da obra de A.A., e também os atuais, o que comprova realmente que são criações novas. Além disto, os dicionários configuram-se como excelentes manuais lingüísticos e de julgamentos ideológicos acerca de quais palavras são efetivamente *atestadas* pela língua. Ficam excluídas destes dicionários as palavras consideradas como *não atestadas (neológicas)*. Neste estudo, tais palavras são consideradas independentemente de seu uso, pois, mesmo que não tenham sido muito usadas, ainda assim, constituem neologismos, desde que um sema novo apareça em função do contexto.

3.4 Sobre o motivo de os neologismos serem estudados dentro de textos.

Como já deve ter ficado claro anteriormente, esta pesquisa não procederá a uma simples compilação de neologismos, em forma de listas, independente do contexto lingüístico em que os mesmos foram produzidos. Levando em consideração uma das facetas da hipótese desta pesquisa, cuja materialização neológica é suscitadora de efeitos de sentidos, sobretudo quando considerada em relação a sua concretização em um dado contexto, só se poderia, então, realizar esse estudo dos neologismos em A. A. se os neologismos forem considerados em relação aos respectivos textos em que se encontram. Portanto, necessariamente, para proceder tal tipo de estudo, os neologismos precisarão ser estudados nos textos em que se encontram manifestos.

Com base nesse ponto, portanto, é que a seleção dos neologismos a serem estudados estará conjugada automática e necessariamente com a seleção dos textos em que se realizam.

3.5 Número e tipo de textos selecionados

Como este trabalho deveria refletir um levantamento completo dos neologismos encontrados na obra do autor, foi digitalizado todo o léxico nominal e, com base nas obras lexicográficas mencionadas, foram sendo levantadas, de acordo com o contexto, as formas neológicas.

Quanto à seleção dos textos para análise, partiu-se do pressuposto da necessidade de interpretação, ou seja, alguns poemas foram usados na sua totalidade, pois só assim se chegaria a um sentido para o neologismo; já outros poemas foram usados apenas em parte, por constituírem material suficiente de análise. Sobre os tipos de composição, não se fez distinção; se a palavra foi considerada um neologismo, foi analisada. Por isso, os processos foram os adotados para as novas criações do autor: composição e prefixação.

Sendo assim, esta pesquisa limitou-se a investigar o neologismo dentro do universo da obra poética do autor, aliás, um universo relativamente suficiente para realização da pesquisa.

3.6 Neologia e neologismo para Guilbert (1975)

O lingüista francês Louis Guilbert foi quem primeiro trabalhou a questão da criatividade lexical; em seguida, muitos adeptos e seguidores o parafrasearam, por isso, suas teorias entram neste trabalho como forte aparato teórico, pois contribuíram muito para que se entendessem os termos neologia e neologismo.

De acordo com Guilbert (1975), a composição dos vocábulos, ou melhor, a criação lingüística tende a apoiar-se no significante e no significado. Todo exercício do idioma resulta do uso de sinal lingüístico como símbolo da realidade. Tal realidade abarca o mundo externo, que abrange uma realidade específica. E Guilbert diz que por abarcar esse mundo exterior:

O signo lingüístico é, então, um símbolo com relação à realidade exterior, dotado de uma realidade específica, como signo lingüístico de dupla face (face <<significante>> e face <<significado>>); a denominação reside no estabelecimento da correspondência entre uma substância <<significante>> e um conteúdo <<significado>> e não diretamente entre a realidade não lingüística e o signo lingüístico. A segunda forma da criatividade lingüística é a reunião dos signos lingüísticos em um encadeamento ou enunciado que forme a unidade de significação da frase. Designação por um signo lingüístico e formação de frases têm como objetivo a comunicação de mensagens entre os indivíduos de uma mesma comunidade¹. (GUILBERT,1975, p. 15)²

A partir desse momento, as citações serão traduzidas no bojo do trabalho e o texto original vem em forma de nota de rodapé.

² Le signe linguistique est donc un symbole par rapport à la réalité extérieure, doté d'une réalité spécifique en tant que signe linguistique à double face (face <<signifiant >> et face <<signifié>>); la dénomination réside dans l'établissement de la correspondance entre une substance <<signifiant>> et un contenu <<signifié>> et non directement entre la réalité non linguistique et le signe linguistique. La seconde forme de la créativité linguistique est la réunion des signes linguistiques dans un enchaînement ou énoncé qui forme l'unité de signification de la phrase. Désignation par un signe linguistique et formation de phrases ont pour but la communication de messages entre les individus d'une même communauté." (GUILBERT, 1975, p. 15)

A criatividade lexical, então, tem duas formas, por um lado, o sinal lingüístico como símbolo pela realidade exterior e que possui uma face significando e significado, em que a denominação reside na relação entre a substância significativa e um conteúdo significado; por outro, a criatividade reside na reunião de sinais lingüísticos no contexto enunciado. Ou seja, por terem um número ilimitado de sinais, os signos funcionam como representantes de uma infinidade de situações, o que permite a produção de uma infinidade de frases. A neologia lexical está justamente na simbolização lingüística, por isso a nova criação depende do contexto, pois só ele trará o significado, comum a um determinado grupo da sociedade.

Os signos que compõem a língua como veículos de comunicação resultam da necessidade de uma representação da expressão, comum a todos os indivíduos de uma determinada comunidade lingüística, para que eles possam se comunicar e se compreenderem uns aos outros. Por isso, a linguagem é considerada um fato social, inerente a uma sociedade, submetida ao lugar da evolução desta sociedade. É um fato social, também, porque funciona e admite mudanças de regras lingüísticas entre os indivíduos que dela fazem uso. Por isso é arbitrária, sofre mudanças, e está em contínua transformação. Esta transformação decorre da arbitrariedade do signo lingüístico, no mundo de correspondência entre o símbolo lingüístico e o referente instituinte de certa liberdade de criação dos signos; vale lembrar que o significante nada tem a ver com seu significado, a relação é convencional e arbitrária, entretanto, passível de mudanças.

Sobre o assunto, Saussure (1995) afirma que as alterações não se fazem jamais sobre o bloco do sistema, mas sobre um ou outro de seus elementos, não podendo serem estudados fora do sistema. Mas ele próprio afirma que o signo é

arbitrário e convencional, cujas características só podem ser alteradas sobre o bloco do sistema.

Como o sistema permite a criação de novos vocábulos, surgem os neologismos, que para HJEMSLEV (1966 apud GUILBERT, 1975) são formações de signos completamente novos a partir de regras relativas à formação de palavras. Mas para Guilbert (1975), “*essas criações sofrem algumas restrições no campo gramatical, pois as oposições à mutabilidade da forma fonética, o sistema gramatical aparece como rebelde à modificação*” (GUILBERT, 1975, p. 28). A história mostra que, para haver uma mudança na língua, são necessários vários séculos. Mas se a mutação gramatical caracteriza-se por sua lentidão, ela pode ser inteiramente dissociada da mutação fonética, que é mais rápida. Na realidade, parece que as modificações sintáticas são provocadas pela evolução fonética. Isso só comprova que não há, então, permanência absoluta de regras do sistema gramatical.

O que se tem é, de um lado, as formas fonéticas que permitem mudanças e, de outro, as regras gramaticais que se impõem, tentando travar a expansão do léxico. Anteriormente, era mais difícil aceitar as mudanças, por isso mutação fonética diferencia-se, e muito, da mutação gramatical — a segunda possui um processo lento de mutação, ao contrário da primeira, que se distingue pela rapidez em que se transforma.

Observam-se esses processos no dia-a-dia, a todo momento surgem novas combinações sonoras no Brasil, como [tchakabum], que é uma forma não comum na língua, mas aceita e criada pela mutação fonética. Mas mesmo esse tipo de mutação, ou criação neológica obedece a um sistema, são fonemas pertencentes à língua portuguesa. Por isso Guilbert (1975) afirma que a cadeia gramatical obedece a uma

estrutura pré-estabelecida, com relativa estabilidade; o contrário ocorre com o léxico, que carrega a mobilidade em sua estrutura, não mantendo aquela estabilidade encontrada nas regras gramaticais.

O campo da gramática se insere facilmente no quadro de uma descrição estrutural em virtude de sua relativa estabilidade. O léxico, ao contrário, se caracteriza, em razão da sua função referencial (cf.I), pela sua mobilidade. Esta oposição é fundamental ou não existe interferências dos dois campos do ponto de vista da mudança lingüística?³.(GUILBERT, 1975, p. 28)

Entretanto, mesmo para o neologismo fonético, há várias formas de verificar se os enunciados estão de acordo com as regras inerentes à estrutura profunda da língua. CHOMSKY (1969 apud GUILBERT, 1975) recorre ao conceito de gramaticalidade, cuja definição é feita em relação à competência de um falante ideal, pertencente a uma comunidade lingüística completamente homogênea, que domina a sua língua, e tem um desempenho considerado ideal. O falante nativo, ao emitir um determinado enunciado, não fere as regras estruturais de sua língua, ainda que não domine todo o vocabulário ou todas as estruturas gramaticais de sua primeira língua. Resta determinar se o locutor-auditor ideal pode ser a testemunha de referência para definir uma competência lexical e desempenhar uma norma lexical.

O código gramatical é constituído de um número finito de regras, mas sua realização permite produzir um número infinito de frases e os elementos lexicais são os componentes da formação destas frases. Ou seja, isso significa que eles também são formados em números infinitos, pois são os mesmos elementos da frase, os que se aplicam as mesmas regras de sintaxe.

³ Le domaine grammatical s'insère aisément dans le cadre d'une description structurale en vertu de sa relative stabilité. Le lexique, par contre, se caractérise, en raison de sa fonction référentielle (cf. I), par sa mobilité. Cette opposition est-elle fondamentale ou bien n'existe-t-il pas des interférences des deux domaines du point de vue du changement linguistique?"(GUILBERT, 1975, p. 28)

As regras gramaticais são limitadas, devido à estrutura da língua, e qualquer transformação afeta uma regra, pois a sintaxe é constituída de regras e exceções; inicialmente, ficará restrita ao âmbito da *performance*, sendo considerado um desvio, uma falha; para se transformar em regra nova, será necessário um uso repetitivo, com uma longa duração. O léxico, ao contrário, como soma de formantes lexicais que entram na constituição das frases, suporta uma transformação muito mais rápida em seus elementos constituintes.

Entende-se, então, que é a dualidade do léxico significante/significado que é responsável pela estrutura da língua e permite que ela participe da evolução do mundo e acompanhe suas transformações, sobretudo no domínio da significação que sua representação implica. A língua também envelhece, mas se enriquece com o surgimento de novos elementos, por estar ligada ao número de referentes novos e à sua transformação. Se as regras gramaticais possibilitam ao locutor inúmeras combinações, o mesmo ocorre com o léxico, que pode ser reduzido a um conjunto de regras produtoras de uma infinidade de novas unidades.

Conforme foi dito anteriormente, é claro que, para a produção dos novos vocábulos, o léxico apóia-se em uma base já existente na língua, ou em um empréstimo. O indivíduo já utiliza o que Guilbert (1975) denominou substância lingüística. A alteração do léxico, de acordo com o autor, manifesta-se, então, por uma massa lexical em que as regras da gramática não intervêm, considerando como regras da gramática somente as da sintaxe. Guilbert (1975) explica tais criações, que sempre respeitam as limitações da língua em questão:

trata-se de um limite estrito das bases lexicais de estoque nacional, da combinatória de fonemas própria à estrutura fonológica da língua, o que

implica a rejeição de qualquer substância lingüística tirada de uma língua não nacional, seja de uma língua estrangeira viva ou de uma língua estrangeira morta. Ou melhor, a forma se situa no nível semântico interno à base, em virtude de um étimo ideal portador de um certo número de traços de significação considerados como imutáveis⁴.” (GUILBERT, 1975, p. 30)

Isso implica dizer que os novos vocábulos jamais se apoiarão na substância de outra língua que já esteja morta; a norma terá como base o sistema interno semântico da língua, pois cada língua tem seu sistema de significação, considerado imutável. Por isso, a norma associa-se à criatividade lingüística, e esta surge como norma lingüística, que consiste no jogo normal das regras constitutivas do sistema da língua.

As possibilidades de criação lexical na língua são denominadas pelos lingüistas como neologia lexical, melhor dizendo, a possibilidade de criação de novas unidades lexicais em virtude das regras de enunciação inclusas no sistema lexical. São as virtualidades. Para essa possibilidade de criação, esta espécie de gramática lexical não pode estar subordinada à delimitação de um estado de língua precisa. E por constituir tão-somente no sistema de criação lexical, ele prevalece sobre unidades de linguagem ligadas ao universo das coisas, às modalidades do pensamento, a todo o movimento do mundo e da sociedade.

A neologia lexical também é responsável por reunir essas novas unidades denominadas neologismos, surgidas num dado momento da vida de uma sociedade. Essas novas criações lexicais, ou neologismos, devem ser enquadradas em um dado período, em virtude de pertencerem à história do léxico, ligado à história da sociedade, em virtude da individualização das criações por locutores identificados na

⁴ - s'agit d'une limitation stricte des bases lexicales au stock national, à la combinatoire phonématique propre à la structure phonologique de la langue, ce qui implique le rejet de toute substance linguistique tirée d'une langue non nationale, qu'il s'agisse d'une langue étrangère vivante ou d'une langue étrangère morte. Ou bien la norme se situe au niveau sémantique interne à la base, en vertu d'un étymon idéal porteur d'un certain nombre de traits de signification considérés comme immuables.” (GUILBERT, 1975, p. 30)

comunidade. As criações de A. A. inserem-se no período em que o autor as criou, e o não uso dessas unidades é que as caracterizam como neologismos.

Por não manter uma obediência exata à gramática, os textos literários, de certa forma, têm suas regras estéticas e ideológicas próprias, estão abertos a criações, é por isso que se encontra, nas obras literárias, um número considerável de neologismos.

O que faz, no entanto, com que determinado vocábulo seja considerado um neologismo? Não basta apenas que ele seja denominado como tendo um emprego inédito. É o que Guilbert (1975) afirma abaixo:

Na criação do neologismo, existem dois momentos de igual importância, o da produção e o da recepção pelos destinatários e entrada de um certo léxico. É considerando estes dois aspectos que M. Rheims, que reuniu um certo número de palavras << selvagens >> (*Dictionnaire des mots sauvages*, Larousse 1969), propõe fazer a distinção entre as palavras estranhas e surpreendentes e os verdadeiros neologismos sendo levado a evitar a palavra neologismo para designar as palavras que inventou: << Após leitura do Littré, ocorre que qualquer palavra ressuscitada ou concebida novamente, no mesmo instante em que é impressa, [e pode se acrescentar pronunciada], corresponderá obrigatoriamente à sua definição de neologismo (...), as onomatopéias ou os fenômenos poéticos contemporâneos seriam neologismos: não seria então mais lógico decidir que somente as palavras de uso constante devem ser consideradas como tais, as outras devendo ser classificadas em rubricas ditas <<preciosidades>> ou <<curiosidades>> da linguagem>>.5” (GUILBERT, 1975, p. 44-45)

⁵ - Dans la création du néologisme, il existe deux moments d'égale importance, celui de la production et celui de la réception par les destinataires et de l'entrée dans un certain lexique. C'est en tenant compte de ces deux aspects que M. Rheims, qui a recueilli un certain nombre de mots <<sauvages>> (*Dictionnaire des mots sauvages*, Larousse 1969) propose de faire le départ entre les mots étranges et surprenants et les véritables néologismes et qu'il est amené précisément à éviter le mot néologisme pour désigner les mots qu'il a recensés: <<Après lecture du Littré, il ressort que tout mot ressuscité ou nouvellement conçu, à l'instant même ou il imprimé, [et on pourrait ajouter prononcé], se trouvera obligatoirement correspondre à sa définition du néologisme (...), les onomatopées ou les phénomènes poétiques contemporains seraient des néologismes: ne serait-il pas alors plus logique de décider que seuls les mots d'usage constant doivent être considérés comme tels, les autres devant être classés sous des rubriques dites <<préciosités>> ou <<curiosités>> du langage>>.” (GUILBERT, 1975, p. 44-45)

Ou seja, de acordo com o autor, o uso constante do vocábulo é que irá determinar se ele é ou não um neologismo. Será definido pela combinação de determinado número de variáveis que asseguram, às vezes, as regras morfossintáticas de produção da palavra, construída conforme a estrutura semântica geral subjacente à língua e a uma certa norma social que rege o léxico da língua. Porém, nesta pesquisa, acredita-se que esse não é o único critério: se fosse assim, não se poderia considerar a criação literária como um neologismo, só porque não está no uso diário dos indivíduos. As palavras que serão analisadas mais adiante, na tentativa de criar um glossário, então não são neologismos? Esta pesquisa considera que sim, pois foram criadas a partir de vocábulos já existentes, respeitam o sistema do léxico em questão, atualizam um sema novo, além de não serem atestados pelos dicionários.

Contudo, poder-se-ia questionar qual a intenção do autor em criar esse neologismo, principalmente no campo literário? É justamente porque ele tem a intenção de produzir um efeito inédito, diferente, em seu leitor; por isso o neologismo configura-se conforme as regras da gramaticalidade lexical, pois o locutor da criação pretende ser compreendido por seus interlocutores, mostrando que houve aceitabilidade de sua criação. E a nova criação vem para atender as necessidades de expressão do indivíduo no contexto em questão.

E essa possibilidade de criação de novas unidades na língua explica que a Lexicografia encontra-se dotada de uma potência soberana, mas está longe de mensurar quando um neologismo figurará no dicionário. Sua responsabilidade é assegurar os aspectos de construção do referido dicionário. O lexicógrafo deve ser prudente na constatação do nascimento de um neologismo; a prudência compara-se à que se deve ter diante do “falecimento” de uma palavra, que leva a um certo deslocamento entre o registro de lexicógrafos e a realidade do emprego na língua.

Mas, de acordo com Guilbert (1975), o conjunto de precauções previstas confere peso ao ato de registro do neologismo e o torna considerado como aceitável pela comunidade inteira.

Quais seriam, então, os fatores de classificação do neologismo? Guilbert (1975) não trabalha com os mesmos critérios da teoria saussuriana da folha de papel, que define a união indissociável de um significante e de um significado como signo lingüístico. Para o autor:

Se nos colocamos neste quadro para detectar os critérios de uma tipologia dos neologismos, parece que não podemos dissociar uma criação lingüística portando em um único significante ou em um único significado, pois os dois aspectos são necessariamente complementares. Mais esta visão global do signo lingüístico deixa em suspenso vários problemas. Inicialmente, apesar desta união estreita das duas faces do signo, a criação não pode se manifestar principalmente em uma única face? Em segundo lugar, em qual nível da cadeia dos elementos constituintes é preciso situar o signo?⁶ (GUILBERT, 1975, p.55)

Por isso, a grande questão é que, se for levada em consideração a face significante do signo, como ficam os elementos que não implicam uma união de forma e de sentido, mas representam somente segmentos fônicos? Iriam intervir na inovação lingüística? Guilbert (1975) diz que, neste nível, quando se manifesta uma mutação, é o sistema fonológico em seu conjunto que é atingido. Não é a unidade lexical que é trocada, mas suas relações com outras unidades por meio de elementos fonológicos constituintes.

⁶ - Si l'on se place dans ce cadre pour dégager les critères d'une typologie des néologismes, il semble qu'on ne puisse dissocier une création linguistique portant sur le seul signifiant ou sur le seul signifié, puisque les deux aspects sont nécessairement complémentaires. Mais cette vue globale du signe linguistique laisse en suspens plusieurs problèmes. D'abord, malgré cette union étroite des deux faces du signe, la création ne peut-elle se manifester principalement dans l'une seulement des faces? En second lieu, à quel niveau de la chaîne des éléments constituants faut-il situer le signe?" (GUILBERT, 1975, p. 55)

Uma explicação para a afirmação acima seria a tendência ao desaparecimento da oposição entre [a] tônico e o [Z] átono. Neste caso, tem-se exemplo de fonemas em evolução, cuja manifestação centra-se no tempo, ou seja, estende-se por um longo período e não na criação lingüística. O que demonstra que essas transformações devem ser consideradas, pois estão integradas ao estudo da neologia lexical por seu aspecto fônico e por sua repercussão gráfica eventual. São o que Guilbert (1975) denomina de signos lexicográficos. O fato de se colocarem no ambiente do signo lingüístico conduz, necessariamente, a ignorar a evolução do sistema fônico e gráfico em seu conjunto.

A conclusão, então, é que o critério de oposição significante/significado não insiste em estabelecer uma tipologia do neologismo. Com isso, qualquer hipótese da possibilidade de criação intervindo no único significante, deve ser descartada. Estudos sobre o assunto, contudo, investigam o efeito fônico puro na linguagem poética ou, ainda, o efeito fônico ligado a uma determinada conotação pela formação de palavras diferenciadas por um único fonema.

Saussure (1995) conforme se lê em Guilbert (1975), não trabalha com a hipótese de uma criação em que o significante dependa do significado; para ele, não se pode fazer a distinção de uma neologia de um significado independente do significante. Já K. Nyrop (1930), citada por Guilbert (1975), diz que todo novo emprego de um mesmo significante constitui uma nova palavra. Para os lexicógrafos as soluções são divergentes, por isso Guilbert (1975) diz que:

o apagamento total da motivação etimológica que religa dois homônimos pede uma evolução no uso, o espaço de pelo menos uma ou várias gerações de locutores: (ex. voler <<manter-se no ar>> e voler <<roubar>>: oriundo do primeiro, inicialmente como metáfora da linguagem da falcoaria no século XVI). É por meio da mudança do conteúdo semântico das formas significantes que se opera a renovação essencial do léxico, e que insensivelmente se formam unidades de significação diferentes pelo

apagamento da motivação etimológica. No campo de uma tipologia fundada no signo, seríamos efetivamente conduzidos, ou a negligenciar esta forma tão produtiva de neologia, ou a contar o mesmo número de signos neológicos encontrados com emprego metafórico mais ou menos generalizados na comunidade lingüística.⁷ (GUILBERT, 1975, p.56).

O enunciado explica que o limite mínimo de espaço do signo parece não muito pertinente, neste caso, principalmente para o reconhecimento do novo emprego de um mesmo signo, porque o novo círculo de palavras precisa intervir, ou seja, sair desse espaço mínimo limitado e alcançar uma dimensão maior, para se firmar como nova criação.

Por isso, as relações das palavras devem ser levadas em consideração para se definir uma tipologia de neologismo, pois só assim se pode revelar e situar o aparecimento de um novo sentido. Um exemplo dado por Guilbert (1975) para a explicação, é a oposição da palavra *calculador* (homem), que exerce a função de calculador e calculadora (máquina); seu sentido só será compreendido dentro de um contexto para diferenciar uma e outra expressão. **É uma calculadora científica**, só pode referir-se à máquina e não ao homem, mas, para isso, é necessário o contexto, que ajuda a definir o sentido da palavra. Sem, ele haveria ambigüidade na interpretação da expressão, pois o sufixo formador é, ele próprio, o agente humano e o agente máquina. Por isso, uma tipologia de neologismo não pode excluir nem o

⁷ - l'effacement total de la motivation étymologique qui relie deux homonymes demande une évolution dans l'usage, l'espace d'au moins une ou plusieurs générations de locuteurs: (ex. voler <<se maintenir dans l'air>> et voler <<dérober>>: issu du premier, d'abord comme métaphore du langage de la fauconnerie au XVI siècle). C'est par le biais du changement du contenu sémantique des formes signifiantes que s'opère le renouvellement essentiel du lexique, et qu'insensiblement se forment des unités de signification différentes par effacement de la motivation étymologique. Dans le cadre d'une typologie fondée sur le signe, on serait effectivement conduit, ou bien à négliger cette forme si productive de néologie, ou bien à compter autant de signes néologiques qu'on rencontrerait d'emplois métaphoriques plus ou moins généralisés dans la communauté linguistique." (GUILBERT, 1975, p. 56)

ambiente sintático do sintagma ou da frase nem a significação do signo, conforme o locutor e a situação de elocução.

Há que se levar em consideração a tipologia de neologismo. Pierre Guiraud (1965), teórico francês, citado por Guilbert (1975), apresenta quatro tipos de classificação dos neologismos: a) onomatopéico, que explicita-se pelo próprio nome; b) morfológico, que reúne todos os produtos da derivação e composição; c) semântico designa as modificações de sentido e d) alogênético, que retrata o emprego de todas as espécies, não somente as línguas estrangeiras, mas também aos dialetos, as técnicas e aos socioletos de diferentes categorias sociais.

No entanto, neste trabalho, tratar-se-á do terceiro tipo de criação do neologismo, o semântico, que consiste na mutação, sem criação de uma substância nova significante; ela é do domínio do significado, uma vez que a intenção é trabalhar com o neologismo literário, e a classificação semântica está no aparecimento de uma nova significação no espaço de um mesmo segmento fonológico. Mas a identidade do segmento fonológico não poderia trazer como consequência a possibilidade de afirmar que um sentido se pode manifestar lingüisticamente, independente da forma significante tanto menos no âmbito da unidade lexical.

Uma criação semântica de cunho lexical traduz-se por uma nova união entre um significante e um significado. Isso implica dizer que um postulado que está ligado a um outro, na criação lingüística, pensando no nível do signo, é formado por um significante e por um significado, não podendo aparecer fora de um código lingüístico.

A neologia, tratando-se da palavra, só existirá sustentando uma criação motivada por uma base funcional. Uma base sincronicamente funcional no léxico da língua, ou que tenha existido anteriormente, ou, ainda, que tenha sido emprestada a um outro sistema lingüístico leva à afirmação de que uma criação neológica semântica não nasce do nada, deriva-se de um elemento já existente na língua. De acordo com a explicação que se segue, essa neologia semântica é constituída de uma nova unidade de significação, por isso diferencia-se de outras formas de neologia.

No quadro desta lei, a neologia semântica se diferencia das outras formas de neologia pelo fato que a substância significante utilizada como base preexiste no léxico enquanto morfema lexical, que este sem nenhuma modificação morfo-fonológica, nem nenhuma nova combinação intra-lexemática de elementos, é constituído em uma nova unidade de significação.⁸ (GUILBERT, 1975, p. 65)

Há nessa cadeia de neologismos, diferentes manifestações de significados, de cujo sentido só o contexto dará conta. A neologia semântica é definida pela monossemia e pela polissemia. A primeira toma como ponto de partida o pressuposto de que algumas palavras se definem por um só conjunto de semas estáveis, permanentes, que correspondem à forma significante; a segunda postula que, em outros casos, a mesma forma significante está ligada a vários conjuntos de semas ou semas diversificados por combinações diferentes entre eles. E é esta possibilidade de variação na combinação de semas que define a neologia semântica.

⁸ - Dans le cadre de cette loi, la néologie sémantique se différencie des autres formes de néologie par le fait que la substance significante utilisée comme base préexiste dans le lexique en tant que morphème lexical, que celui-ci sans aucune modification morpho-phonologique, ni aucune nouvelle combinaison intra-lexématique d'éléments, est constitué en nouvelle unité de signification." (GUILBERT, 1975, p. 65)

3.7 Neologia, Neologismo e Neologismo Semântico para Barbosa (1981)

Para se entender melhor os processos geradores do neologismo, é necessário compreender, também, criação e renovação lexicais. Para tal, argumenta-se, de acordo com a teoria apresentada por Barbosa (1981), que só há novas criações porque também há inúmeras regras de produção disponíveis no sistema lexical.

Entendendo-se que o léxico reflete os anseios e necessidades de expressão de uma sociedade, há que se considerar o momento de criação da nova unidade lexical, pois esta criação deve ser pertinente à história do léxico naquele momento. Um exemplo mais claro desta afirmação, seriam as criações utilizadas por A. A.. O autor cria os vocábulos **pancosmológico**, **pseudo-regozijo**, **penetral**, **pseudosalmo**; apesar de serem considerados diferentes e insólitos, os vocábulos acima são pertinentes à história do léxico, da sociedade do momento e comuns a alguns locutores, pois, de acordo com Barbosa (1981, p. 77), “*diferentemente da transformação fonética e a mutação do sistema gramatical, cuja origem se situa indistintamente na coletividade*”, a criação lexical pode centrar-se na individualização.

A renovação lexical, contudo, não se dá de maneira desordenada, é controlada por uma tipologia e segue as exigências do sistema lexical que permitem a criação de novas unidades. Por isso, alguns princípios e características da nova criação devem ser considerados, como a distinção entre neologia e neologismo, o que será exposto a seguir por Barbosa (1981):

se neologia é o processo que pode ser definido em termos de uma tipologia, o neologismo é o produto que, depois de passar por aquele processo,

pertence a uma tipologia de neologia. Com efeito, de vez que a neologia é o processo pelo qual a mudança lingüística provoca o aparecimento de formas de significante e significado novas – não ainda encontradas na língua ou num determinado conjunto de enunciados -, ela deve poder ser estudada ao nível de suas conseqüências, de seus resultados, isto é, dos neologismos. A neologia postula um sistema, um conjunto de regras que exercem uma coerção sobre a criação, a sinalização, a determinação e o emprego dessas novas unidades. (BARBOSA, 1981, p. 78)

Esta afirmação remete o estudioso à interpretação de que o vocábulo **pseudosalmo**, utilizado por A.A., passou por uma mudança lingüística que provocou o surgimento de significante e significado novos, por não fazer parte, ainda, de um determinado grupo de enunciados. E esse novo vocábulo receberá um novo significado, ou seja, as conseqüências dos resultados que o novo vocábulo provocará, Barbosa (1981) considera como sendo o produto, ou melhor dizendo, o neologismo.

O processo, a neologia, é responsável pela utilização correta do sistema que permitirá a criação do neologismo, para que este não fuja as regras da língua. E estas regras são responsáveis pela coerção, pela sinalização, pela determinação e pelo emprego da nova unidade.

Estabelecida a diferença entre neologia (processo) e neologismo (produto), de acordo com a visão de Barbosa (1981), é necessário, agora, dissertar sobre a tipologia do neologismo que será estudado neste trabalho, que é o neologismo semântico.

De acordo com Barbosa (1981), o neologismo semântico diferencia-se dos demais, por apoiar-se em uma base preexistente no léxico com um funcionamento sincrônico, que já existiu, ou foi adquirido por empréstimo de outra língua. O que permite, dessa forma, conforme assevera Barbosa (1981):

o surgimento de uma significação nova para um mesmo segmento fonológico. Isso implica na não modificação morfo-fonológica do morfema lexical, em novas combinações intra-lexemáticas de elementos, passando a exercer a função de nova unidade de significação. (BARBOSA, 1981, p. 202).

Essa nova unidade é criada para satisfazer as necessidades ou para atender as convenções de um grupo social. Acredita-se que, quando A.A. cria o vocábulo **pseudosalmo**, pretendia, naquele momento, provocar um sentido inédito que atendesse suas necessidades e fosse capaz de estabelecer uma relação entre sua “língua” e o mundo, ou melhor, entre sua escrita e seus leitores.

Por isso, o autor apoiou-se em signos já existentes na língua, partindo do pressuposto de que o neologismo semântico é criado com base em “*signos já existentes no código, em combinações inesperadas ou inéditas com outros signos do enunciado. O neologismo surge, então, como resultado de uma combinação sêmica.*” (BARBOSA, 1981, p. 203). O que implica dizer que a autonomia da unidade lexical advém de um conjunto de semas descritivos constantes, que garantem sua diferença em relação às outras unidades comutáveis com ela no mesmo contexto.

Todavia, “*um subconjunto, virtual, de semas associativos, cujos valores são definidos pelas distribuições do contexto*” (BARBOSA, 1981, p. 204), compõe a unidade lexical. E as combinações permitidas pelo sistema, disponíveis a todos os falantes, originam novos vocábulos. Alguns desses vocábulos podem permanecer na língua, ou serem passageiros, criados no momento somente para atender as expectativas do sujeito em determinados contextos.

Verifica-se, então, que formas como **pseudo** e **salmo**, que têm um significado adaptado pelo dicionário, ao assumirem a forma **pseudosalmo**, atualizam novos traços no contexto da obra poética de A.A..

Chega-se, assim, de maneira quase imperceptível a um neologismo semântico; quase sempre, a atualização, e emprego frequente de uma unidade lexical em combinação contextuais inesperadas provoca esse fenômeno. (BARBOSA, 1981, p. 207)

Isso implica dizer que a criação do neologismo semântico ocorre por intermédio dos contextos enunciativos; por isso considera-se que, neste trabalho, o estudo se faz em torno do neologismo semântico, pois, para se chegar a um significado da nova unidade lexical, será utilizado o contexto. Somente ele poderá trazer de forma mais segura os significados dos neologismos elencados nessa pesquisa, mesmo não sendo idênticos os processos que os geram, uma vez que são diversos os modos de gerar a neologia semântica.

3.8 Estudo do Neologismo Literário

Nessa altura do trabalho, é necessário tecer um último comentário sobre neologismo, e definir melhor o neologismo literário, que é enfoque central desta pesquisa; afinal, será construído um glossário dos neologismos literários de A. A., do seu livro “Eu e outras poesias”.

Há anos, havia um certo purismo da língua e, em razão disto, os poetas não usavam com frequência palavras novas, que “desrespeitassem” as normas gramaticais. Com o avanço tecnológico, porém, e a necessidade de rotular realidades novas, a própria sociedade exige uma nova forma de expressão.

Com isso, surge a criação da nova unidade lexical, ou melhor, o neologismo.

Composto híbrido do latim neo (novo) e do grego logos (palavra). Então os neologismos ligados a todas as inovações nos diversos ramos de atividade humana, seja arte, técnica, ciência, política ou economia. (CARVALHO, 1984, p. 8)

Alguns escritores antigos mais ousados e a maioria dos novos dão à sua criação prestígio, ao criarem palavras novas, fazem questão de mostrar sua inventividade, que muitas vezes dá um toque especial à escrita e instiga o leitor curioso. É o caso de A.A., que ousou não só na mensagem de seus poemas, como no repertório lexical. Mesmo tendo escrito somente uma obra, e sendo considerado por muitos com um caso de Psiquiatria, pode-se dizer que seu livro está imbuído de neologismos, levando-se em conta o período em que foi escrito.

A criação neológica na poesia surge como resultado de uma necessidade de expressão pessoal, denotando um modo original de ver e de sentir, diferente e, às vezes, até mesmo crítico.

É sabido que toda língua tem um padrão que permite a criação de regras, no caso da Língua Portuguesa, é o padrão morfológico que determina se tal palavra é ou não do Português e é ela também que permite a criação de novas unidades, que serão ou não incluídas na comunidade se ocorrer a adaptação desta nova unidade aos padrões sociais.

As criações neológicas podem dar-se por diversos processos: (a) por prefixação, com o acréscimo de um prefixo a uma base, como em *in*-feliz; por sufixação, pela aposição de um sufixo à base, como em *–mente felizmente*, ou por prefixação e sufixação: *infelizmente*; pelo processo de composição: Ex.: *expresso-jumbo*; por empréstimos feitos de outras línguas, que acabam por enriquecer o idioma, cuja frequência dependerá do intercâmbio entre as culturas. Um outro exemplo de formação de neologismo é o da derivação imprópria, como aponta Carvalho (1984) “*Quando mudamos a classe gramatical da palavra (...), também é usado quando se quer generalizar traços de personalidades públicas em comentários de jornal, ex.: malufes*” (CARVALHO, 1984, p. 26)

Nem sempre o neologismo literário foi bem visto e muitos escritores foram discriminados, ao inovar, mas ninguém pode negar a grande contribuição que eles deram para que o vocabulário não permanecesse estático, sofresse transformações e pudesse ser estocado, enriquecido.

Por isso, a colocação de Biderman (2001), de que só há uma forma de um léxico cristalizar, que seria com a morte da língua. Se não ocorrer tal cristalização, o léxico será sempre um sistema aberto e em expansão, novas unidades lexicais surgem a todo momento.

Eis a grande questão: é impossível que um lexicógrafo dê conta de colocar em um dicionário todo o inventário léxico da língua, se a todo momento surgem novos neologismos, que se caracterizam como uma forma vocabular nova, que quanto mais usada, melhor será para sua incorporação no sistema vocabular da língua.

Os neologismos dividem-se em conceptual e formal. Biderman (2001) postula que “*No primeiro caso se trata de uma concepção nova que se incorpora ao campo*

*semasiológico de um significante qualquer, ex.: **dispositivo** – com o significado: ‘mecanismo disposto para se obter certo fim.’* (BIDERMAN, 2001, p. 203). O segundo constitui uma palavra nova introduzida no idioma, ex.: **biodiversidade**. Ou expressão idiomática: acabar em pizza.

A partir dos neologismos conceptual e formal surgem também os empréstimos, que são fortuitos em todas as línguas. Segundo Biderman (1984), nessa categoria podem-se incluir lexemas das mais variadas procedências lingüísticas: anglicismos, galicismos, latinismos, arabismos, italianismos, niponismos etc. No Português brasileiro contemporâneo, a primeira categoria é a mais expressiva. Mas esses estrangeirismos, muitas vezes, são mal colocados na Língua Portuguesa, pelo fato de seus criadores não conhecerem bem a estrutura desta, empregando-os erroneamente no sistema lingüístico. Seu emprego, às vezes, causa um certo desconforto sendo considerados os verdadeiros “vilões” da desfiguração da língua. Para ser incorporado no léxico de outra língua, o estrangeirismo passa pelo processo de categorização morfossintática, adotado pela nova língua. A categoria dos substantivos predomina, na criação do neologismo, precedida da categoria dos adjetivos e verbos, que são raros, mas passíveis de formarem neologismos.

O Português tem em sua morfossintaxe, no caso dos substantivos e adjetivos, as marcas de gênero e número e, eventualmente, de grau. Isso exige que um estrangeirismo, ao ser inserido na língua, receba a marca de gênero, mesmo que em sua língua origem não haja esta marca. No caso do número, o problema também é complexo, devido aos variados padrões de plural no Português e as regras fonológicas da língua, que provocam impasses dentro da fonética do idioma.

O mundo não pára e a necessidade de uma ampliação vocabular é exigida, principalmente, pela ciência e pela tecnologia, devido às suas novas necessidades de expressão. E, por estarem sempre mudando a vida do homem, tais ciências contribuem, e muito, para a expansão do léxico, abrangendo não só suas áreas específicas, mas também a linguagem geral. Os artistas da palavra, também, estão sempre criando novas expressões, ou seja, a criatividade humana, em todos os domínios, é a principal causa da expansão sempre crescente do sistema lexical da língua.

Riffaterre (1989), assim como Biderman e Carvalho, que trabalham a questão do neologismo literário, faz uma distinção deste com o neologismo da língua, cujas diferenças são marcadamente profundas. O primeiro difere, e muito, do segundo. O neologismo literário é captado como uma anomalia e utilizado, em virtude dessa anomalia, às vezes até independente de seu significado sistêmico. O neologismo da língua é forjado para exprimir um referente ou um significado novo, depende da relação entre palavras e coisas, ou seja, de fatores extralingüísticos.

A importância do neologismo literário está justamente, na sua intenção de tocar o leitor, ao criar semas novos. De acordo com Riffaterre (1989), ele não pode deixar de chamar a atenção, porque é captado em contraste com seu contexto e, claro, seu emprego e efeito dependem de relações que se situam inteiramente na linguagem. Por possuir uma forma singular, o neologismo proporciona uma condição essencial de literariedade.

Por isso, o neologismo é mais motivado que o não-neologismo. É como se trocasse o arbitrário do signo por uma superdeterminação, que caracteriza o discurso literário: as relações sintáticas que unem essas palavras entre si são retomadas por

outras relações, formais e semânticas, sendo que cada frase é derivada, deduzida por assim dizer, de um dado inicial. De acordo com Rifatterre (1989), “como todo dado gera seu homólogo por variação formal do mesmo ao mesmo, ou do contrário a outro, a derivação realiza, no texto, um paradigma de sinônimos (derivação tautológica) ou de antônimos (derivação oximórica).” (RIFATTERRE, 1989, p. 57) Daí o *status* privilegiado do neologismo.

Ainda de acordo com Rifatterre (1989), o neologismo literário, então, está longe de ser arbitrário, longe de ser um corpo estranho na frase, é o significante mais motivado que se pode encontrar no texto. O neologismo literário é formado, ao mesmo tempo, por uma seqüência morfológica e semântica, ou por duas seqüências semânticas, ou por combinações mais complexas, o que é impossível na palavra preexistente (fora dos fatos de aliteração). Tem por função reunir ou condensar em si as características dominantes do texto. Feito propositalmente, criado para as necessidades da causa, ele é, por excelência, a palavra própria.

3.9 Lexicografia: glossários e dicionários

Proceder-se-á, agora, às definições de glossário, dicionário e se falará um pouco a respeito da ciência responsável por tais criações, a Lexicografia. Os glossários são criações que já vêm de há muito tempo, criados por filólogos e gramáticos, como Varrão, para explicar os termos obscuros dos textos literários; surgiram no século I a.C.

A verdadeira Lexicografia só se concretiza nos tempos modernos, com a criação dos primeiros dicionários espanhóis. A Lexicografia que se estava formando

no século XVI, na Europa, resumia-se na construção de apenas alguns dicionários bilíngües, como os dicionários *Latino Espanhol* (1492) e *Espanhol Latino* (1495) de Nebrija. Contudo, é com o livre comércio e pelo desprendimento do homem renascentista, que o mundo se vê obrigado a ampliar seu conhecimento lingüístico, com isso, surgem os dicionários bilíngües em toda a Europa, que se tornaram oficiais para as Nações – Estado da Europa no século XVI.

Porém, os dicionários seiscentistas eram cheios de lacunas e copiavam-se uns aos outros; por isso a “*Lexicografia monolíngüe surge e se desenvolve ao longo do século XVII, aperfeiçoando, aos poucos, as suas técnicas.*” (BIDERMAN, 1980, p. 2)

O importante, contudo, é que se entenda a importância de ter registrado em forma de glossário ou dicionário o acervo lexical de uma língua, pois ambos funcionam como guias para que as comunidades lingüísticas esclareçam suas dúvidas e, conseqüentemente, entendam melhor a língua que as cerca.

Entretanto, para a execução de um dicionário é necessário que os lexicógrafos conheçam bem a sua língua materna e tenham um amplo conhecimento textual literário e cultural, bem como conhecimentos das variantes desta língua, e que tenham plena consciência que vão

executar uma tarefa científica e cultural que se assemelha muito ao labor dos monges da Idade Média, os quais se aplicavam dedicada e apaixonadamente à cópia de manuscritos e / ou traduções de textos clássicos e científicos de outras línguas. (BIDERMAN, 1980, p. 29).

Além destes cuidados, os lexicógrafos devem seguir os seguintes passos na execução de um dicionário:

Um dicionário deve fundamentar-se na recolha dos dados léxicos e lingüísticos para a constituição de um *corpus* representativo da língua

escrita e falada. Esse corpus funcionará como fonte de informações sobre o léxico, além de fornecer as abonações dos significados, dos usos e das construções das palavras-entrada do dicionário. Para a elaboração desse arquivo ou banco de dados léxicos, deve-se considerar um período de tempo que represente uma etapa da evolução da língua em que ela possa ser considerada relativamente uniforme. Um corte sincrônico pode recobrir o espaço de uma geração, ou seja, uns trinta anos. O banco de dados precisa incluir todas as variantes escritas da língua e não apenas a linguagem literária, pois, parte desse arquivo: textos literários, jornalísticos (jornais e revistas), textos técnicos e científicos de todas as áreas do conhecimento humano. (BIDERMAN, 1980, p. 29-30)

Tais explicações ajudarão na produção do glossário proposto nesta pesquisa, pois se percebe ainda mais a importância da escolha do *corpus*, que forneceu as abonações em determinada época, com evolução uniforme, além de apresentar que o banco de dados é especificamente literário. Ou seja, o trabalho seguirá de forma bem consciente a respeito do tipo de linguagem com que se está trabalhando.

Devido à influência dos meios de comunicação de massa, a linguagem coloquial deve ser incluída, e neste caso, dois produtos básicos deverão ser levantados para a confecção de um dicionário : a) *indices verborum* : as palavras recolhidas serão ordenadas hierarquicamente em ordem decrescente de frequência (das mais frequentes às menos frequentes); b) Uma concordância das palavras em contexto, ou seja, todas as palavras estarão agrupadas em blocos nos quais a mesma palavra-chave aparecerá em todos os diferentes contextos em que ela tenha ocorrido.

Com esses dois instrumentos em mãos, o dicionarista só precisa estabelecer a seleção das palavras que comporão a nomenclatura do dicionário. Para a inserção definitiva, como palavra-entrada, o lexicógrafo incluirá aquelas com frequência no *corpus* de 20 a 30 vezes; frequências menores que cinco vezes estão fora de cogitação. Quanto ao número de entradas no dicionário, depende do objetivo a que ele se destina, girando em torno de 5.000 a 100.000 palavras-entrada.

A redação dos verbetes deve ser discutida entre o coordenador do trabalho e a equipe. “*Todo verbete tem um formato típico: após a palavra-entrada na sua forma canônica ou lema, vem a indicação da categorização léxico-gramatical da mesma.*” (BIDERMAN, 1980, p. 31). Em seguida, vem a definição parafraseada de significado da palavra. No geral, esses são os principais passos a serem tomados na confecção do dicionário, não se esquecendo, obviamente, da definição lexicográfica.

A definição lexicográfica e a definição lógica se recobrem até certo ponto, mas apresentam diferenças notáveis. Provavelmente a mais importante delas está em que, enquanto a definição lógica tem de identificar de modo inequívoco o objeto definido (definiendum) de tal modo que ele deva, por um lado, contrastar radicalmente com todos os outros objetos susceptíveis, e por outro lado, caracterizar-se de modo positivo e inequívoco como membro da classe mais próxima, a definição lexicográfica enumera os mais importantes traços semânticos da unidade léxica que bastem para distingui-la das outras unidades. (BIDERMAN, 1980, p. 32)

São vários os formatos de verbetes, mas não se estenderá muito o assunto, , pois, nesta pesquisa, será seguido mais ou menos o formato de Biderman, que será melhor explicado no capítulo IV.

O importante é ressaltar que a melhor maneira de se trabalhar o significado de um verbete é estabelecer paráfrases explicativas; não se deve ficar usando sinônimos explicativos, o que cansa o leitor e não contribui muito para o entendimento da palavra. Os sinônimos devem ser considerados somente para tornar a microestrutura mais completa e ajudar a ampliar a competência vocabular do falante, dado o conhecimento das relações semânticas entre as palavras. Quanto ao contraste, ou seja, os antônimos, têm eles um enorme efeito esclarecedor e distintivo para a mente humana:

Os vários vocábulos ligados entre si pela significação-sinônimos, antônimos e parônimos – compõem um leque de valores e de empregos diferentes uns dos outros, embora próximos. Esses empregos se originam

não apenas no fenômeno da significação em si, mas nas especificações que o uso lingüístico estabelece. Correlacionados com os registros ou níveis de linguagem na maioria das vezes. (BIDERMAN, 1980, p. 40)

Ou seja, são os significados sinônimos, antônimos e parônimos que ajudarão na melhor interpretação do verbete, estabelecendo especificações de uso lingüístico, por estarem, na maioria das vezes, intimamente relacionados com os registros ou níveis de linguagem. Enfim, quanto mais clara for a informação do verbete para o consulente, melhor será para o dicionarista, por isso, com a base de dados selecionada, cabe a ele estabelecer os critérios mais claros para a confecção do dicionário, sempre lembrando que os exemplos devem ilustrar, da melhor forma possível, os significados da palavra-entrada e seus usos. A função do verbete é esclarecer um lexema para um falante que o desconhece, ou tenha pouca noção de seu significado. *“O dicionário unilíngüe constitui uma das grandes instituições lingüísticas e culturais de uma sociedade, exercendo uma função normativa e prescrita.”* (BIDERMAN, 1980, p. 41) Sua atualização deve ser freqüente, dado o afluxo contínuo de novos termos, com os avanços sociais, culturais, técnicos e científicos do mundo.

Borba (2003) tem a seguinte opinião: um dicionário monolíngüe é um acervo de palavras recolhidas ao longo dos anos, sem preocupações maiores com testes de uso. Sua ampliação segue uma mesma linha, sempre baseando-se uns nos outros.

Considerando o que foi exposto, para a confecção do glossário tem-se que responder primeiro a uma pergunta : “O que é um glossário? Espera-se que, com a resposta, seja possível elaborá-lo de forma acertada. Por isso, a pergunta será respondida com definições dadas por Boutin (1985); Dicionário Eletrônico Houaiss

(2001); Dicionário Eletrônico Aurélio (2001); Dicionário Didático do Português da professora Biderman (1998); Dicionário Escolar da Língua Portuguesa de Bueno (1986) e ainda Barbosa (2001), que define dicionário, vocabulário e glossário.

De acordo com Boutin (1985), glossário é um repertório que define ou explica os termos velhos, raros ou desconhecidos⁹. O Dicionário Aurélio (2001) traz quatro definições para o vocábulo: glossário de origem latina **glossário**, substantivo masculino; a) vocabulário ou livro em que se explicam palavras de significação obscura: elucidário; b) Dicionário de termos técnicos científicos, poéticos, etc.; c) Vocabulário que figura como apêndice a uma obra, principalmente para elucidação de palavras e expressões regionais ou pouco usadas; d) Léxico de um autor, que figura, em geral, como apêndice a uma edição crítica.

O Dicionário Houaiss (2001) registra cinco definições para o substantivo masculino glossário: a) Rubrica: história, bibliografia, na Idade Média e Renascença, reunião, na parte final de um manuscrito ou enfeixada num volume próprio, de anotações antes interlineares (glosas), sobre o sentido de palavras antigas ou obscuras encontradas nos textos; b) dicionário de palavras de sentido obscuro ou pouco conhecido, elucidário; c) conjunto de termos de uma área do conhecimento e seus significados; vocabulário. Ex.: g. de botânica; d) pequeno léxico agregado a uma obra, principalmente para esclarecer termos pouco usados e expressões regionais ou dialetais nela contidas; vocabulário; e) Rubrica.

Biderman (1998), em seu *Dicionário Didático de Português*, define glossário como sendo uma lista de palavras em que se explica o significado e o uso desses

⁹ – Répertoire qui définit ou explique des termes anciens, rares ou mal connus. (BOUTIN, Rachel. *Vocabulaire systématique de la terminologie*. 1985, p. 22) [tradução da pesquisadora].

vocábulos. A autora explica que, em seu dicionário, há um glossário no final, com a explicação das palavras difíceis, técnicas, a fim de facilitar a sua leitura. Complementa a definição anterior, dizendo que, nos séculos VIII e XIX, o latim se tornara uma língua tão pouco conhecida que alguns escreveram glossários para ajudar o leitor na compreensão do texto latino da Bíblia. // pl.: glossário / cf: dicionário, vocabulário.

O significado dado por Bueno (1986) oferece uma mostra de como a definição do vocábulo glossário sofreu alterações no decorrer de dezoito anos. Segundo o autor, glossário é um vocabulário de termos que necessitam de explicação. A definição é bem resumida e está muito próxima das anteriores.

Para Barbosa (2001), enquanto o dicionário é responsável por reunir locuções e expressões, o glossário interpreta palavras antigas, obscuras, contém glosas e o vocabulário se refere tão-somente a uns poucos vocábulo de um texto, que são interpretados para estudantes ou para outras finalidades. Ainda de acordo com Barbosa (2001), o glossário pode receber interpretações distintas, em lexicografia: repertório de palavras destinadas a explicar um texto medieval ou clássico, a obra de um autor, um texto dialetal, etc.; repertório de palavras, em muitos casos, de termos técnicos (monolíngüe ou plurilíngüe), que não pretende ser exaustivo, e a seleção de palavras de fato são mais ou menos ao acaso; por exemplo, glossário de termos ecológicos. Já “*o dicionário caracteriza-se por ser um repertório estruturado de unidades lexicais contendo informações lingüísticas sobre cada uma dessas unidades.*” (BARBOSA, 2001, p. 27)

Sendo glossário aquele que explica vocábulos desconhecidos; vocabulário em que se explicam palavras de significação obscura; conjunto de palavras de uma área do conhecimento e seus significados; lista de palavras a partir de que se subtrai o significado e o uso dos vocábulos; e vocabulário de termos que necessitam de explicação, pretende-se, agora, elucidar os vocábulos desconhecidos e obscuros, denominados neologismos, da obra *Eu e outras poesias* de A.A. As definições anteriores ajudaram a esclarecer que a intenção não é a de ultrapassar os limites da criação de um glossário dos neologismos constantes na obra pesquisada, ou seja, não se pretende criar um dicionário, a não ser, quem sabe, num futuro próximo, partindo-se do que, hoje, configura-se como uma iniciação..

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DO *CORPUS*

Com base nas orientações dos capítulos anteriores, será feita, agora, a construção, propriamente dita, do glossário dos neologismos constantes na obra *Eu e outras poesias* de A.A.

4.1 A Macroestrutura e a Microestrutura do Glossário

Nessa altura do trabalho, e claro, resgatando toda a discussão teórica metodológica anterior, cumpre salientar a necessidade de se explicar a macroestrutura do glossário; para isso, foi feito um estudo da macroestrutura dos dicionários de Biderman (1998) e Martins (2001). Tal estudo foi realizado em dicionários, e não em glossários, o que seria o certo, porque a pesquisadora não teve acesso a nenhuma obra que tratasse, especificamente, da construção de glossários.

Biderman (1998) afirma que um dicionário é um repositório da riqueza vocabular de uma língua. Ele reúne muitas informações, até mesmo do que se tem do mundo. Mas não é só isso, as palavras nele arroladas dão testemunho de uma cultura,

no caso da língua, registram símbolos da nossa cultura, como também de muitas outras; com isso fica enriquecido o universo cultural de um povo, pois estes passam a fazer parte do nosso mundo, sendo registrados no nosso vocabulário por intermédio de novas palavras. Por isso, há tantas palavras estrangeiras e conceitos importados de outros povos.

Apesar de haver regras para a seleção vocabular de um dicionário, essas não são seguidas, na maioria das vezes, pelos dicionaristas, segundo estudos de lexicógrafos, a não ser em um trabalho como este, que tem objetivo claro, no caso fazer um estudo dos neologismos encontrados na obra em questão. É também o caso do estudo de Martins (2001), que trabalhou o léxico de Guimarães Rosa. A autora selecionou, de preferência, os vocábulos empregados com algum valor estilístico mais acentuado, vocábulos com alguma expressividade particular, como neologismos, arcaísmos ou vocábulos arcaizantes, empréstimos, onomatopéias, palavras populares, regionais ou eruditas. Ou seja, não foram incluídos vocábulos do léxico básico da língua, e não foi fácil a seleção vocabular, por isso a dúvida a respeito da inclusão ou não de determinadas palavras e, inevitavelmente, omissões e arrolamentos supérfluos de vocábulos.

Quanto ao inventário realizado, figuraram cerca de 8.000 palavras, sendo que trinta por cento das escolhidas foram dadas como não dicionarizadas. A autora deixa claro que tais palavras não foram encontradas nos dicionários de exclusão, ou em outros consultados eventualmente, mas podem ser encontrados em outros não consultados. Além dos dicionários de exclusão, Martins (2001) também consultou enciclopédias e dicionários de outras línguas.

A referida autora não incluiu nomes próprios, apesar de terem inegável importância estilística, pois, sendo a sua função primeira identificar pessoas, animais, lugares, não têm eles um significado a explicitar. Outro motivo poderia ser o fato de serem numerosos e ultrapassarem os limites assumidos. Quanto aos nomes botânicos e zoológicos, de início, seriam arrolados em um apêndice, mas considerando seu valor poético, foram inclusos no corpo do vocabulário.

Depois de algumas leituras acerca do sistema de macroestrutura, este glossário foi embasado, conforme afirmado no capítulo I, no sistema de entradas de Biderman (1998). O glossário a seguir não incluirá numerosos vocábulos, mas todos os neologismos constantes na obra *Eu e outras poesias, de A.A.*, independente de serem de áreas técnicas ou não. Ou seja, constam no repertório desse glossário todas os vocábulos que não foram encontrados nos dicionários de exclusão do capítulo I. E trata-se de um glossário destinado a alunos de graduação de primeiro e segundo graus e a todos que se interessarem pelo assunto.

Será um glossário contextual. Não há nenhuma entrada, ou aceção de palavra, que não esteja explicitada por um contexto. Na verdade, não se conseguiria evidenciar claramente o sentido dos neologismos fora de seus contextos, pois, segundo Biderman (1998), no âmbito da Lexicografia Portuguesa, a inovação será a exemplificação sistemática dos significados e usos de toda e qualquer palavra e de cada aceção de um vocábulo. Acredita-se que a exemplificação seja mais uma importante fonte de informação, uma vez que o glossário servirá quase que exclusivamente para estudantes, cuja carência vocabular é visível, o que exige de dicionários e glossários uma leitura cada vez mais eficaz. Por isso, o apoio de macroestrutura deste glossário centra-se no trabalho realizado por Biderman (1998), em seu Dicionário Didático do Português, pois ela acredita no dicionário

contextualizado, em que sempre o significado e/ou o uso seja clarificado pelo exemplo. No caso do glossário dos neologismos do *Eu e outras poesias*, são usados como exemplos o próprio contexto.

Sobre as informações existentes no glossário, não serão considerados os aspectos fonéticos, fonológicos e ortográficos, que Biderman adotou em seu dicionário, pois como já se disse, trata-se de um glossário, preocupado apenas com o sentido. E sobretudo porque, de acordo com a autora, as normas ortográficas não estabelecem princípios claros para a separação silábica, quando ocorrer encontros vocálicos em que o primeiro elemento é uma semivogal /y / ou /w / - grafada i ou u – podendo formar uma sílaba com a vogal seguinte. Dependendo da velocidade da prolação, pode-se pronunciar esse encontro como ditongo (dito crescente) ou como hiato. Assim, seguindo sugestão de Celso Cunha, em sua gramática, a autora opta pela não separação, sobretudo em sílaba átona (pretônica ou postônica).

No trabalho de Biderman (1998), assim como nesta pesquisa, todas as palavras-entrada são seguidas imediatamente da categoria gramatical em que elas se classificam. No caso dos substantivos e adjetivos, indicam-se somente os dados do neologismo em estudo. O verbo é classificado pela autora de acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira: intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto, verbo de ligação. No estudo em questão, não foi analisado nenhum verbo. E, por se tratar de um glossário com caráter semântico, pois os neologismos só existem devido a possibilidade semântica, não se adentrará em seus aspectos gramaticais, pois a ordenação dos significados e usos é norteadada pelo sentido.

Cumpra salientar, para não haver dúvidas, que todos os poemas selecionados para análise, com seus respectivos neologismos, foram escolhidos com vistas a um único objetivo: dentro da obra poética de A.A, entende-se que os mesmos são significativos em termos de **amostra**, para comprovar a **hipótese** e o **argumento** de que as lexias usadas por A.A. têm valor diferente dos vocábulos já lexicalizados, são palavras que, no contexto, atualizam um sema novo.

Que isto fique bem claro, e que o leitor não espere nada além disso, posto que a análise dos neologismos em A.A, sendo qualitativa e não quantitativa, está toda permeada pela perseguição desse objetivo acima pontuado. E que fique bem claro, também, que as palavras consideradas como neologismos não foram encontradas nos dicionários que serviram de base de pesquisa. É possível que se encontrem em outros que não se pôde utilizar. Como exclusão final, tomou-se como base o dicionário Aurélio Buarque de Holanda (1999) por ser de comum acesso a todos.

Falou-se em “análise”, justamente, porque, antes da criação do glossário propriamente dito, foram estabelecidas definições explicativas das possíveis bases dos neologismos, dadas por Silva (1844; 1949); Fonseca (1926); Bastos (1928) e Machado (1952). Isto foi feito antes do estabelecimento de seu sentido, pois, como se partiu da hipótese de que tais neologismos, dentro do contexto da obra poética de A.A., atualizam um sentido diferente do dicionarizado, tem-se que comprovar, apresentando-se, primeiro, o sentido já existente das bases e, em seguida, a confirmação de que, dentro do contexto, a formação neológica, a partir destas bases, apresenta sentidos diferentes.

Quando se diz que serão dadas definições dos vocábulos considerados neologismos, é porque se aceita a teoria de que estes surgem de uma base já

lexicalizada, e é justamente essa base, juntamente com seus prefixos ou composição que será analisada. Sem tal análise, não haveria subsídios para afirmar que os neologismos utilizados por A.A. adquirem sentidos diferentes das bases existentes, por isso são considerados neologismos, carentes de um glossário para clarear seus sentidos, especificamente, dentro deste contexto.

O glossário tem a seguinte formatação: primeiramente vem a palavra considerada neologismo em sua forma contextualizada, em seguida, são apresentadas as definições das bases e seus componentes descontextualizados, de acordo com os autores acima; logo depois, vem a abonação ou sistema de remissivas, com o vocábulo destacado em negrito entre os símbolos < >; posteriormente, é feita a análise explicativa do sentido do neologismo contextualizado e, por fim, o texto explicativo com o sentido do neologismo. Ressalte-se, ainda, que a análise explicativa do vocábulo parte, primeiramente, de uma análise das bases e de seus componentes, para, em seguida, chegar ao sentido da lexia contextualizada, pois conforme a hipótese de pesquisa, o poeta adapta um sema novo ao vocábulo, sempre apoiado em uma base.

4.2 Glossário dos neologismos constantes no *Eu e outras poesias*.

4.2.1 Definição dos Dicionários

Antes da análise dos dados, foi feito um estudo das bases lexicais dicionarizadas originárias dos neologismos do “Eu e outras poesias”. Elas foram transcritas tal qual aparecem nos dicionários: Moraes (1844; 1949); Fonseca (1926); Bastos (1928) e Machado (1952). Por exemplo, a palavra **câncer**, grafada em (1844)

como **cancer**. O estudo vem comprovar que o poeta apoiou-se nas bases lexicais dos quadros, para a criação de suas lexias, mas os significados destas palavras descontextualizadas, nada têm a ver com os significados contextualizados, e a única forma de comprovar esta afirmação, foi demonstrando o significado dicionarizado da palavra e o significado dentro do contexto.

4.2.2. O glossário

001. CANCEROSIDADES

Bases Lexicais	Definição do Dicionário - Morais (1844)
Câncer	s. m. (do Lat.) Signo celeste do Zodíaco que se representa por um caranguejo; é o de 21 junho, tempo em que o sol principia a retroceder da sua marcha aparente. V. cancro (signo, e chaga); fig. “ cancer da republica” M. Lus ¹⁰ .
Cancerar	v. a. (do Lat. Cancerare) Fazer degenerar, ou formar-se em cancer, ou cancro. Cancerar-se: formar-se em cancro; e fig. na culpa: afistular-se, inveterar-se no mau habito, que vai destruindo a consciencia moral; tê-la destruída ¹¹
Canceroso	A, adj. Da natureza do cancer. Em estado da chaga cancerosa: “chagas velhas, e cancerosas” T. d’Agor. 1. 4. ¹²

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Fonseca (1926)
Canceroso	adj. (Med.) Que tem a natureza de cancro ¹³ .
Cancer	s. m. (Astr.) signo zodiacal// (astr. E geogr.) Trópico de cancer e do hemispherio austral, caranguejo cancro ¹⁴ .
Cancerar	v.n. (Med.) Tornar-se canceroso// v.r. Cancerar.// (Fig.) Inveterar-se: Cancerar na culpa ¹⁵ .

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Bastos (1928)
Canceroso	[rô]. adj. que tem os caracteres ou natureza de câncer. [De câncer] ¹⁶
Câncer	[kân-ssér], s. m. (astr.) constelação zodiacal; cancro; (astr.) trópico de câncer, o trópico austral (Do lat. Cancer) ¹⁷ .

¹⁰ SILVA, Antônio de Morais. *Dicionário da língua portuguesa*, 1844, p. 370).

¹¹ Ibid., p. 370.

¹² Ibid., p. 370.

¹³ FONSECA, Simões da. *Novo dicionário encyclopédico ilustrado da língua portuguesa*. 1926, p. 287.

¹⁴ Ibid., p. 287.

¹⁵ Ibid., p. 287.

¹⁶ BASTOS, J. T. da Silva. *Dicionário etymológico, prosódico e orthográfico da língua portuguesa*. 1928, p. 286.

¹⁷ Ibid., p. 286

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Morais (1949)
Canceroso	(ô), adj. (do lat. cancerosu-). Da natureza do cancro. // Em estado de chaga cancerosa: <<chagas velhas e cancerosas>>, Templos de Agora, I, 4; <<Removeram-no para Lisboa, mas tão ferido e canceroso da perna, que lha cortaram logo>> ¹⁸ .
Câncer	s. m. (do lat. cancer). O mesmo que cancro, úlcera e caranguejo: <<...tentou-o na própria carne, cobrindo-o de lepra e câncer e fazendo-o todo uma chaga>> P. Antônio Vieira, Sermões, I 823. // Constelação zodiacal, correspondente ao trópico do hemisfério boreal ¹⁹ .

Base Lexical	Definição do Dicionário – Machado (1952)
Câncer	s. Do lat. cancer, <<caranguejo (Plínio, Nat. Hist., IX, 97); o câncer, signo do Zodíaco; poet., O sul; calor violento; cancro>>; por via culta. Séc. XVI. <<... deita-se morda e queimada na chaga, logo como todo o cancer, a cria couro novo>> Fernão Cardim, Tratados da Terra e gente do Brasil, p. 75, ed. de 1925. Daí: cancerrado, do lat. canceratu, <<canceroso>>; no séc. XV: <... a brelhe onde estiver inchado, e tudo o que estiver cancerrado (sic) o corta...>>, Livros de Falcoaria em Boletim de Filologia, I, p. 227; cancerar, do lat. cancerãre, cancerar-se, gangrenar-se>>; séc. XIX, D. V., vj., no entanto, o anterior; cancéríde, de cancer; séc. XIX, D.V.; canceriforme, de canceri, de câncer + -forme; id. J canceroso, do lat. cancerosu, <<canceroso>>; id. // cancro do lat. cancer / cancrus, crancus, crancus; cf.: mout – Meillet, s.v.) ²⁰

Abonação:

OS DOENTES

III

Dormia embaixo, com a promíscua véstia
 No embotamento crasso dos sentidos,
 A comunhão dos homens reunidos
 Pela camaradagem da moléstia.

Feriam-me o nervo óptico e a retina
 Aponevroses e tendões de Aquiles,
 Restos repugnantíssimos de bÍlis,
 Vômitos impregnados de ptialina.

Da degenerescência étnica do Ária
 Se escapava, entre estrépitos e estouros,
 Reboando pelos séculos vindouros,
 O ruído de uma tosse hereditária.

Oh! Desespero das pessoas tísicas,
 Adivinhando o frio que há nas lousas,
 Maior felicidade é a destas cousas

¹⁸ SILVA, Antônio de Morais. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 1949, p. 827

¹⁹ Ibid., p. 827

²⁰ MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 1952, p. 484.

Submetidas apenas às leis físicas!

Estas, por mais que os cardos grandes rocem
Seus corpos brutos, dores não recebem;
Estas dos bacalhaus o óleo não bebem,
Estas não cospem sangue, estas não tosem!

Descender dos macacos catarríneos,
Cair doente e passar a vida inteira
Com a boca junto de uma escarradeira,
Pintando o chão de coágulos sangíneos!

Sentir, adstritos ao quimiotropismo
Erótico, os micróbios assanhados
Passearam, como inúmeros soldados,
Nas <**cancerosidades**> do organismo!

Falar somente uma linguagem rouca,
Um português cansado e incompreensível,
Vomitando o pulmão na noite horrível
Em que se deita sangue pela boca!

(In: A.A., Os doentes III, 1983, p. 108)

Vocábulo: **cancerosidade** s. m.

Análise: Observa-se que alguns dicionários trazem três bases para a formação do neologismo <**cancerosidades**>. Morais (1844) trabalha as bases: a) **câncer**, cujo significado refere-se ao signo celeste do Zodíaco, representado pelo caranguejo, ou seja, ele trabalha o significado da Astrologia; b) o verbo **cancerar** com sentido de *fazer degenerar* ou *formar-se em câncer*, algo que vai destruindo a consciência moral e por fim c) o adjetivo **canceroso** que também está ligado ao câncer, doença que implica em chagas velhas e cancerosas. No dicionário de (1949), Silva também trabalha o significado de **cancerôso** e **câncer** ambos quase que com o mesmo significado da sua edição de (1844,) só tornou as bases um pouco mais sombrias com os exemplos que trouxe, porque nesta edição, ele acrescenta a lepra, como se câncer e lepra fossem palavras sinônimas.

Simões da Fonseca (1926) também traz três entradas que podem funcionar como bases para a criação do neologismo <**cancerosidades**>: a) *canceroso* adjetivo que tem a natureza de cancro; b) *cancer* substantivo masculino que está relacionado a Astrologia e a Geografia, como signo zodiacal e trópico de Câncer e do hemisfério austral; c) já a base *cancerar* é um verbo da Medicina que pode tornar alguém canceroso, mas o mais interessante no significado deste dicionário é o exemplo que ele traz com o sentido figurativo de inveterar-se, que o mesmo que cancerar na culpa.

Bastos (1928) também trabalha as bases *canceroso e câncer*, a primeira também refere-se ao cancro e a segunda, como nos exemplos anteriores, refere-se a constelação zodiacal e ao trópico de câncer, o trópico austral. Já Machado (1952) traz somente uma entrada com a palavra *câncer*, mas no significado do vocábulo são citadas todas as outras entradas trabalhadas pelos outros dicionários, denotando quase que o mesmo sentido, conforme exemplos acima.

Isso implica dizer que as bases acima, do ponto de vista de uma análise descontextualizada, estão intimamente ligadas à área da medicina, denotando a doença do câncer, aquele que sofre com o mal do tumor canceroso; à Astrologia, com o signo do câncer, ligado ao caranguejo, signo do mês de junho; à Geografia, que retrata o hemisfério austral.

Contudo, não se pode dizer o mesmo, quando se analisa o sentido da palavra derivada contextualizada, pois, dessa forma, o vocábulo ultrapassa a simples idéia da doença do câncer, ou refere-se à Astrologia ou à Geografia astral.

No contexto, <**cancerosidade**> representa as partes doentes do corpo, as partes do organismo sobre as quais os micróbios passeiam assanhados, tomam conta

como se fossem soldados, pois estes órgãos já estão em decomposição, deformados como acontece com o câncer. Exemplos de **cancerosidades** seriam o pulmão doente a escarrar sangue, contaminado pela pneumonia, outra, o nervo óptico, a retina e os tendões de Aquiles, todos os exemplo anteriores são **cancerosidades**, órgãos doentes, disformes como um tumor cancerígeno.

Isso comprova que A.A. criou o neologismo a partir de uma das bases acima, denotando um novo sema ao vocábulo. Porém, percebe-se que em alguns significados dos dicionários, como em Silva (1844), a base *canceroso* denota algo disforme e velho, ou seja, é um sentido negativo de sofrimento, como para o vocábulo **cancerosidades** utilizado por A.A., que representa as partes podres, doentes do organismo humano, e isso fica bem enfatizado com o uso do sufixo –dade, que concebe ao substantivo <**cancerosidades**> um modo de ser, ou melhor dizendo, um estado disforme de alguns órgãos do organismo que são tomados pelos micróbios por estarem doentes, que agem como soldados detentores da podridão do organismo.

Sentido: Cancerosidades s. m. Partes doentes do organismo, componentes do corpo que estão em decomposição, por isso disformes, como o câncer. Órgãos doentes do corpo humano que são tomados pelos micróbios, seus detentores, por isso assumem formatos do câncer, ou seja, assumem uma aparência disforme, que não condiz com sua forma original, muito semelhante ao tumor cancerígeno, mas não é o câncer.

002. DEUS-VERME

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Morais (1844)
Deus,	s. m. (do Lat.) A Etymologia, e pronuncia concorrem a ensinar, que assim se escreva; mas V. Deos, por uso ²¹ .
Deos,	(ort. Philos.) ou Deus, (melh. orth. Por ser etym. Do Lat. Deus, do Gr. Theos; ou Zeus, que os Dorios escrivão Deus, nome de Jupiter) s. m. O Ente Supremo. Infinito em todas as suas perfeições, Sempiterno, criador do Universo. Deuses ²² .
Verme,	s. m. (do at. <i>Vermus</i>) Bicho que se cria nos frutos, na terra, nas árvores, no corpo animal, nas conchas. Azur. Prol. “seremos torpe vianda de vermes, depois de mortos” insectos que destroem as lavouras. V. Vermee ²³ .
Vermêe.	V. Verme. Pina, chr. Sanch. I. f. 41. 2. “multidão de vermêes” insectos, bichos damnosos á agricultura ²⁴ .

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Fonseca (1926)
Deus	s. m. (Philos). Entre supremo e existente por si mesmo a causa necessária e fim ultimo de tudo que existe.// Em Theologia christã, entre tríplice e uno, infinitamente perfeito livre e inteligente creador e regulador do universo.// Cada uma das pessoas da Trindade Christão.// Deus homem e filho de Deus, Jesus Cristo// Deus menino, o menino Jesus.// Nas religiões polytheistas ente immortal da personificação masculina superior aos homens e os genios e a que se atribue uma influência especial ordinariamente benéfica nos destinos do universo ²⁵ .
Verme	s. m. (zool.) Bichinho sem vertebras que se cria nos frutos, na madeira no corpo vivo, verme solitaria, a tênia ²⁶ .

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Bastos (1928)
Deus	[dê-us], s. m. princípio superior; a causa de todo o existente; divindade; (fig.) personagem que, por qualidades excepcionais, se impõe à admiração; objeto de um culto ou admiração. [Do lat. deus] ²⁷ .
Verme	[vér], s. m. minhoca; gusano; animal intestinal; helmintho; larva; (fig.) aquele que corre lentamente. (Do lat. vermis) ²⁸ .

²¹ SILVA, Antônio de Morais. Dicionário da língua portuguesa. 1844, p. 662.

²² Ibid., p. 581.

²³ Ibid., p. 911.

²⁴ Ibid., p. 911.

²⁵ FONSECA, Simões da. *Novo dicionário encyclopédico ilustrado da língua portuguesa*. 1926, p. 453.

²⁶ Ibid., p. 1293.

²⁷ BASTOS, J. T. da Silva. *Dicionário etymológico, prosódico e orthographico da língua portuguesa*. 1928, p. 494.

²⁸ Ibid., p. 1387.

Base Lexical	Definição do Dicionário – Silva (1949)
Deus,	s. m. (do lat. Deus). O Ente Supremo, criador do Universo: <<Reynou Asa em Judá onze annos e foy muy boom e muy direito e temia Deus e quebranto todollos idollos que achou em as terra>>, Livro de Linhagens IV, em Portugaliae Monumenta Historica, Scriptorum, I, 233 ²⁹ .

Base Lexical	Definição do Dicionário – Machado (1952)
Deus;	s. Do lat. deus, nominativo, << deus divindade; fig.; falando de alguém um deus, na literatura cristã, Deus >>; a presença do –s revela o intermediário culto, certamente eclesiástico. Séc. XIII. - <<digas me mandado dela, por Deus >>, D. Gil Sanchez, em R.B.N. n.º [22].// Adeus redução da frase de despedida: << Dias há que não perdi outro tanto tempo como agora. Deixote a Deus>> Sá de Miranda, Vilhalpondos I. Cena 3, vol. II, p. 202, ed. de 1937; deicola do lat. déicōla, << adorar de Deus >> id; deidade; do latim deitāte-, <<divindade, natureza divina >> séc. XV; <<... em cujo ventre da virtuosa pureza fez a deidade graciosa morada...>> Azurar cronica da Tomada de Ceuta, cap. I, p.7, ed. de 1915. Diva do lat. “deusa” pelo it. diva; séc. XIX, D. V. na acepção de <<deusa>> a teatral no séc. XX; divo do it. divo do lat. <<deus>> séc. XX; na acepção de “Deus” e latinismo: <<Aqui so verdadeiros gloriosos / Diuos estão>> Camões Lusíadas, X 82. Divinal do lat. divinale, << relativo a Deus >>; séc. XV: <<... lhe appareceo Jesu xpõ em cruz de cinco Reis, p. 224, ed. 1945. Divinatrix do lat. divinatrix << adivinha bruxa >>. Natureza divina; excelência, perfeição>> séc. XV, divino do latim divinu -, << de Deus aos Deuses divino que adivinha, profético extraordinário maravilhoso divino, em referência aos imperadores; séc. XVI: << Do rosto respirava hum ar divino >> Camões, Lusíadas I, 22. Vj. Adivinhar ³⁰ .

Abonação:

O <Deus-Verme>

Fator universal do transformismo.
Filho da teleológica matéria,
Na superabundância ou na miséria,
Verme – é o seu nome obscuro de batismo.

Jamais emprega o acérrimo exorcismo
Em sua diária ocupação funérea,
E vive em contubérnio com a bactéria,
Livre das roupas do antropomorfismo.

Almoça a podridão das drupas agras,
Janta hidrôpicos, rói vísceras magras
E dos defuntos novos incha a mão...

Ah! Para ele é que a carne podre fica,
E no inventário da matéria rica
Cabe aos seus filhos a maior porção!
(In.: A. A. O Deus-Verme, 1983, p. 85)

Vocábulo: **Deus-Verme** s. m.

Análise: Analisando as bases **Deus** e **Verme** sob um ponto de vista descontextualizado, percebe-se que há uma oposição entre as duas, pois, não se poderia deixar de tecer alguns comentários de como é surpreendente que o poeta crie um neologismo a partir de duas palavras completamente opostas, uma (**Deus**), designa tudo o que existe de limpo, puro, real e verdadeiro; já a outra (**verme**), refere-se a tudo o que há de imundo, impuro e podre. Mas essa oposição é justamente para trabalhar o sema novo que será criado para o substantivo **Deus**. Há também a hipótese de uma adjetivação do substantivo **Deus**, mas considera-se a forma **Deus-Verme**, por isso o vocábulo foi classificado como sendo um neologismo

As oposições acima são claras, pois, de acordo com Silva (1844; 1949), **Deus** é definido como sendo o nome de Júpiter, o ente supremo, infinito em todas as suas perfeições, eterno e criador do Universo. Fonseca (1926) também define **Deus** como ente supremo, em Teologia infinitamente perfeito, livre e inteligente, criador e regulador do Universo. Bastos (1928) define **Deus** como princípio superior; a causa de todo o existente; divindade, que inspira admiração. Machado (1952) também define **Deus** como divindade maior, extraordinário, maravilhoso, divino.

Já **Verme** é definido por Silva (1844; 1949) como inseto, bicho danoso à agricultura. Fonseca (1926) define **Verme** como bichinho sem vértebras que se cria nos frutos, na madeira, no corpo vivo, verme solitária, a tênia. Para Bastos (1928), **Verme** é uma minhoca, gusano, animal intestinal, helmintho, larva, aquele que corre lentamente. Não se colocará a definição de Machado (1952) porque não havia o volume em que constava a palavra, no acervo consultado.

²⁹ SILVA, *Grande dicionário da língua portuguesa*. 1949, p.18.

As definições anteriores são colocadas do ponto de vista de uma análise descontextualizada. Não se pode dizer o mesmo, quando se analisa o sentido da palavra por composição contextualizada, pois o sentido criado pelo autor ultrapassa a idéia de **Deus** como criador do Universo, princípio superior, causa de toda existência, divindade digna de admiração, extraordinário, maravilhoso, infinito, perfeito e eterno; pelo contrário, o vocábulo **Verme** vem justamente para quebrar todos esses adjetivos perfeitos, porque aquele que era um fator universal do transformismo, filho da teleológica matéria, seja na superabundância ou na miséria, passa a ser o **Verme**, aquele que vive em contubérnio com a bactéria, que almoça a podridão das drupas agras, rói vísceras magras e guarda para mais tarde os defuntos novos.

É como se o poeta, desgostoso com a vida, não acreditasse mais em um ser superior, comparando-o a um **Verme** podre e impuro. Então, esse **Verme** seria o próprio **Deus** criador do Universo e destruidor também deste Universo, pois **Verme**, nesse caso, aparece como algo destruidor, mais ou menos com o sentido negativo que os dicionários trazem, que gosta do que é podre e destrói tudo que encontra pela frente, por isso **Deus** passa a ser um **Deus-Verme**, como o bichinho que destrói as plantações.

Sentido: Deus-Verme s. m. Ser que convive com a bactéria, nutre-se da podridão, rói vísceras, dilacera defuntos. Ser impuro, destruidor do Universo, que tem preferência por tudo que é podre, alimenta-se de restos humanos e destruidor do Universo.

³⁰ MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 1952, p. 770-771.

003. HIPERCULMINAÇÃO

Bases Lexicais	Definições dos Dicionários – Morais (1844; 1949)
Hiper-,	pref. ou elem. (do gr. Hyper) de composição que exprime a idéia de muito, superioridade, aumento, exagero, excesso, hiperalgesia, hipérbole, etc ³¹
Culminação,	s. f. (de culminar). Astr. O ponto mais alto que um astro atinge acima do horizonte ³²
Culminação,	s. f. t. d'Astr. Passagem de um astro pelo meridiano ³³

Bases Lexicais	Definições do Dicionário – Fonseca (1926)
Hiper	O dicionário não registra.
Culminação,	s. f. (Astr.) passagem pelo meridiano ³⁴

Bases Lexicais	Definições do Dicionário – Bastos (1928)
Hiper	O dicionário não registra.
Culminação,	s. f. o ponto mais alto, que um astro atinge (De culminar) ³⁵

Bases Lexicais	Definições do Dicionário – Machado (1952)
Hiper	Elemento de composição culta que traduz as idéias de << além de (excessivo); acima de >> do gr. ὑπερ, << acima de, sobre; além de, para além de, a favor de; no lugar de, em nome de; por causa de; mais que; melhor que >> em lat. hyper- hiperacusia de hiper + acusia, hiperalgesia, << muito doloroso, extremamente aflito>>, << crescimento excessivo; hipérbalo; hiperbaton>>; <<universão, figura de retórica e gramática, pelo lat. hyperbâtôm, mesmo sentido; sec. XVIII, Segundo Morais ³⁶
Culminação	O dicionário não registra.

Abonação:

Canto de Onipotência

Cloto, Átropos, Tifon, Laquesis, Silva...
E acima deles como um astro, arder,
Na <hiperculminação> definitiva
O meu supremo e extraordinário Ser!

Em minha sobre-humana retentiva
Brilhavam, como a luz do amanhecer,
A perfeição virtual tornada viva
E o embrião do que podia acontecer!

Por antecipação divinatória,
Eu, projetado muito além da História,

³¹ SILVA, Antônio de Morais. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 1949, p. 733 – v.5.

³² Ibid., p. 746 – v. 3.

³³ SILVA, Antônio de Morais. *Dicionário da língua portuguesa*. 1844, p. 550.

³⁴ FONSECA, Simões. *Novo dicionário encyclopédico ilustrado da língua portuguesa*. 1926, p. 323.

³⁵ BASTOS, J. T. da Silva. *Diccionario etymológico, prosódico e orthográfico da língua portuguesa*. 1928, p. 431.

³⁶ MACHADO, José Pedro. *Diccionario etimológico da língua portuguesa*. 1952, p. 1177.

Sentia dos fenômenos o fim...

A coisa em si movia-se aos meus brados
E os acontecimentos subjugados
Olhavam como escravos para mim!

(In: A.A. Monólogo de uma sombra. 1983, p.192)

Vocábulo: **hiperculminação** s. f.

Análise: Conforme explicações anteriores, o prefixo **hiper-**, de acordo com Morais (1949) e Machado (1952), exprime a idéia de *muito, superioridade, aumento, exagero, excesso, além de, acima de*, etc. Já a base **culminação**, para Morais (1844; 1949); Fonseca (1926); Bastos (1928), está ligada à Astrologia e designa *o ponto mais alto que um astro atinge, ou a passagem pelo meridiano*.

Observa-se que o vocábulo <**hiperculminação**>, do ponto de vista de uma análise descontextualizada, pode ser analisado, primeiro pela junção do prefixo **hiper-** + a base **-culminação**. O prefixo **hiper-**, conforme já foi visto, significa *sobre, além de, acima de*; a base **culminação** está relacionada à Astrologia, que é a elevação que atinge um astro acima do horizonte. Não é este o sentido, contudo, quando se analisa o sentido da palavra derivada contextualizada, pois ele ultrapassa a simples idéia de *acima de, ou ponto mais alto que um astro atinge, ou mesmo a passagem pelo meridiano*.

O neologismo <**hiperculminação**>, dentro do contexto, seria a verdadeira luz da vida, ou como diz o poeta no segundo verso da segunda estrofe, a luz do amanhecer. A luz natural da vida, a perfeição divina, que atinge os limites além do horizonte, e essa perfeição acerta o poeta, antecipando-lhe o fim, em movimentos dez vezes mais que a velocidade da luz, ultrapassando, também, todos os deuses e deusas

do universo em altitude e velocidade. Por isso, implica o prefixo **hiper-** ultrapassa o sentido de excessivo normal, e, **culminação** também está além do ponto mais alto que atinge um astro, pois a luz da vida, a luz do amanhecer está além do ponto que um astro atinge no horizonte ou da passagem desse mesmo astro pelo meridiano

Sentido: Hiperculminação s. f. Luz da vida, perfeição divina, que ultrapassa a velocidade que um astro pode atingir no horizonte e está muito acima dos deuses e deusas do universo; luz do amanhecer, aquela que o homem nunca conseguiu atingir.

004. INTRA-ATÔMICA - INTRACEFÁLICA

Bases Lexicais	Definições dos Dicionários – Silva (1844; 1949))
Átomo,	s. m. (do Lat. atomus, do pref. priv. A, e do Gr. Temnô, eu corto, dividido, ou tomé, secção) Porção mínima, e elementar, de que constão os corpos, e que se considera como impartível, indivisível. Bern. Flor. I. f.273. Com. Eleg. II., fig. Porção mínima de qualquer cousa: “átomos de sua graça” Ined. 2. 219. Vieira. 3. 408. 1. Átomos, pl. os argueiros, ou partículas mínimas, que nadão na atmosphaera, e se veem á luz de alguma restia do Sol. Gallhegos, 2. 156. Hum átomo do tempo; a porção mínima de sua divisão. Avelhar, f. 7 v. e fig. Gomes Eannes. Prol. “Parte dos átomos d’aquella graça”. Em um; ou n’um átomo; form. Ad. Us. Muito depressa ³⁷ .
Átomo,	A, adj. Indivisível, Not. Astrol. Blut ³⁸
Intra-,	elem. (do lat. inter), prefixal de composição de palavra, em que entra com a significação de dentro, no interior de. Opõe-se-lhe extra ³⁹
Atômico,	adj. (de átomo). Quim. Relativo ou pertencente aos átomos, aos princípios dos corpos: << forças atômicas>> ⁴⁰ .
Átomo;	s. m. (do lat. atomu-, do gr. Atomos). Elemento material primário e hipotético da composição dos corpos, que se considera como indivisível e indefinidamente pequeno ⁴¹ .

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Fonseca (1926)
Atômico	Adj. Que tem relação com os átomos ⁴² .
Átomo	s. m. Elemento constitutivo dos corpos parte mínima-, pl. Partículas e porções mínimas indivisíveis tenuíssimas que fluctuam no ar, e se distinguem na luz restea do sol ⁴³ .

³⁷ SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. 1844, p. 247-248.

³⁸ Ibid., p. 248.

³⁹ SILVA, Antônio de Moraes. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 1949, p. 1020 – v. 5).

⁴⁰ Ibid., p. 200 – v. 2.

⁴¹ Ibid., p. 201 – v. 2

⁴² FONSECA, Simões da. *Novo dicionário encyclopédico ilustrado da língua portuguesa*. 1926, p. 185

⁴³ Ibid., p. 185

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Bastos (1928)
Intra...	pref. designativo de dentro ou para dentro ⁴⁴ .
Atômico	[tó], adj. relativo a átomo (De átomo ⁴⁵ .
Átomo	[á] s. m. partícula que se considera o último grau da divisão da matéria; coisa pequeníssima; parte mínima; insignificância; átomo, pl. argueiros ou corpúsculos levíssimos. [No estado actual da ciência, considera-se que não é o átomo o último grau da divisão da matéria, e sim o Elétron. V. Electron]. (Do gr. Átomos) ⁴⁶ .

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Machado (1952)
Intra	O dicionário não registra.
Atomo	Elemento de composição que indica as idéias de gás “vapor; em geral”: atmiatria de atmo- + iatria; atmizônico, << alcançar vapor,vaporizar-se>>; séc. XIX D,V.; atmorrinómetro; de atmo - + rino - + metro; atmosfera, de atmo - + esfera; séc. XVIII no vocabulário de Bluteau; atmosferografia de atmosfera + grafia; séc. XIX D.V. j atmosferologia de atmosfera + logia; id. // O elemento atmido – sin. De atomo-, atmídometro de atmido - + metro; séc. XIX, D.V. atmídometógrafo de atmído - + metro + - grafo, id. ⁴⁷

Abonação:

Monólogo de uma sombra

Quis compreender, quebrando estereis normas,
 A vida fenomênica das Formas,...
 Que, iguais a fogos passageiros, luzem
 Nas eterizações indefiníveis
 Da energia <intra-atômica> liberta!
 É uma trágica festa emocionante!
 A bacteriologia inventariante
 Toma conta do corpo que apodrece...

Sôfrego, o monstro as vítimas aguarda.
 Negra paixão congênita, bastarda,
 Do seu zooplasma ofídico resulta...
 E explode, igual à luzque o ar acomete,
 Com a veemência mavórtica do aríete
 E os arremessos de uma catapulta.

Mas muitas vezes, quando a noite avança,
 Hirto, observa através a tênue trança
 Dos filamentos fluídicos de um halo
 A destra descarnada de um duende,
 Que tateando nas tenebras, se estende
 Dentro da noite má, para agarrá-lo!

⁴⁴ BASTOS, J. T. da Silva. *Dicionário etymológico, prosódico e orthogrâphico da língua portugueza*. 1928, p. 803.

⁴⁵ Ibid., p. 172.

⁴⁶ Ibid., p. 172

⁴⁷ MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 1952, p. 278.

Cresce-lhe a <intracefálica> tortura,
 E de su'alma na caverna escura,
 Fazendo <ultra-epiléticos> esforços,
 Acorda, com os candieiros apagados,
 Numa coreografia de danados,
 A família alarmada dos remorsos

É o despertar de um povo subterrâneo!
 É a fauna carnícola do crânio
 -Macbeths da patológica vigília,
 Mostrando, em rembrandtescas telas várias,
 As incestuosidades sanguinárias
 Que ele tem praticado na família.
 (In: A.A., Monólogo de uma sombra, p.76)

Vocábulo : **Intra-atômica** s. f.

Análise: O prefixo **intra-** tem sentido de elemento prefixal de composição em que entra com a significação de *dentro*, de acordo com Silva (1949) e Bastos (1928). Já a base para **atômica** é definida por Silva (1949) no masculino, como **atômico:** *da Química, relativo ou pertencente aos átomos, aos princípios dos corpos, forças atômicas*. Fonseca (1926) e Bastos (1928) também definam a base **atômico** como sendo *aquilo que tem relação com os átomos*, por isso foram trazidas também as definições de **átomo**, que, para os dicionaristas pesquisados, significa *elemento material primário e hipotético da composição dos corpos, que se considera como indivisível e indefinidamente pequeno*; é a definição de Silva (1949), mas que cabe para os demais autores pesquisados.

Ou seja, o prefixo **intra-**, no interior de palavras, do ponto de vista de uma análise descontextualizada, atribui à base dos vocábulos a idéia de *dentro ou para dentro*, e átomo designa *energia interior atômica indivisível*, elemento capaz de entrar em combinação, por ser constituída essencialmente de um núcleo; tal energia apóia-se no átomo que contém só prótons ou prótons e elétrons e no qual está

praticamente concentrada a massa do átomo); é uma coroa externa (constituída só de elétrons).

Não é o que se percebe, todavia, quando se analisa o sentido da palavra contextualizada, pois, dessa forma, o vocábulo, ultrapassa a simples idéia de *interior* e *energia atômica*. No contexto, <**intra-atômica**> designa que o interior humano oscila entre o positivo e o negativo, por apoiar-se na menor partícula livre de eletricidade positiva que se conhece, que é o próton; e negativa, por apoiar-se no elétron, que é a quantidade elementar de eletricidade negativa que entra na formação do átomo. Por isso <**intra-atômica**> é um esforço interior humano que libera carga positiva e negativa ao mesmo tempo, levando o corpo a uma festa trágica e emocionante, provocando-lhe a podridão, porque a energia negativa domina a positiva e toma conta do organismo, por estar dentro da carne, e é indivisível como um átomo. Ou seja, o autor aproveita a idéia que as bases designam, mas cria um novo significado para o vocábulo.

Sentido: Intra-atômica s. f., atômica é uma expressão da Química, mas um novo sema é adaptado à palavra, pois o autor dá um sentido diferente à expressão ao inserir o prefixo **-intra**. O contexto denota que <**intra-atômica**> refere-se a um esforço interior que o corpo humano produz, levando o indivíduo ora ao prazer, ora à degradação, é uma verdadeira festa trágica e emocionante ao mesmo tempo. No caso do contexto, o trágico vence o emocionante e o corpo entra em decomposição, ou seja, os prótons que corresponde à parte positiva do átomo entrou em choque com os elétrons, parte negativa do átomo, causando a podridão da matéria, no caso, do corpo. O prefixo **-intra** enfatiza que tal degradação não se encontra no exterior da matéria, mas no interior, o homem sofre, apodrece por dentro, o que torna a dor ainda pior, pois não se pode vê-la, uma que vez que pode ser comparada a um átomo com

tamanho mínimo, invisível a olho nu, o que torna a cura para essa dor quase impossível.

005. INTRACEFÁLICA

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Silva (1844; 1949)
Cephálico,	A, adj. t. med. Remedio cephalico, de que se usa contra as doenças da cabeça. Rec. De chir. Veia cephalica: uma das veias do braço, e por se cuidar, que sangrada ella, sararão as dores da cabeça ⁴⁸ .
Céfálico,	adj. (do gr. Kephalikos). Med. Pertencente ou relativo à cabeça ou ao encéfalo. // Anat. Diz-se da veia do polegar formada pelos colaterais desse dedo ⁴⁹ .

Base Lexical	Definição do Dicionário – Fonseca (1926)
-	O dicionário não registra nenhuma base para o neologismo em estudo.

Base Lexical	Definição do Dicionário – Bastos (1928)
Cephálico ou Céfálico	[fá], adj. relativo à cabeça ou ao cérebro. (Do gr. Kephalicos) ⁵⁰ .

Base Lexical	Definição do Dicionário – Machado (1952)
Céfalo	Elemento de composição culta que traduz a idéia de cabeça, acantocéfalo, de acanto - + cefalo, pelo lat. cient. acanthocephatus, acocéfalo, de aco - + - céfalo pelo latim científico, acocephalus,acrocefálo, de acro + céfalo, pelo lat. cient. acrocephalus; sec. XIX. D.V. ⁵¹

Vocábulo: **intracefálica** adj. f.

Análise: Conforme visto anteriormente, o prefixo **intra-** denota *no interior*, *dentro*; a base **cefálico**, de acordo com Morais (1844; 1949), é um termo usado na Medicina, como *remédio cephálico*, que se usa contra as doenças da cabeça; há

⁴⁸ SILVA, Antônio de Morais. *Dicionário da língua portuguesa*. 1844, p. 414.

⁴⁹ SILVA, Antônio de Morais. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 1949, p. 1067 – v. 2.

⁵⁰ BASTOS, J. T. da Silva. *Dicionário etimológico, prosódico e orthográfico da língua portuguesa*. 1928, p. 330.

⁵¹ MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 1952, p. 542.

também o significado de veia cefálica: *uma das veias do braço*. Fonseca (1926) não trabalha nenhum significado para esta base. Bastos (1928) também define **cephálico**, como adjetivo *relativo à cabeça*. Machado (1952) define **céfalo**: elemento de composição culta que traduz a idéia de *cabeça*.

Observa-se que o prefixo mencionado anteriormente, do ponto de vista de uma análise descontextualizada, atribui à base desse vocábulo modificado a idéia de *tortura cerebral*. Contudo, quando se analisa o sentido da palavra derivada contextualizada, esse prefixo ultrapassa a simples idéia de *dentro*; o mesmo ocorre com a base, adjetivo concernente a cabeça, pois, quando se analisa o sentido da palavra derivada contextualizada, o prefixo **intra-** permite inferir mais que a simples idéia de *algo que está dentro de alguma coisa*; e a base não designa somente *cérebro*. O vocábulo <**intracefálica**> quer designar tortura emocional, peso de consciência, uma espécie de arrependimento, porque o peralta sodomista, ou seja, aquele que se nutre da perversão sexual, é levado a uma animalidade intensa e, por isso, é penalizado por uma tortura cerebral interior justamente onde o ser humano sente mais dor, nos nervos. Tal tortura chega a atingir sua alma que, nesse estágio, encontra-se escura. É a tortura do remorso, da culpa, que toma conta de toda a sua consciência e torna obscuros seus pensamentos.

Isso fica bem claro no verso em que se encontra a palavra, em que o poeta afirma crescer a **intracefálica** tortura da alma, nesse momento o peralta sodomista acorda, depois de fazer enormes esforços, que podem ser comparados a ataques ultra-epiléticos, alarmando toda a família por seus remorsos, suas culpas, por isso, <**intracefálica**> seriam os remorsos que tomam conta do sodomista. O prefixo **intra-** só vem reforçar que o remorso está bem no íntimo, *bem dentro* do homem, e **cefálica** significa *remorso, culpa*, uma vez que é um sentimento que parte do

pensamento, das lembranças, de atitudes praticadas que agora são lembradas com arrependimento, com remorso. Percebe-se que o autor usa a idéia das bases, mas novos semas são adaptados à nova criação.

Sentido: Intracefálica adj. f. Peso de consciência, arrependimento, remorso.

Culpa pelas atrocidades cometidas em vida.

006. ULTRA-EPILEPTICOS

Bases Lexicais	Definição dos Dicionários – Silva (1844; 1949)
Ultra-,	prep. Lat. Além. Art. De Furts. f. 357, usa-se na composição de vários voc. v.g. ultramar, etc. ⁵²
Peilépticos,	A, adj. Da natureza da epilepsia. Epileptico, a, s. Pessoa doente d'ella ⁵³ .
Epilépzia,	s. f. (do Lat. e Gr. epilepsia) t. med. Mal caduco, convulsão de todo o corpo, e principalmente do queixo inferior, a qual faz cair repentinamente o doente sem sentidos, escamando, etc. Leão, Orig. 20. Luz da Med. p. 194. Brit. (f. 412) ⁵⁴ .

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Fonseca (1926)
Ultra-	prep. latina. Além. É prefixo que entra na composição de várias palavras com a significação de além, depois. – s. m. Radical ⁵⁵ .
Epilépticos	adj. sujeito a epilepsia atacado da epilepsia. Usa-se subst.. Um epletico ⁵⁶ .

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Bastos (1928)
Ultra...	[ul – tra], pref. (designativo de além ou de exesso). (Do lat. ultra) ⁵⁷
Epiléptico	[lé – pti – ku], adj. relativo a epilepsia; -, s. m. indivíduo que sofre de epilepsia ⁵⁸ .
Epilepsia	[pssí], s. f. doença cerebral, caracterizada por convulsões e perda dos sentidos, nal caduco; gotta coral. (Do gr. epilepsia) ⁵⁹

Base Lexical	Definição do Dicionário – Machado (1952)
-	O dicionário não registra nenhuma base.

⁵² SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. 1844, p. 884.

⁵³ Ibid., p. 788.

⁵⁴ Ibid., p. 788.

⁵⁵ Fonseca, Simões da. *Novo dicionário encyclopedico ilustrado da língua portuguesa*. 1926, p. 1023.

⁵⁶ Ibid., p. 526.

⁵⁷ BASTOS, J. T. da Silva. *Diccionario etymológico, prosódico e orthographico da língua portuguesa*. 1928, p. 1366.

⁵⁸ Ibid., p. 570.

Vocábulo: **ultra-epiléticos** s.m.

Análise: O prefixo **ultra-**, fora de uma análise contextualizada, atribui à base dos vocábulos de cuja composição faz parte uma idéia de *além de, extremamente, excesso*, conforme Silva (1844), Fonseca (1926) e Bastos (1928). Já a palavra **epilépticos** é um adjetivo usado na área da Medicina, relativo a *epilepsia*, ou, como substantivo feminino, refere-se a uma afecção nervosa essencialmente crônica, cuja manifestação aparece de tempos em tempos, mediante ataques ou convulsões violentas com perda súbita dos sentidos e distúrbios da sensibilidade geral.

Não é o que se verifica, entretanto, quando se analisa o sentido da palavra contextualizada, pois, dessa forma, o prefixo **ultra-** ultrapassa as definições anteriores, porque enfatiza, sim, excesso, mas de uma forma bem mais profunda. No contexto, **epiléticos** quer designar esforços mentais muito profundos, que superam as convulsões de um ataque nervoso, ou seja, o indivíduo não sofre da doença epilepsia, não tem ataques epiléticos excessivamente profundos, mas produz esforços mentais que vêm de dentro da massa nervosa, semelhantes a um ataque epilético; não é uma tortura qualquer, pois, conforme analisado em **intracefálica**, é a tortura *da alma*.

Por isso, o prefixo **ultra-** ultrapassa a idéia de *além de, extremamente*, porque designa excesso de perturbação não do físico, do material, mas da alma. O poeta sofre de uma tortura da alma tão intensa que, para explicá-la, compara-a com ataques que vão além dos ataques da epilepsia, que provocam convulsões extremamente penosas, com perda súbita dos sentidos e distúrbios da sensibilidade geral; para denotar isso, A.A. constrói o neologismo <**ultra-epiléticos**>. Os esforços são tão

⁵⁹ Ibid., p. 570.

dolorosos e sofridos, por serem remorsos, que o fazem acordar, com os candeeiros apagados, o que alarma toda a família.

Sentido: Ultra-epiléticos s.m. (med.) Arrependimentos da alma profundos que provocam um remorso indescritível; esforços mentais comparados a um ataque epilético, excessivamente profundo e extremamente triste.

007. INTRACÓSMICA – PRÓ-DINÂMICA

Bases Lexicais	Definição dos Dicionários – Silva (1844; 1949)
Cósmico,	s. m. (do Gr. Kósmos, mundo) Globo, em que está representado o mundo ⁶⁰
Cósmico,	A, adj. t. ast. Nascimento cósmico, o do Planeta, estrelas, signos, que nascem, e se põem com o Sol ⁶¹
Cósmico1:	adj. (do gr. Kosmos). Pertencente ou relativo ao conjunto do universo: <<... admite o fogo como a causa de todos os fenômenos cósmicos e orgânicos>> ⁶²
Cósmico2,	s. m. (do gr. Kosmos). Deuses. Globo em que está representado o mundo ⁶³

Base Lexical	Definição do Dicionário – Fonseca (1926)
Cosmico	adj. (Ast.). Segundo a ordem do movimento dos corpos celestes. Nascimento cômico o de astro, constelação ou planeta que acompanha o nascimento do sol. Cosmico s. m. Globo Celeste ⁶⁴ .

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Bastos (1928)
Cósmico	[kós], adj. relativo ao conjunto do universo. [do gr. Kosmos] ⁶⁵ .
Cosmos	[kós], s. m. o universo e seu conjunto. (Do gr. Kosmos) ⁶⁶

⁶⁰ SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. 1844, p. 533

⁶¹ *Ibid.*, p. 533.

⁶² SILVA, Antônio de Moraes. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 1949, p. 619 – v. 3.

⁶³ *Ibid.*, p. 619 – v. 3.

⁶⁴ FONSECA, Simões da. *Novo dicionário encyclopedico ilustrado da língua portuguesa*. 1926, p. 392.

⁶⁵ BASTOS, J. T. da Silva. *Diccionario etymológico, prosódico e orthographico da língua portuguesa*. 1928, P. 417

⁶⁶ *Ibid.*, p. 417

Base Lexical	Definição do Dicionário – Machado (1952)
Cosmo	Elemento de composição culta, que traduz as idéias de << mundo, universo>>; << ordem; daí, boa ordem, em ordem; conveniência; organização, construção; falando de pessoas o regulador, o diretor o magistrado supremo; ordem do Universo entre os Pitagóricos o mundo o Universo entre os Estóicos, a alma do mundo; o céu;no pl. os mundos, isto é, os astros (em oposição, << o universo >>); o organismo humano o homem ornamentação enfeites adornos, particularmente das mulheres; dos cavalos da linguagem do estilo; glória honral >> ⁶⁷

Abonação:

Sonho de um Monista

Eu e o esqueleto esquelido de Esquilo
 Viajávamos, com uma ânsia sibarita,
 Por toda a <pró-dinâmica> infinita,
 Na inconsciência de um zoófito tranquilo.

A verdade espantosa do *Protilo*.
 Me aterrava, mas dentro da alma aflita
 Via Deus – essa mônada esquisita –
 Coordenando e animando tudo aquilo!

E eu bendizia, com o esqueleto ao lado,
 Na guturalidade do meu brado,
 Alheio ao velho cálculo dos dias,

Como um pagão no altar de Proserpina,
 A energia <intracósmica> divina
 Que é o pai e é a mãe das outras energias!
 (In.: A.A. Sonho de um Monista. 1983, p. 100)

Vocábulo: **Intracósmica** s.f

Análise: Aproveitando os significados anteriores para o prefixo **intra-**, serão apresentados significados dados para as bases **cosmo** e **cósmico**. De acordo com Morais (1844;1949), **cósmico** é um substantivo masculino que se refere ao Globo, em que está representado o mundo, já **cósmico** é um adjetivo relacionado a Astrologia, significa *nascimento cósmico*, o do Planeta, estrelas, signos que nascem e

se põem com o Sol. Fonseca (1926) dá o significado para a entrada **cósmico**, adjetivo relacionado a Astrologia, representa o nascimento cômico do astro, da constelação ou planeta que acompanha o nascimento do Sol. E **cósmico** como substantivo masculino refere-se ao *Globo Celeste*.

Bastos (1928) também define as bases **cósmico e cosmos**, a primeira é um adjetivo relativo ao *conjunto do universo* e a segunda é um substantivo que designa o *universo e seu conjunto*. Essas definições são apresentadas, do ponto de vista de uma análise descontextualizada.

Porém, as definições acima comprovam a hipótese desta pesquisa, a de que o poeta estabelece um significado novo para o vocábulo, dentro do poema, pois o prefixo **intra-**, do ponto de vista de uma análise contextualizada, ultrapassa a condição de estar *dentro ou para dentro*, assim como **cósmica**, que é o feminino de **cósmico**, adjetivo ligado ao Universo, designativo do astro que se levanta e se põe com o Sol, e que funciona também como substantivo, designando o mundo, ultrapassa as definições acima. O vocábulo <**intracósmica**>, criado por A.A., não faz referência ao globo representativo do universo, nem ao átomo que nasce e se põe com o Sol. <**Intracósmica**> é um adjetivo que vem qualificar a *energia divina*, que é o pai e a mãe das outras energias, por isso, <**intracósmica**> é a energia superior a todas as outras, porque é a energia do universo, aquela que vem do conjunto do Universo, que vem das estrelas, do Sol, da Lua, dos Planetas, dos corpos Celestes etc., guardada por todos os astros.

⁶⁷ MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 1952, p. 688

Sentido: Intracósmica s. f. Energia divina, detentora de todos os efeitos positivos, mãe de todas as energias. Aquela que está guardada e vem do conjunto do universo, ou seja, vem das estrelas, do Sol, da Lua, dos corpos Celestes, dos astros. Energia cuja função é movimentar o mundo, ou melhor dizendo, energia do mundo, do Globo Celeste.

008. PRÓ-DINÂMICA

Bases Lexicais	Definições dos Dicionários – Silva (1844; 1949)
Pro;	(do Lat.) Preposição, que indica a cousa, a cujo favor se faz alguma cousa: v.g. não dice nada pro, nem contra: “vedes o pró, e o contra” as razões a favor, e contrarias. Cast. 3. C.77. Indica também o estar diante: v.g. pro-por, pro- pos- to. adv. A favor, por alguém ⁶⁸
Pró,	s. m. Proveito: v.g. fazer alguma cousa em pró de alguém. Nobiliar. Tit. 4. E 62 ⁶⁹ .
Dinâmica,	s. m. ort. philos. (do Gr. Dynamis, força, poder, deriv. De dynamai, eu posso) Parte da mecanica, que tem por objeto os principios, leis e efeitos do movimento dos corpos solidos. Mechan. de Marie. V. Hydrodinamica, como differe ⁷⁰

⁶⁸ SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. 1844, p. 553.

⁶⁹ Ibid., p. 553.

⁷⁰ Ibid., p.674

Pro1	Cont. da preposição pra (para) com o artigo “o” ou o pronome demonstrativo o: << Má mês pro diabo do impostor que aqui a comer as freiras com bichancrises>>. Camilo, A Bruxa do Monte Córdova, 147 ⁷¹ .
Pro2	adv. (de pró). A favor, em defesa ⁷² .
Pró1	elem. Grego e latino que significa antes, adiante: proâmnio, procefálico, procôndilo ⁷³ .
Pró2,	elem. De composição, prefixo que traduz a idéia de a favor, em defesa de. É seguido de hífen por Ter acento gráfico: <<pró-pátria>>; <<prá-democracia>> ⁷⁴ .
Dinâmica,	s. f. (de dinâmico). Parte da Matemática que trata do movimento ou do estudo das forças ⁷⁵ .

Base Lexical	Definição do Dicionário – Fonseca (1926)
Pró,	adv. A favor, em defesa, s. m. Proveito, vantagem ⁷⁶ .

Base Lexical	Definição do Dicionário – Bastos (1928)
Pró,	adv. A favor, em defesa; -, s. m. vantagem, conveniência. (Do lat. pró) ⁷⁷ .

Base Lexical	Definição do Dicionário – Machado (1952)
-	O dicionário não registra base lexical para o neologismo pró-dinâmica.

Vocábulo: **Pró-dinâmica** s. f.

Análise: Do ponto de vista de uma análise contextualizada, pode-se observar que tanto o prefixo **pró-**, como a base **dinâmica** recebem significados diferentes daqueles que receberiam em uma análise contextualizada. Como mostram as bases lexicais acima, o prefixo **pró** dá idéia de *anterioridade, extensão, substituição*; elemento grego e latino que significa *antes, adiante*; elemento de composição, prefixal que traduz a idéia de *a favor, em defesa de*. É seguido de hífen, por ter acento gráfico: pró-pátria, pró-democracia etc., conforme Morais (1844; !949). Já a base **dinâmica** é definida também por Morais como sendo *parte da mecânica, que*

⁷¹ SILVA, Antônio de Morais. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 1949, p.711 – v. 8.

⁷² Ibid., p. 711 – v. 8.

⁷³ Ibid., p. 712 – v. 8.

⁷⁴ Ibid., p. 712. – v. 8.

⁷⁵ Ibid., p. 75 – v. 4.

⁷⁶ FONSECA, Simões da. *Novo dicionário encyclopédico ilustrado da língua portuguesa*. 1926, p.1056

⁷⁷ BASTOS, J. T. da Silva. *Diccionario etymológico, prosódico e orthográfico da língua portuguesa*. 1928, p.111

tem por objeto os princípios, leis e efeitos do movimento dos corpos sólidos e parte da Matemática que trata do movimento ou do estudo das forças.

Entretanto, não se pode afirmar o mesmo, quando se analisa o sentido da palavra derivada contextualizada. É como se o poeta e o Esquilo viajassem por todo o continente, sempre em defesa de alguma coisa, com uma ânsia sibarita, com uma força <pró-dinâmica>, ou seja uma força advinda da juventude, de quando o indivíduo está com os hormônios a flor da pele. O neologismo criado pelo autor, então, significa progressão de dois corpos que viajam ansiosos. O movimento que o corpo humano e o corpo esquelético de Esquilo recebem lançam-nos sempre para a frente, no infinito. É um movimento dos corpos produzidos não por eles mesmos, mas por uma força anterior ao estágio em que se encontram, esqueléticos, pela força interior da mente, a força de décadas antes, a força da juventude, que lhes dá energia para continuar sempre em frente.

Sentido: Pró-dinâmica s. f. Energia da juventude capaz de impulsionar dois corpos esqueléticos sempre para frente para que estes conquistem o que almejam, força comparada à da juventude, em que todas as energias estão à flor da pele, força que eleva a adrenalina do ser humano e o faz cada vez mais poderoso e persistente no que quer, como para alcançar ou viajar por todo o hemisfério.

009. INFRA-ASTRAL

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Silva (1844; 1949)
Infra,	prep. (do Lat.) Abaixo no lugar inferior; serve de ordinário na composição das palavras; e é p. us. Separadamente. Feo, calend. Prep. F. 87 ⁷⁸ .
Astral,	adj. 2 g. (do Lat. astralis) Dos astros; Anno -, ou sydereo: o tempo que a terra emprega em fazer a sua revolução á do sol, i. é, em volta ao mesmo ponto da sua orbita, d'onde tinha saído ⁷⁹ .
Infra-	pref. Elemento que entra na composição de várias palavras, para indicar posição inferior, o mesmo que infer. // Antón.: supra e super ⁸⁰ .

Base Lexical	Definição do Dicionário – Fonseca (1926)
Infra	O dicionário não registra.
Astral,	Adj. 2 gen. Relativo aos astros. Anno astral sidereo ⁸¹ .

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Bastos (1928)
Infra	[in – fra], adv. Abaixo; na parte inferior ⁸² .
Infra...	Pref. (designativo de abaixo ou na parte inferior) ⁸³ .
Astral	Adj. relativo aos astros; sideral; - s. m. região povoada de miragens e sombras, que os possessos e videntes dizem observar (De astro) ⁸⁴ .

Base Lexical	Definição do Dicionário – Machado (1952)
-	O dicionário de Machado não registra nenhuma base lexical para o neologismo <infra-astral>

Abonação:

Minha Finalidade

Turbilhão teleológico incoercível,
 Que força alguma inibitória acalma,
 Levou-me o crânio e pôs-lhe dentro a palma
 Dos que amam apreender o Inapreensível!
 Predeterminação imprescritível
 Oriunda da <infra-astral> Substância calma
 Plasmou, aparelhou, talhou minha alma

Para cantar de preferência o Horrível!
 Na canonização emocionante,
 Da dor humana, sou maior que Dante,
 A água dos latifúndios florentinos!

⁷⁸ SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. 1844, p. 180.

⁷⁹ *Ibid.*, p. 239.

⁸⁰ SILVA, Antônio de Moraes. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 1949, p. 959 – v. 5.

⁸¹ FONSECA, Simões da. *Novo dicionário encyclopédico ilustrado da língua portuguesa*. 1926, p. 181.

⁸² BASTOS, J. T. da Silva. *Diccionario etymológico, prosódico e orthográfico da língua portuguesa*. 1928, p. 789.

⁸³ *Ibid.*, p. 789.

⁸⁴ *Ibid.*, p. 167.

Sistematizo, soluçando, o Inferno...
 E trago em mim, num sincronismo eterno
 A fórmula de todos os destinos!
 (In.: A. A. Minha Finalidade. 1983, p. 185)

Vocábulo: **Infra-astral** adj. m.

Análise: As bases **infra-** e **astral**, do ponto de vista de uma análise descontextualizada, significam: **infra-**, de acordo com Morais (1844; 1949) e Bastos (1928) é uma preposição latina que designa *abaixo, no lugar inferior*; já **astral** é um adjetivo latino *relativo aos astros, ao espaço sideral*: o tempo que a terra gasta para dar a volta em torno do Sol, ou ainda pode ser um substantivo masculino, designando região povoada de miragens e sombras, que os possessos e videntes dizem observar.

Mas os semas atribuídos pelo autor contextualizado são outros, o vocábulo <**infra-astral**> significa alguma coisa calma, capaz de controlar qualquer força negativa, ou melhor, dar forças a uma predeterminação imprescritível. Algo que traz a fórmula de todos os destinos, detentora do poder de controlar o incontrolável. Substância que se originou de uma predeterminação imprescritível, conforme exemplo, talvez por isso A. A. empregou o **infra-**, mas não com sentido de abaixo ou lugar inferior e **astral** para reforçar a idéia de poder da substância calma que originou a predeterminação considerada imprescritível responsável por plasmar, aparelhar e talhar a alma do poeta, para cantar de preferência o horrível, por isso a substância **infra-astral**, é uma substância calma, mas que absorve forças no universo.

Sentido: Infra-astral adj. m. Algo ou alguma coisa que detém o poder do imprescritível, que se originou de uma predeterminação imprescritível, cuja função é plasmar, aparelhar e talhar a alma do indivíduo. É uma substância calma, que absorve forças do Universo.

010. PSEUDO-REGOZIJÓ

Bases Lexicais	Definições dos Dicionários – Silva (1844; 1949)
Psêudo,	A, adj. (do Gr. pseudês) Falso: v.g. pseudo- propheta, Pseudo-bispo; falso propheta, bispo não canonico. Pseudo-canon. Pseudoanonimo; escrito sem nome do autor, e falsamente atribuido a alguem. Alma Instr. 2. p. 259 ⁸⁵ .
Regozíjo,	s. m. Cousa que se faz por festa e recreação: “festejar sua ida com hum regozijo de laranjadas por mar” Couto, 3. C. 25. Gosto, prazer, alegria, occasionado de festas, jogos, brincadeiras, bailes ⁸⁶ .
Pseudo,	adj. Falso; emprega-se com o que tem a aparência mas não a essência ou legitimidade de ⁸⁷ .
Pseudo-,	Elem. de composição que traduz a idéia de falso e com o qual se podem formar milhares de vocábulos ⁸⁸ .
Regozijo,	s. m. (do cast. regocijo) Grande gozo; prazer, folia ⁸⁹

Base Lexical	Definição do Dicionário – Fonseca (1926)
-	O dicionário não registra nenhuma base.

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Bastos (1928)
Pseudo...	[psséu – du], pref. (designativo de falso). (Do gr. pseudos) ⁹⁰ .
Regozijar, regozijo	(V. Regozijar, Regosijo) ⁹¹
Regosijar	v. tr. causar regozijo a; alegrar muito; v. pr. ter grande alegria (De regosijo) ⁹² .

⁸⁵ SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. 1844, p. 572.

⁸⁶ *Ibid.*, p. 635.

⁸⁷ SILVA, Antônio de Moraes. *Grande dicionário da língua portuguesa*. P. 827 – v. 8.

⁸⁸ *Ibid.*, p. 827 – v. 8.

⁸⁹ *Ibid.*, p. 353 – v. 9.

⁹⁰ BASTOS, J. T. da Silva. *Diccionario etymológico, prosódico e orthographico da língua portuguesa*. 1928, p. 1123.

⁹¹ *Ibid.*, p. 1171.

⁹² *Ibid.*, p. 1171.

Abonação:**A Meretriz**

Irrita-se-lhe a carne à meia-noite.
 Espicaça-a a ignomínia, excita-a o acoite
 Do incêndio que lhe inflama a língua espúria.
 E a mulher, funcionária dos instintos,
 Com a roupa amarfanhada e os beijos tintos,
 Gane instintivamente de luxúria!

Navio para o qual todos os portos
 Estão fechados, urna de ovos mortos,
 Chão de onde uma só planta não rebenta,
 Ei-la, de bruços, bêbeda do gozo
 Saciando o geotropismo pavoroso
 De unir o corpo à terra famulenta!

Nesse espolinhamento repugnante
 O esqueleto irritado da bacante
 Estrela... Lembra o ruído harto azorrague
 A vergastar ásperos dorsos grossos.
 E é aterradora essa alegria de ossos
 Pedindo ao sensualismo que os esmague!

É o <pseudo-regozijo> dos eunucos
 Por natureza, dos que são caducos
 Desde que a Mãe-Comum lhes deu início...
 É a dor profunda da incapacidade
 Que, pela própria hereditariedade
 A lei da seleção disfarça em Vício!

É o júbilo aparente da alma quase
 A eclipsar-se, no horror da ocídua fase
 Esterilizadora de órgãos... É o hino
 Da matéria incapaz, filha do inferno,
 Pagando com volúpia o crime eterno
 De não Ter sido fiel ao seu destino!

(In: A. A. A Meretriz. 1983, p. 176)

Vocábulo: **pseudo-regozijo** s. m.

Análise: O prefixo **pseudo**, do ponto de vista de uma análise descontextualizada, significa falso, *que apenas tem aparência*; e a base **regozijo** significa *grande gozo, prazer, contentamento, folia*, conforme as definições acima.

No entanto, do ponto de vista de uma análise contextualizada, <**pseudo-regozijo**> designa tanto falso prazer, de acordo com as definições dos dicionários,

como prazer verdadeiro. O falso prazer seria para a Meretriz, mas por que o prazer, nesse caso, é falso? Porque, muitas vezes, uma prostituta finge sentir prazer somente para ganhar dinheiro, não obstante seja um prazer verdadeiro para os homens que estão com ela, pois procuram-na somente para sentirem prazer carnal, gozo, alegria.

E uma última interpretação do não-prazer da Meretriz é a citação do sentimento dos eunucos que, por serem castrados, não conseguem sentir prazer verdadeiro, mas por serem homens, fingem senti-lo. Ou seja, o sufixo **pseudo-**ultrapassa os limites de *falso*, recebendo, em alguns momentos, o significado de verdadeiro, assim como **regozijo**, que denota prazer, também recebe o significado de desprazer.

É surpreendente como o poeta consegue criar um neologismo a partir de uma oposição, pois o vocábulo <**pseudo-regozijo**> tem um prefixo designando *falso* e um radical designando prazer, verdade. E dentro do contexto, tais bases também recebem significados opostos, uma vez que **pseudo-**, *falso*, pode também entrar como verdade, quando é interpretado com o sentido de sentimento verdadeiro do gozo e **regozijo** que denota prazer, pode significar desprazer, quando é analisado o sentimento da Meretriz, em alguns momentos, uma vez que esta pode fingir um falso prazer. A.A. apoiou-se em duas bases opostas e conseguiu trabalhar a oposição na oposição, quando adaptou semas diferentes para as bases de apoio.

Sentido: Pseudo-regozijo s. m. Sentimento que teria tudo para ser bom, mas que se transforma em desprazer, porque, para um dos parceiros é verdadeiro, mas, para outro, é falso. Ou seja, prazer para os homens que procuram uma Meretriz e desprazer para a Meretriz que recebe os homens, pois muitas vezes a cortesã finge

sentir prazer somente para agradar seu parceiro e dele conseguir o que deseja, dinheiro.

011. NOITAL

Bases Lexicais	Definições dos Dicionários – Silva (1844; 1949)
Noite ou Noute,	e der. (O primeiro é mais us. e é como se se pronuncia) s. f. (do Lat. nox, octis) O tempo em que o sol anda por baixo do nosso horizonte, e fica escuro o nosso hemispherio, “na seguinte noite” Flos Sanct. p. 78. Noite fechada já; bem escura, passado o seu princípio. Alta noite, i. é, já tarde da noite. Fazer noite: pre-noitar ou passá-la em alguma parte. V. do Arc. 5.c.22 fim. Noite; fig. Grande escuridão: “Era huma noite de nuvens de fumo” (da artilheira) B. 2.5.9. fig. cegueira, confusão, trevas: “ na – e trevas destas politicas” “dormir na – do peccado” Mart. Cat. 346 “homens que nas suas vidas forão noite, ou nuvens muito escuras” Id. 511. “estrellas na noite dos erros (os sabios)”. A morte: “deixando em triste noite a triste vida” com. Od. 12. “ a escura noite eterna Afonso apresentou” Lus. 4.70 ⁹³ .
Noitão,	s. m. (de noite). Bras. Do norte. Alta noite; noite velha: <<É uma visagem que anda de noitão aceirando a sertaneja>> ⁹⁴ .
Noite,	s. f. (do lat. nocte-). O espaço de tempo entre o crepúsculo da tarde e o alvorecer da manhã; espaço de tempo em que o Sol está abaixo do horizonte ⁹⁵ .

⁹³ SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portugueza*. 1844, p. 384.

⁹⁴ SILVA, Antônio de Moraes. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 1949, p. 303 – v. 7.

⁹⁵ Ibid., p. 303 – v. 7.

⁸⁵ FONSECA, Simões da. *Novo dicionário encyclopedico ilustrado da língua portuguesa*. 1926, p. 931.

Base Lexical	Definição do Dicionário – Fonseca (1926)
Noite,	s. f. O espaço de tempo entre o crepúsculo e o alvorecer da manhã. Obscuridade, escuridão. Ignorância. Incerteza. A noite dos tempos idade, immemorial, antiquíssima expressão e lugar comum ⁹⁶ .
Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Bastos (1928)
Noitada	[tá], s. f. espaço de uma noite; insómnia; divertimento ou pândega durante uma noite; trabalho durante a noite (De noite) ⁹⁷ .
Noite,	s. f. espaço de tempo, desde o crepúsculo da tarde até o crepúsculo da manhã; escuridão; noitada; (fig.) trevas do espirito; ignorância; noite velha, alta noite; perder a noite, passá-la sem dormir. (Do lat. nox, noctis) ⁹⁸ .
Base Lexical	Definição do Dicionário – Machado (1952)
-	O dicionário não registra nenhuma base.

Abonação:

Noturno

Para o vale <noital> da eterna gaza
 Rolou o Sol – imenso moribundo –
 E a noute veio na nefrura d’asa,
 Santificada pela Dor do Mundo!

U’a luz, entanto, no negror me abrasa,
 E um canto vai morrer no vale fundo...
 Que luz é esta que das brumas vasa,
 Que canto é este, virginal, profundo?!

Rumores santos... e no santo harpejo,
 Somente tristes os teus olhos vejo,
 Para o Infinito e para o Céu voltados!

Cantas, e é noute de fatias abrolhos...
 Choras, e no meu peito estes teus olhos
 Como que cravam dois punhais gelados!
 (In.: A. A. Noturno. 1983, p. 259)

⁹⁷ BASTOS, J.T. da Silva. *Diccionario etymológico, prosódico e orthográfico da lingua portugueza*. 1928, p.971.

⁹⁸ *Ibid.*, p. 971.

Vocábulo: **noital** s.m.

Análise: Nesse exemplo, também do ponto de vista de uma análise descontextualizada, não existe o vocábulo **noital**. Silva (1844; 1929) registra as bases **noite** designando *o tempo em que o Sol anda por baixo do horizonte, deixando escuro nosso hemisfério, grande escuridão, trevas; o espaço de tempo entre o crepúsculo da tarde e o alvorecer da manhã*; e a base **noitão** com o significado de *alta noite, noite velha*. Fonseca (1926) também registra o vocábulo **noite**, quase que com o mesmo significado de Moraes. Bastos (1928) além do vocábulo **noite**, também registra **noitada**, referindo-se *ao espaço de uma noite, insônia, divertimento ou pândega durante uma noite, trabalho durante a noite*. Já Machado não registra nenhuma entrada que possa funcionar como base lexical para o neologismo **noital**

Acredita-se que A. A. criou o neologismo <**noital**> a partir das bases acima, cujo significado, do ponto de vista contextualizado *designa cárcere que esconde o Sol, cárcere da escuridão, pois está sempre escuro, como que em uma noite grande, imensa, sem fim. Lá, nunca amanhece, por ser muito fundo, imenso moribundo, com isso, tal cárcere absorveu o Sol, impedindo-o de transpô-lo e tomar o céu novamente*.

Sentido: Noital s.m. Cárcere que absorveu o Sol, cárcere da escuridão eterna e profunda, que nunca recebe luz, sua característica é a negritude total e eterna. Cárcere do Sol.

012. PANCOSMOLÓGICA

Bases Lexicais	Definições dos Dicionários – Silva (1844)
Cosmológico,	A, adj. Que pertence a Cosmologia ⁹⁹ .
Cosmologia,	s. f. (do Gr. Kosmos, e logos, discurso) Sciencia, que trata das Leis <i>physicas</i> , por que se governa o mundo. V. Cosmogonia ¹⁰⁰
Cosmogonia,	s. f. (do Gr. Kosmos, mundo, ordem, e géneos raça, linhagem, descendência) Sciencia, ou systema da formação, ou geração do mundo: “Os que pertendem que a Comogonia dos Hebreus é uma imitação, ou adopção da dos Persas já demonstrarão que os livros sagrados destes são mais antigos que os de Moysés?... “V. Cosmologia como differe ¹⁰¹ .
Panco1,	s. m. Provinc. O mesmo que panca, alavanca tosca, de madeira ¹⁰² .
Panco2,	s. m. Bras. Tela grossa de algodão, ordinariamente azul, com pintas brancas e amarelas ¹⁰³ .
Cosmológico,	adj. (de cosmologia). Que pertence ou é relativo a cosmologia ¹⁰⁴ .
Cosmologia,	s. f. (de Cosmo + -logia) Ciência das leis gerais do mundo fisico: <<...oposição do idealismo de Platão da <<República>> com o animismo astrológico da cosmologia do Estagirita>>, António Sérgio, Ensaios, IV, 185 ¹⁰⁵ .

Base Lexical	Definição do Dicionário – Fonseca (1926)
-	O dicionário não registra nenhuma base.

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Bastos (1928)
Panco	s. m. o mesmo que panca ¹⁰⁶ .
Panca,	s. f. pau grosso; alavanca de madeira; (Minho) o mesmo que calcadeira; andar em panca, o mesmo que andar em pancas. (V. pancas). (De palanca ¹⁰⁷ .
Pancas	[pan – kas], s. f. pl. (fig.) dificuldade, apêrto; andar em pancas, andar muito azafamado; não saber bem o que faz: dar pancos, (Bras.) brilhar, ostentar importância. (pl. de panca ¹⁰⁸ .
Cosmológico	[ló], adj. relativo à cosmologia. (De cosmologia) ¹⁰⁹ .
Cosmologia	[ji], s. f. ciência das leis geraes do mundo physico. (Do gr. Kosmos e logos) ¹¹⁰ .

⁹⁹ SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. 1844, p. 533.

¹⁰⁰ Ibid., p. 533.

¹⁰¹ Ibid., p. 533.

¹⁰² SILVA, Antônio de Moraes. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 1949, p. 723 – v.7.

¹⁰³ Ibid., p. 723 – v. 7.

¹⁰⁴ Ibid., p. 620 – v. 3.

¹⁰⁵ Ibid., p. 620 – v. 3.

¹⁰⁶ BASTOS, J. T. da Silva. *Diccionario etymológico, prosódico e orthographico da língua portuguesa*. 1928, p. 1015.

¹⁰⁷ Ibid., p. 1015.

¹⁰⁸ Ibid., p. 1015.

¹⁰⁹ Ibid., p. 417.

¹¹⁰ Ibid., p. 417.

Base Lexical	Definição do Dicionário – Machado (1952)
	O dicionário não registra nenhuma base.

Abonação:

Caput Immortale

Ad poetam

Na dinâmica aziaga das descidas,
Aglomeradamente e em turbilhão
Solucem dentro do Universo ancião,
Todas as urbes siderais vencidas!

Morra o éter. Cesse a luz. Parem as vidas.
Sobre a <pancosmológica> exaustão
Resta apenas o acervo árido e vão
Das muscularidades consumidas!

Ainda assim, a animar o cosmos ermo,
Morto o comércio físico nefando,
Oh! Nauta aflito do Subliminal,

Como a última expressão da Dor sem termo,
Tua cabeça há de ficar vibrando
Na negatividade universal!

(In.: A. A. Caput Immortale. 1983, p. 172)

Vocábulo: **pancosmológica** s. m.

Análise: Esta nova unidade lexical é interessante, pois o poeta usa duas bases para sua criação, **pan-** + **cosmológica**, porém, os dicionários pesquisados não trazem esta base. Já **cosmológico** pertence a Cosmologia, ciência que trata das leis físicas, porque se governa o mundo, isso também para Silva e Bastos (1928).

Mas a formação <**pancosmológica**>, quando analisada sob um ponto de vista contextualizada, adquire significado diferente, pode ser definido como a totalidade do Universo, pois A. A. fala da dinâmica aziaga das descidas, aglomeradamente e em turbilhão soluçando dentro do Universo ancião todas as urbes siderais vencidas como os astro, o céu que dá a luz aos homens. E quando morrer o éter, cessar a luz,

pararem as vidas, tudo isso estará sobre a totalidade do Universo, restando apenas o acervo árido e vão das muscularidades consumidas.

É como se a totalidade do Universo absorvesse todas as neuroses do poeta, ou melhor, representasse suas angústias, que são tantas, podendo ser comparadas ao Universo. Por isso o autor usa **pan-** denotando todo e **cosmo** universo, forma superlativa para caracterizar a exaustão de suas angústias.

Pancosmológica s. m. Totalidade do Universo, **pan-** igual a todo e **cosmo** universo, forma superlativa para caracterizar a exaustão das angústias do poeta.

013. PENETRAL

Bases Lexicais	Definições dos Dicionários – Silva (1844; 1949)
Penetrar,	v. tr. entrar dentro; passar através de; transpôr; repassar; -, v. intr. Introduzir-se; entrar no ânimo de algem; - se, v. pr. compenetrar-se; convencer-se. (Do lat. penetrare) ¹¹¹ .
Penetrar1,	v. int. (do lat. penetrare). Entrar, introduzir-se ¹¹² .
Penetrar2,	v. t. Passar para dentro de; transpor, entrar, atravessar. Invadir ¹¹³ .

¹¹¹ SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. 1844, p. 1045.

¹¹² SILVA, Antônio de Moraes. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 1949, p. 92 – v. 8.

¹¹³ *Ibid.*, p. 93 – v. 8.

Base Lexical	Definição do Dicionário – Fonseca (1926)
Penetrar	v, n, Entrar, introduzir-se (Fig.) Insinuar-se, perceber, entender. v. ^a Passar através de. Transpôr, entrar, descortinar. (Fig.) Chegar a perceber a compreender, descobrir. v..r. compenetrar-se ¹¹⁴ .

Base Lexical	Definição do Dicionário – Bastos (1928)
Penetrar	v. tr. entrar dentro; passar através de; transpôr; repassar; v. intr. Introduzir-se; entrar no ânimo de algem; - se, v. pr. compenetrar-se; convencer-se. (Do lat. penetrare) ¹¹⁵ .

Base Lexical	Definição do Dicionário – Machado (1952)
-	O dicionário não define nenhuma base para a criação em estudo.

Abonação:

Sombra Imortal

E tu velas, a sós, no pó da fulgurância
 Como uma velha cruz vela na sombra morta!
 Fora, a noute é tumbal... e a saudade da infância,
 Como um'alma de mãe, me acalenta e conforta!

Noute! E somente tu velas a rutilância...
 Lua que já passou e que hoje ainda corta
 O <penetral> que guia à derradeira estância,
 O <penetral> que leva à derradeira porta!

Revejo em ti, mulher, num lânguido *smorzando*
 A sombra virginal qu'eu adoro chorando
 E há de um dia amparar-me na luta correndo...

Ah! Que um dia da Vida, estes dardos acúleos
 Caíram, também da Dor, lá dos braços hercúleos,
 Domados pela meiga Ônfale a que me rendo!
 (In.: A. A. Sombra Imortal, 1983, p. 258)

Vocábulo: **penetral** s. m.

Análise: A base a ser analisada para o neologismo <penetral> é o verbo **penetrar**, cujo significado é: verbo transitivo que designa *entrar dentro; passar através de; transpor; repassar*; verbo intransitivo, *introduzir-se; entrar no ânimo de alguém*; - se, v. pr. compenetrar-se; convencer-se (Do lat. penetrare), isso para todos

¹¹⁴ FONSECA, Simões. *Novo dicionário encyclopedico ilustrado da língua portuguesa*. 1926, p. 1001.

os dicionários pesquisados, menos para Machado (1952), que não traz nenhuma entrada, isso do ponto de vista de uma análise descontextualizada.

Todavia, do ponto de vista de uma análise contextualizada, <penetral> significa aquele ou aquela que é responsável por guiar o indivíduo morto ao seu lugar de repouso e também responsável em direcioná-lo à sua última passagem, podendo ser, para quem crê, o anjo da guarda daquele que jaz.

O vocábulo <penetral> também pode denotar **penetra**, com sentido de aquele que penetra, ou melhor, que entra sem ser convidado, no caso do contexto, sem ser esperado, e tal penetra tem a função de guiar o corpo à derradeira instância, à derradeira porta. E esse alguém que vela a sós e acalenta como a alma de mãe o cadáver é comparado a um anjo ou à própria alma do indivíduo, porque o autor diz que mesmo a Lua tendo passado, esta ainda consegue alcançá-la, ou seja, o **penetral** não pode ser um indivíduo comum de carne e osso, só pode ser algo ou alguém divino que consegue absorver a Lua. Pode ser interpretado desta forma também, porque, no momento em que o cadáver é guiado pelo **penetral** à derradeira porta, ele **revê** a mulher, que pode ser a alma de sua mãe, ou a própria Virgem Maria, a sombra virginal que tanto adora. Note-se que o autor usa **Revejo**, dando a entender que ele não a via desde muito tempo. E esta mesma mulher um dia há de ampará-lo na luta, correndo. É como se, guiado pelo <penetral> à derradeira estância, à derradeira porta, ele alcançasse a sombra Virginal para o descanso da vida terrestre.

Sentido: Penetral s. m. Ser ou força Divina cuja função é guiar e direcionar aquele que jaz à derradeira estância, à derradeira porta de sua vida. Poder divino que leva o indivíduo à sombra virginal, ao descanso profundo da vida terrestre.

¹¹⁵ BASTOS, J. T. da Silva. *Dicionário etymológico, prosódico e orthográphico da língua*

014. PSEUDOSALMO

Bases Lexicais	Definições dos Dicionários – Morais (1844; 1949)
Sálmo,	e deriv. V. Salmo, etc. B. Flor. “salmo” Leão Ortogr. Insiste que se escreva Salmo; mas a pronúncia geral é Salmo, Salmista ¹¹⁶ .
Psálmo,	ou Salmo, s. m. (do Gr. psalmós, feito de psallô, eu canto) Hynno à honra do verdadeiro Deus. Paiva, S. f. 149. Luc. E Cunha. B. Gramn. Dedic. “no psalmo setenta e hum” diz-se particularmente dos que compoz o Rei David. fig. Cantico em louvor e Deus, hymno ¹¹⁷ .
Salmo1	s. m. (do lat. psalmu-) Cada um dos cânticos da Bíblia atribuídos a David ¹¹⁸ .
Salmo2	s. m. Zool. Gêner (Salmo Artede) de peixes teleosteos fisóstomos do grupo dos salmoniformes, família dos salmonídeos, tribo dos salmoníneos; é tipo deste gênero a espécie S. Salar Lin., vulgarmente conhecida por salmão ¹¹⁹ .

Base Lexical	Definição do Dicionário – Fonseca (1926)
Salmo	O mesmo que – psalmo – que é a grafia usual nesta palavra e nos derivados ¹²⁰

Base Lexical	Definição do Dicionário – Bastos (1928)
Psalmo	[ssál], s. m. cântico sagrado; cada um dos cânticos da Bíblia, de louvores a Deus, atribuídos a David. (Do gr. psalmos.) ¹²¹

Base Lexical	Definição do Dicionário – Machado (1952)
-	O dicionário não registra nenhuma entrada.

Abonação:

Os Doentes

II

Minha angústia feroz não tinha nome.
Ali, na urbe natal do Desconsolo,
Eu tinha de comer o último bolo
Que Deus fazia para a minha fome!

Convulso, o vento entoava um <pseudosalmo>.
Contrastando, entretanto, com o ar convulso
A noite funcionava como um pulso
Fisiologicamente muito calmo.

Caíam sobre os meus centros nervosos,
Como os pingos ardentes de cem velas,

portuguesa. 1928, p. 1045.

¹¹⁶ SILVA, Antônio de Morais. *Dicionário da língua portuguesa*. 1844, p. 712.

¹¹⁷ Ibid., p. 572.

¹¹⁸ SILVA, Antônio de Morais. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 1949, p. 838 – v. 9.

¹¹⁹ Ibid., p. 838 – v. 9.

¹²⁰ FONSECA, Simões da. *Novo dicionário encyclopédico ilustrado da língua portuguesa*. 1926, p. 1145.

¹²¹ BASTOS, J. T. da Silva. *Diccionario etymológico, prosódico e orthographico da língua portuguesa*. 1928, p. 1122.

O uivo desenganado das cadelas
E o gemido dos homens bexigosos.

(In.: A. A. Os Doentes II, 1983, p. 106)

Vocábulo: **pseudosalmo** s.m

Análise: Observa-se que a base **salmo**, do ponto de vista de uma análise descontextualizada, de acordo com Silva (1844), significa *hino à honra do verdadeiro*; diz-se particularmente dos que compôs o Rei David.; *Cântico em louvor a Deus*; *hino tem sentido de cânticos de louvor a Deus*; assim como para Bastos (1928).

Silva (1949) diz ser *cada um dos cânticos da Bíblia atribuídos a David*. E ainda como s. m. Zool. Génere (Salmo Artede) *de peixes tileósteos fisóstomos do grupo dos salmoniformes, família dos salmonídeos, tribo dos salmoníneos; é tipo deste género a espécie S. Salar Lin., vulgarmente conhecida por salmão*.

Machado (1952) não registra nenhuma base para o neologismo <**pseudosalmo**>. O prefixo **pseudo-** designa falsidade, conforme visto anteriormente. Mais uma vez A. A. trabalha a oposição, falsidade x glorificação.

Quando analisado o sentido da palavra por composição contextualizada, o adjetivo **pseudo-** realmente denota falsidade, isso fica claro, porque o autor diz que o vento entoava um falso canto de louvor, na verdade ele enfatiza a idéia de que o cântico entoado pelo vento não é um canto de paz verdadeiro, uma vez que um louvor a Deus é algo muito puro, ou seja, o prefixo **pseudo-** entra na composição da palavra justamente para designar que não é um **salmo** que está sendo entoado pelo vento, pois conforme os significados acima, **salmo** faz referência aos cânticos de

louvor a Deus, mas um cântico de dor. Cântico este que contrasta com o ar convulso, calmo naquele momento.

O autor continua o poema dizendo que a noite estava calma, o que indica que o vento, naquele momento, também estava calmo, não restando dúvidas de que o canto realmente seria de um **salmo**, mas devido à angústia do poeta, por estar na urbe natal do desconsolo, ouvia somente um cântico do mal, um falso canto de paz. Na última estrofe, o poeta comprova sua perturbação, quando afirma cair sobre os seus centros nervosos, como os pingos ardentes de cem velas, o uivo desenganado das cadelas e o gemido dos homens que sofrem com os sinais da varíola, por isso bexigosos.

Mais uma vez, percebe-se que o autor apóia-se na base **salmo**, mas dá um sentido oposto dos denotados pelos dicionários, pois, se nestes o vocábulo tem sentido de paz, glorificação e harmonia, no contexto designa sofrimento, desconforto, desglorificação, perturbação sonora, o verdadeiro cântico do inferno.

Sentido: Pseudosalmo s. m. Falso cântico de paz, cântico do mal, cântico da a angústia, que leva o indivíduo, mesmo em meio a um ambiente de paz, a ouvir e a sentir um cântico angustioso e sofredor, por ser o verdadeiro cântico do inferno.

015. RUÍDO-CLARÃO

Bases Lexicais	Definições dos Dicionários – (Silva 1844; 1949)
Ruído,	s. m. Estrondo, som forte de cousa que cai. fig. Som, que estronda os ouvidos: v.g. ruído do trovão, do vento, de gente que grita em desordem, com os pés dançando, das armas nas brigas. Galh. 3. 43. Fig. Nome, fama, brado: v.g. homem que faz ruído; nova de grande ruído. Doce ruído; dos ramos meneiados. Com. Eleg. Ou das aguas da fonte. Bern. Rim. Ruído. V. Arruido. Mart. Cat. ¹²² .
Clarão,	s. m. augm. de claro. Grande claridade de luz. Fig. Separação larga entre as cousas mal unidas. (clarão, claridade, Esplendor, Syn.) Estes três vocábulos exprimem diferentes graduações da luz, sendo clarão o princípio da claridade, e o esplendor a sua maior perfeição. Mas clarão, também se diz algumas vezes de uma luz forte e rapida: claridade, e esplendor supõe mais duração, e permanencia. O clarão faz perceber os objectos. A claridade mostra os distantamente. E o esplendor apresenta-os em todo o seu luzimento. Syn. De D. Fr. S. Luiz ¹²³ .
Ruído,	s. m. (do lat. rugitu-). Barulho, som ou conjunto de sons destituídos de valor musical ¹²⁴ .
Clarão1,	s. m. (de claro). Lugar no meio das matas, onde rareiam as árvores de porte; clareira. // Separação larga entre coisas mal unidas ¹²⁵ .
Clarão2,	s. m. (do fr. claron). Clarim grande: <<... com grande ruído de clarões e atabales>>, João de Barros, Décadas, IV, 10, 9. ¹²⁶

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Fonseca (1926)
Ruído,	s. m. Rumor, barulho, fragor. Fama ¹²⁷ .
Claro,	Adj. Iluminado pelos raios do sol, ou pela lua e estrelas. Dia claro, noite clara, que da luz pura: chama clara. Que reflete luz clara: Espelho claro. Transparente: líquido crystal claro. De cor pouco carregada. Azul calro, vinho claro, clarete. Puro sonoro argentino; Voz som claro. Não toldado, n/ espesso. (Fig.) Evidentemente, inteligível, ilustre por virtudes, sciencias, letras. Em claro adv. Abertamente adv. Claramente. – s. m. Espaço calro vazio, clareira, branco a encher na escripta, etc. Intervalo. (Pint.) Logar que se representa pintado com cores mais vivas ¹²⁸ .

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Bastos (1928)
Ruído	[í], s. m. rumor; qualquer barulho; estrondo; bulício; fragor; (fig.) boato; renome; fama; ostentação. (Or. Incerta) ¹²⁹ .
Clarão1	s. m. luz viva ou intensa; grande claridade; (fig.) luz intellectual; raio (no fig.); indicação. (De claro) ¹³⁰ .
Clarão2	s. m. (mús.) registro de órgão, cujos tubos são de zinco com bocal de palheta. (Fr. clairon) ¹³¹ .

¹²² SILVA, Antônio de Morais. *Dicionário da língua portuguesa*. 1844, p. 701.

¹²³ Ibid., p. 445.

¹²⁴ SILVA, Antônio de Morais. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 1949, p. 738 – v. 9.

¹²⁵ Ibid., p. 169 – v. 3.

¹²⁶ Ibid., p. 169 – v. 3.

¹²⁷ FONSECA, Simões da. *Novo dicionário encyclopédico ilustrado da língua portuguesa*. 1926, p. 1136.

¹²⁸ Ibid., p.346

¹²⁹ BASTOS, J. T. da Silva. *Diccionario etymológico, prosódico e orthographico da língua portuguesa*. 1928, p. 1213.

Base Lexical	Definição do Dicionário – Machado (1952)
Claro	Adj. Do lat. Claru- << Claro, brilhante, nítido inteligível, manifesto, brilhante considerado distinto, ilustre>>; por via culta. Séc. XIV: << Chamou com voz clara per linguagem hebrayca dos Judeua>>; Orto do Esposo, fl. 3 Vs. Códeco 198. Coexistiu a var. craro, documentável jr. No séc. XIII. << apareceu-lhe log'a Reíinha espiritual, / tan fremos e crara que vio, Cantigas de Santa Maria, p. 23, ed. de 1933. Claridade; do lat. claritate << claridade, brilho, nitidez luminosa, clareza, sonoridade da voz; brilho, ilustração, celebridade>> ¹³² .

Abonação:

Numa Forja

Ria com essa metálica tristeza
De ser na Natureza,
Onde a Matéria avança
E a Substância caminha
Aceleradamente para o gozo
Da integração completa.
Uma consciência eternamente obscura!

O ferro continuava a chiar e a rir.
E eu nervoso, irritado,
Quase com febre, a ouvir
Cada átomo de ferro
Contra a incude esmagado
Sofrer, berrar, tinir.

Compreendia por fim que aquele berro
À substância inorgânica arrancado
Era a dor do minério castigado
Na impossibilidade de reagir!

Era um cosmos inteiro sofredor,
Cujo negror profundo
Astro nenhum exorna
Gritando na bigorna
Asperamente a sua própria dor!
Era, erguido do pó,
Inopinadamente
Para que à vida quente
Da sinergia cósmica desperte,
A ansiedade de um mundo
Doente de ser inerte,
Cansado de estar só!

Era a revelação
De tudo que ainda dorme
No metal bruto ou na geléia informe
No parto primitivo da Criação!
Era o <ruído-clarão>,
- O ígneo jato vulcânico

¹³⁰ Ibid., p. 365.

¹³¹ Ibid., p. 365.

¹³² MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 1952, p. 613.

Que, atravessando a absconsa cripta enorme
 De minha cavernosa subconsciência,
 Punha em clarividência
 Intramoleculares sóis acesos
 Perpetuamente às mesmas formas presos,
 Agarrados à inércia do Inorgânico
 Escravos da Coesão!
 (In.: A. A. Numa Forja, 1983, p. 186-187)

Vocábulo: **ruído-clarão** s. f.

Análise: Nesse exemplo, fica claro que o uso das bases, feito pelo poeta, é de caráter apoiativo, ou seja, algumas características são aproveitadas para o sentido contextualizado, pois **ruído**, do ponto de vista de uma análise descontextualizada, é um substantivo masculino que designa estrondo, *som forte de coisa que cai. fig. som, que estronda os ouvidos; ruído do trovão, do vento, de gente que grita em desordem; homem que faz ruído; grande barulho*, de acordo com Moraes (1844). Os outros dicionários trazem com outras palavras o mesmo significado. Já **clarão**, de acordo com Silva (1949) e Bastos (1928) designa: *lugar no meio das matas, onde rareiam as árvores de porte; clareira ou é claridade, brilho, luz viva ou intensa; grande claridade, ou ainda, registro de órgão, cujos tubos são de zinco com bocal de palheta*

Entretanto, quando se analisam os sentidos da palavra por composição contextualizada, estes ultrapassam a simples idéia de claridade o simples barulho. Do ponto de vista contextualizado, o vocábulo <**ruído-clarão**> designa revelação clara de tudo o que insistia em permanecer primitivamente em repouso na mente do poeta, explosão, trovão, relâmpago de esclarecimentos para uma subconsciência que insistia em repousar na ignorância, como um metal em sua composição primitiva, por isso, **ruído** designa uma espécie de barulho, mas um barulho que somente o poeta

consegue ouvir, pois é o barulho que vem fazer revelações da verdade e alertá-lo a despertar para a vida. Na verdade, não é um barulho estrondoso, forte, como designam os dicionários para **ruído**, mas, sim, a revelação de tudo o que ainda dorme no metal bruto ou no parto primitivo da Criação. Para o poeta, torna-se estrondoso, alto e forte, porque mexe muito com seu interior, é como se ele, adormecido em sono profundo, na escuridão das trevas, acordasse por intermédio de seu subconsciente para as revelações de tudo aquilo que escondera de si próprio; por isso, é comparado a um ruído claro, porque além de despertá-lo, mostra-lhe claramente a verdade de tudo aquilo que ele insistia em não ver. São as revelações que somente o poeta é capaz de ouvir, pois são as revelações de sua subconsciência.

O **claro** pode ser interpretado como a própria revelação de que o poeta dormia na escuridão de seus próprios pensamentos, não estando aberto para as claras evidências dos acontecimentos da vida, o <**ruído-clarão**> veio despertá-lo de sua própria primitividade, alienação e ignorância; para isso, teve que romper a cripta enorme de sua cavernosa subconsciência.

Sentido: Ruído-clarão: s. f. Revelação clara e evidente da ignorância do ser que insiste em manter seu subconsciente adormecido de forma primitiva, como um metal bruto que, quando lapidado, pode tomar outra forma. Explosão, trovão, relâmpago de esclarecimentos, alerta para os acontecimentos da vida, revelação da verdade. Despertar pelas revelações do subconsciente. Exposição clara da verdade, ou melhor, despertar claro e evidente da verdade que o homem insiste em não enxergar.

016. SUBRAQUIANOS

Base Lexical	Definição do Dicionário – Silva (1844; 1949)
Sub,	Ant. o mesmo que Sob: “sub ti” Iff. 1.11. Usa-se na composição. V.g. substar, subalterno, etc ¹³³ .

Base Lexical	Definição do Dicionário – Fonseca (1926)
Sub,	prep. Lat. Sob Prefixo que significa inferioridade substituição. Tem varias formas vernaculas ou romanas sob, so, soto com o mesmo sentido sopesar, sotopar ¹³⁴ .

Base Lexical	Definição do Dicionário – Bastos (1928)
Sub...	Pref. (designativo de inferioridade, substituição, etc. (Do lat. sub.) ¹³⁵ .

Base Lexical	Definição do Dicionário – Machado (1952)
-	O dicionário não registra nenhuma base para o neologismo subraquiano.

Abonação:

Alucinação à beira-mar

Um medo de morrer meus pés esfriava.
Noite alta. Ante o telúrico recorte,
Na diuturna discórdia, a equórea coorte
Atordoadamente ribombava!

Eu, agólatra céptico, cismava
Em meu destino!... O vento estava forte
E aquela matemática da Morte
Com os seus números negros, me assombrava!

Mas a alga usufrutuária dos oceanos
E os malacopterígios <subraquianos>
Que um castigo de espécie emudeceu,

No eterno horror das convulsões marítimas
Pareciam também corpos de vítimas
Condenados à Morte, assim como eu!
(In.: A. A. Alucinação à beira-mar, 1983, p. 142)

Vocábulo: **subraquianos, adj. m.**

Análise: O vocábulo em estudo causou muitas dúvidas e incertezas, pois não se encontrou em nenhum dicionário de pesquisa uma base que se aproximasse

¹³³ SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. 1844, p. 787.

¹³⁴ FONSECA, Simões. *Novo dicionario encyclopedico ilustrado da língua portuguesa*. 1926, p. 1204.

¹³⁵ BASTOS, J. T. da Silva. *Diccionario etymológico, prosódico e orthographico da língua portuguesa*. 1928, p. 1276.

realmente do significado contextualizado. Por isso, partiu-se do pressuposto de que o autor tenha-se valido do prefixo **sub-**, conforme definições anteriores, que denota *inferioridade, substituição, aproximação ou renovação* e da base **raqueano**, cujo significado não foi apresentado por nenhum dos dicionários acima.

Como também foram usados dois dicionários da Medicina, aproveitou-se o significado geral dado por Stedman (2003) e Rey (1999): a palavra vem da anatomia e refere-se à coluna vertebral. O porquê dessa escolha é simplesmente por não haver outra que melhor explique em que o autor se apoiou para construir a palavra em estudo. Também por se saber que o léxico do autor está envolto por palavras da Medicina, e, conseqüentemente, da Anatomia.

O sentido do vocábulo contextualizado, nada tem a ver com os significados recém-citados, pois **<subraquianos>**, analisado de um ponto de vista contextualizado, refere-se aos **malacopterígios** (hospedeiros do mar que têm barbatanas moles).

O autor não esconde o medo da morte em todo o poema, porém, o que o consola é que a alga usufrutária dos oceanos e os malacopterígios subraquianos parecem também corpos de vítima. A partir disso, **<subraquianos>** parece denotar aquilo que provoca ainda mais o enfeimento das barbatanas do hospedeiro do mar, dando uma idéia realmente de inferioridade e uma aparência disforme. É como se o poeta comparasse o homem a um hospedeiro disforme, sem vértebra. Tal interpretação se deve à análise do contexto, pois o poeta se anima em ver que os malacopterígios subraquianos estão piores que ele, devido a um castigo de espécie que os emudeceu, os calou, no eterno horror das convulsões marítimas, dando-lhes

uma aparência de corpos de vítima, ou seja, corpos disformes, como uma alga sem vértebra.

Sentido: Subraquianos adj. m. Deformação, enfeimento das barbatanas dos hospedeiros do mar, deformação comparável a corpos de vítima. O homem sendo comparado a um hospedeiro sem vértebra, mole, completamente disforme.

017. ULTRAFATALIDADES

Bases Lexicais	Definição dos Dicionários – Silva (1844)
Fatalidades,	s. f. (do Lat. fatalitas, atis) Influencia inevitavel do fado. Sucesso, que parece ordenado pelo fado, para que os homens crem, que não concorrerão, e que não poderão atalhar. Caso fortuito. Caso funesto. Consequencia inevitavel de alguma acção ¹³⁶ .
Fatalidade,	s. f. (do lat. fatalidade). Qualidade daquilo que é fatal: << a fatalidade da sua sorte>>: atribuindo o bom sucesso das curas a milagres do céu, e a fatalidade e das mortes à ignirância dos medicos>>, Brás Luís de Abreu, Portugal. Medico, 104, 33 quando eu o julgava empalmado pela fatalidade topográfica do seu nascedoiro em trancoso, Camilo, Boêmia do Espírito, 445, ed. 1888, <<... sentiu-se inesperadamente perdoada, viu-se solta da fatalidade por aquela palvra piedosa...>> Eça de Queiroz <i>Prosas Barbáras</i> ¹³⁷ .

Base Lexical	Definição do Dicionário – Fonseca (1926)
Fatalidade,	s. f. Potência, influência do fado; destino; sucesso funesto e imprevisto ¹³⁸ .

Base Lexical	Definição do Dicionário – Bastos (1928)
Fatalidade,	s. f. sorte; destino; acontecimento funesto; desgraça. (Do lat. fatalitas) ¹³⁹ .

¹³⁶ SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. 1844, p. 14

¹³⁷ SILVA, Antônio de Moraes. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 1949, p. 978 – v. 5.

¹³⁸ FONSECA, Simões da. *Novo dicionário encyclopédico ilustrado da língua portuguesa*. 1926, p. 584.

¹³⁹ BASTOS, J. T. da Silva. *Diccionario etymológico, prosódico e orthographico da língua portugueza*. 1928, p. 649.

Base Lexical	Definição do Dicionário – Machado (1952)
-	O dicionário não registra nenhuma base.

Abonação:

Vozes da Morte

Agora, sim! Vamos morrer, reunidos,
Tamarindo de minha desventura,
Tu, com o envelhecimento da nervura,
Eu, com o envelhecimento dos tecidos!

Ah! Esta noite é a noite dos Vencidos!
E a podridão, meu velho! E essa futura
<**ultrafatalidade**> de ossatura,
A que nos acharemos reduzidos!

Não morrerão, porém, tuas sementes!
E assim, para o Futuro, em diferentes
Florestas, vales, selvas, glebas, trilhos,

Na multiplicidade dos teus ramos,
Pelo muito que em vida nos amamos,
Depois da morte, inda teremos filhos!

(In.: A. A. Vozes da Morte, 1983, p. 105)

Vocábulo: **ultrafatalidades** s. m.

Análise: A base lexical **fatalidade** descontextualizada, de acordo com Silva (1844; 1949), designa *conseqüência inevitável de alguma ação; qualidade daquilo que é fatal*. Para Fonseca (1926) e Bastos (1928) significa *potência, influência do fado, destino, sucesso funesto e imprevisto*. Machado não traz nenhuma base lexical para o neologismo em estudo.

Não se pode dizer o mesmo, quando se analisa o sentido da palavra derivada contextualizada, pois, dessa forma, o prefixo **ultra-** vem enfatizar a qualificação da base, ultrapassando a simples idéia de excesso. A junção do prefixo **ultra-** à base

fatalidade forma o neologismo <**ultrafatalidade**>, que faz referência ao destino excessivamente doentio e podre do poeta, por envelhecimento da carne e o tamarindo, por envelhecimento do tempo. Destino que os levará ao grau de ossada, pois é nisso que o poeta se vê reduzido, devido à sua <**ultrafatalidade**>, ou seja, devido ao seu fado, seu destino cruel, e o neologismo antecipa esse destino de desgraças.

O autor faz uso da idéia que as bases denotam, **ultra-** intensifica a **fatalidade** que é inevitável e fatal, no caso, a morte do poeta e do tamarindo é algo fatal e inevitável, pelo estado em que ambos se encontram, uma vez que o primeiro encontra-se doente da carne e o segundo, muito velho. Podem ser comparados a ossadas somente. Por isso, <**ultrafatalidade**> significa morte fatal advinda de um estágio indeplorável de ossatura a que ambos são reduzidos.

Sentido: Ultrafatalidades s. m. Morte fatal advinda de um estágio de ossatura em que se encontram o poeta e o tamarindo. Destino cruel e doentio, comparado às ossadas de um cadáver. Destino que antecipa o estado em decomposição em que os personagens se encontram. Excessiva fatalidade do destino, que dá a ambos, poeta e tamarindo, o fado da morte.

018. ULTRAINQUISITORIAL

Bases Lexicais	Definição dos Dicionários – Silva (1844; 1949)
Inquisição,	s. f. (do Lat. inquisitio) Acção de inquirir, informar-se, buscar. B. 1.1.2. “mui curioso na inquisição das terras” i. é, na sua busca, indagação. Tribunal, que conhecia dos crimes em matéria de Fé, e de certos pecados, como sodomia, bestialidade, etc., exercendo a jurisdição dos Bispos, e a que estes tinham reservado aos Summos Pontífices; e juntamente a jurisdição civil em ter carceres, e impor penas civis por autoridade dos Soberanos d’este Reino. D. José o guardou em Tribunal Regio, e lhe mandou dar o tratamento de Magestade em 1774.. Conhecia por dilação propria, e voluntaria, ou de accusadores; contava na capital, de Mesa pequena, que se compunha de 3 Inquisidores; e de conselho Geral, etc. Foi introduzido este tribunal em Portugal por J. III., em 1531. (na chr. J. III, 2.c. 82. Se diz, que foi em Abriel de 1533) V. Santo Officio ¹⁴⁰ .
Inquisitorial	adj. 2 gen (de inquisitorio) Por ext. Rigoroso, severo, desumano, próprio da inquisição, Arrogante em excesso ¹⁴¹ .

Base Lexical	Definição do Dicionário – Fonseca (1926)
Inquisitorial	adj. Concernente ou pertencente à inquisição ou aos inquisidores. Terrível, duro, rigoroso ¹⁴² .

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Bastos (1928)
Inquisitorial	[ál], adj. relativo à inquisição; (fig.) terrível; severo. (De inquisitorio) ¹⁴³
Inquisição	[ssão], s. f. o mesmo que inquisição; (ant.) Santo Officio; carcere destinado aos réos convictos de falta de fé. (Do lat. inquisitio) ¹⁴⁴ .

¹⁴⁰ SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. 1844, p. 185.

¹⁴¹ SILVA, Antônio de Moraes. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 1949, p. 978 – v. 5.

¹⁴² FONSECA, Simões da. *Novo dicionário encyclopédico ilustrado da língua portuguesa*. 1926, p. 728.

¹⁴³ BASTOS, J. T. da Silva. *Diccionario etymológico, prosódico e orthographico da língua portugueza*. 1928, p. 794.

¹⁴⁴ Ibid. p. 794.

Base Lexical	Definição do Dicionário – Machado (1952)
Inquirir	Do lat. inquirere << procurar, descobrir, investigar; fazer um inquérito...; por via culta. Séc. XVI. <<... nem havia rigor nos prelados, como em Palência, nem nos súbditos agudeza pera inquirir>> Frei Luíz de Souza, Vida de D. Frei Bartolomeu dos Martires, II, cap. IV, vol. I, p. 182 ed. 1946 no mesmo séc. a var. inquerir: Mas padecem sempre os fracos por uma pouca deligência dos que julgam sobre inquerir a verdade>> Jorge Ferreira de Vasconcelos Memorial da Távola Redonda cap. 24, p. 149, ed. de 1867, antes era vulgar enquerer, no séc. XIII (1287) enqueereo pereanos Juiz de Bouças Commego...>>, em Descobrimientos Portugueses, I, p. 19; esta forma chegou ao século XVI: inquisidor do lat. inquisitore, o que examina e investiga, o que procura (a caça); investigador inquiridor, o que está encarregado de uma transformação; séc. XV: <<... ou trosy que o fraire menor, inquisidor da maldade dos hereges...>>, Crômica da Ordem dos Frades Menores, II p. 190; o sentido de Juiz do tribunal da Inquisição>> no sec. XVI: <<... pedralvarez de parades da silveira, Inquisitores Apostólicos contra há heretica pravidade e apostasia...>> no cit. Livro de João Lúcio de Azevedo, p. 447 em 1551 no rosto deste livro: << ESTE HE O ROL DOS LIVROS/ defesas por Cardeal Iffante Inquisitor geral. Nestes Reynos de Portugal >>, Vj. Antônio J. Anselmo, Bibliografia das OBRAS emporessas em Portugal no sec XVI p. 183 N° 640) ¹⁴⁵ .

Abonação:

O poeta do Hediondo

Sofro aceleradissimas pancadas
 No coração. Ataca-me a existência
 A mortificadora coalescência
 Das desgraças humanas congregadas!

E, aluncinatórias cavalgadas,
 Eu sinto, então, sondando-me a consciência
 A <ultra-inquisitorial> clariviência
 De todas as neuronas acordadas!

Quanto me dói no cérebro esta sonda!
 Ah! Certamente eu sou a mais hedionda
 Generalização do Desconforto...
 (In.: A. A. O poeta do Hediondo, 1983, p. 184)

Vocábulo: **ultra-inquisitorial** s.m.

Análise: Nesse vocábulo, o prefixo **ultra-** aparece, mais uma vez, como operador de ênfase do sentido da base. O vocábulo modificado **inquisitorial**, de acordo com Silva (1844: 1949), significa *ação de inquirir, informar-se, buscar;*

¹⁴⁵ MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 1952, p. 1232-1233.

tribunal que conhecia dos crimes em matéria de Fé, e de certos pecados, como sodomia, bestialidade, etc., exercendo a jurisdição dos Bispos; rigoroso, severo, desumano, próprio da inquisição, arrogante em excesso. De acordo com Fonseca (1926), significa *concernente ou pertencente à inquisição ou aos inquisidores. Terrível, duro, rigoroso.* Para Bastos (1928), adj. *relativo à inquisição; (fig.) terrível; severo; s. f. o mesmo que inquisição, (ant.) Santo Offício; cárcere destinado aos réus convictos de falta de fé.* Para Machado (1952) designa *procurar, descobrir, investigar; fazer um inquérito.*

Considerando as definições acima, pode-se dizer que o poeta aproveita da idéia de *terrível e duro* que a base **inquisitorial** traz para o que pretende designar. Por isso, do ponto de vista de uma análise contextualizada, a palavra <**ultra-inquisitorial**> quer designar castigo de consciência, uma vez que o próprio poeta diz sentir sondando sua consciência a <**ultra-inquisitorial**> clarividência de todas as neuronas acordadas. Ou seja, ele tem evidências claras das desgraças humanas, por intermédio de um excessivo castigo que sonda seus pensamentos, e esta sonda lhe dói muito o cérebro, fazendo-o considerar a si próprio o mais hediondo, o mais sujo, vicioso, sórdido, repugnante e nojento de todos os seres. Aquele que ficou sozinho, cantando sobre os ossos do caminho a poesia de tudo quanto é morto.

É como se o poeta estivesse com um grande peso na consciência, quando fala de suas neuroses, e esse peso surge como um castigo mental muito intenso, fazendo-o sofrer e se castigar com suas lembranças, tanto assim, que se vê cantando sobre os ossos do caminho, a poesia de tudo quanto é morto.

E, para trabalhar esse sentido, ele usa **inquisitorial**, que também denota: *cárcere destinado aos infiéis.* É o castigo mental comparado ao exílio de um cárcere

extremamente rigoroso e sofrido. O uso do prefixo **ultra-** cuja função é denotar excesso, entra na composição da palavra para reforçar e idéia do sofrimento, do castigo de consciência porque o autor passa.

Sentido: Ultra-inquisitorial s.m. Castigo de consciência profundamente sentido e extremamente doloroso, por demonstrar todas as neuroses do poeta em vida. Cárcere de privação cerebral, tortura mental.

019. ULTRAMONSTRUOSA

Bases Lexicais	Definição dos Dicionários – Silva (1844; 1949)
Monstuôso,	A, adj. (do Lat. monstruosus, a, um) Da natureza de monstro. fig. Extraordinário, inaudito, portentoso, façanhoso: v.g. monstruosa grandeza; feições monstruosas. “Homem monstruoso em vícios” “homem monstruoso de idade de 350 annos” B. 4.8.9. “vida monstruosa” (de variedades.) Couto, 5.1.10 chr. J. III. 3. C. 42. B. Flor 2. 28 “genios tão exóticos, e espiritualmente monstruosos” V. Monstro. Cheio de monstros, diz-se tanto do mar, como das selvas ¹⁴⁶ .
Monstro,	s. m. (do Lat. monstrum) Parto, ou produção contra a ordem regular da natureza. fig. Pessoa, ou cousa mui feia ¹⁴⁷ .
Monstruoso,	adj. (do lat. monstruosu-) Que tem conformação de monstro, de ser anormal: << As damas... vendo em sua companhia uma donzela assim monstruosa na grandeza do corpo e feia ao parecer, começaram a rir umas com as outras>> ¹⁴⁸ .

¹⁴⁶ SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portugueza*. 1844, p. 349.

¹⁴⁷ Ibid., p. 349.

¹⁴⁸ SILVA, Antônio de Moraes. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 1949, p. 936

Base Lexical	Definição do Dicionário – Fonseca (1926)
Monstruosidade,	s. f. Produção monstruosa, vício do que é monstruoso, Portento, assombro, coisa extraordinaria monstruoso. Da natureza de monstro Horrendo abominável ¹⁴⁹ .

Base Lexical	Definição do Dicionário – Bastos (1928)
Monstruoso	[ô – zu], adj. que tem a conformação de monstro; contrário às leis naturaes; disforme; assombroso; muito feio; cruel. (Do lat. monstruoeus) ¹⁵⁰ .

Base Lexical	Definição do Dicionário – Machado (1952)
	O dicionário não traz nenhuma base lexical.

Abonação:

Vítima do Dualismo

Ser miserável dentre os miseráveis
 Carrego em minhas células sombrias
 Antagonismos irreconciliáveis
 E as mais opostas idiosincrasias!

Muito mais cedo do que o imagináveis
 Eis-vos, minha alma, enfim, dada às bravias
 Cóleras dos dualismos implacáveis
 E à gula negra das antinomias!

Psique biforme, O Céu e o Inferno absorvo...
 Criação a um tempo escura e cor-de-rosa,
 Feita dos mais variáveis elementos,

Ceva-se em minha carne, como um corvo
 A simultaneidade <ultramonstruosa>
 De todos os contrastes famulentos!
 (In.: A. A. Vítima do Dualismo, 1983, p. 190)

Vocábulo: **ultramonstruosa** adj. f.

Análise: O prefixo **ultra-** que denota excesso, mais uma vez, é usado na composição de palavra. A base **monstruosa**, do ponto de vista de uma análise descontextualizada, é definida especificamente por Silva (1844;1949) como sendo

¹⁴⁹ FONSECA, Simões da. *Novo dicionario encyclopedico ilustrado da lingua portuguesa*. 1926, p. 891.

*da natureza de monstro. fig. Extraordinário, inaudito, portentoso, façanhoso: v.g. monstruosa grandeza, feições monstruosas. “Homem monstruoso em vícios” “homem monstruoso de idade de 350 anos”, “vida monstruosa” (de variedades), “gênios tão exóticos, e espiritualmente monstruosos”, cheio de monstros, diz-se tanto do mar, como das selvas, que tem conformação de monstro, de ser anormal: << As damas... vendo em sua companhia uma donzela assim monstruosa na grandeza do corpo e feia ao parecer, começaram a rir umas com as outras. Para Bastos (1928), monstruoso significa aquele (a) ou aquilo que tem a conformação de monstro, contrário às leis naturais, disforme, assombroso, muito feio, cruel. Fonseca (1926) define **monstruosidade**: produção monstruosa, vício do que é monstruoso, portentoso, assombroso, coisa extraordinária monstruoso. Da natureza de monstro horrendo abominável. Machado (1952) não traz nenhuma base lexical para o neologismo <ultramonstruosa>.*

Se se observar, em todo o poema o poeta fala dos contrastes, o próprio título denota contraste “Vítima do Dualismo”. A **monstruosidade** que o contexto designa parte de dentro das células do poeta, com antagonismos irreconciliáveis e as mais opostas idiosincrasias. Até a alma ou o princípio mental e emocional (Psiqué) possui duas formas, além de o poeta absorver Céu x Inferno; a criação escura x a cor-de-rosa, feita dos mais variáveis elementos. E são essas oposições que levam o autor a uma simultaneidade <ultramonstruosa>, ou seja, essa mistura causa todos os contrastes famulentos.

Por isso, do ponto de vista de uma análise contextualizada, pode-se dizer que <ultramonstruosa> não faz referência ao feio, mas aos contrastes que tomam conta

¹⁵⁰ BASTOS, J. T. da Silva. *Diccionario etymológico, prosódico e orthographico da lingua portugueza*. 1928,p. 935.

do poeta, e esses contrastes são insaciáveis, com antagonismos irreconciliáveis, que jamais poderão ser reconciliáveis, por serem totalmente opostos, como Céu x Inferno. Seria a monstruosidade das oposições, e o prefixo **ultra-** aparece na composição da palavra justamente para enfatizar que são contrastes muito marcantes, que tomaram a carne e a alma do poeta

Sentido: Ultramonstruosa adj. m. Contraste marcante, cuja função é tomar conta da carne e da alma do poeta; oposições como Céu e Inferno; claro e escuro. Simultaneidade de contrastes **ultramonstruosa**, ou seja, horrenda, feia, mas não no sentido estético, e sim no sentido de oposição, que em hipótese alguma se mistura.

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro do que foi proposto para a pesquisa, ou seja, circunscrevendo-se ao estudo dos neologismos em Augusto dos Anjos, com vistas à construção de um glossário de toda produção neológica do autor, levando-se em conta, portanto, que as criações lexicais instituídas pelo poeta são inéditas, pois são formas não atestadas pelos dicionários e adquirem sentidos diferentes das bases lexicalizadas usadas pelo autor, acredita-se que, com esta pesquisa, conseguiram-se argumentos para ponderar sobre alguns pontos, quais sejam:

1º –Entende-se que foi relevante o procedimento teórico-metológico de pautar o estudo dos neologismos tomando por base um foco analítico da palavra contextualizada, pois assim foi possível perceber que o sentido da nova unidade depende única e exclusivamente do contexto para ser entendida.

2º - Entende-se, também, que as novas criações só são possíveis porque existem bases lexicais que permitem tal criação, mas isso não quer dizer que as novas criações lexicais adquiram os mesmos significados das bases descontextualizadas, pois conforme foi verificado, um novo sema é adaptado à nova criação.

3º –Foi pertinente a caracterização de adaptação de um sema novo à nova unidade lexical instauradora dos neologismos em A. A, todavia, ainda se questiona: pode-se expandir esse pressuposto teórico-metodológico para estudar o fenômeno neológico de uma maneira geral, em diversas situações de produção da linguagem? Provavelmente, sim, pois foram consideradas, neste trabalho, somente as formas não atestadas pelos dicionários como neológicas. Todavia, não foi feito um estudo das formas já atestadas pelos dicionários, mas que dentro do contexto adquirem significados diferentes. Ou seja, considerou-se que o poeta só cria porque há uma base que o permite tal criação, mas essas criações têm um sentido independente da base lexical e dependente do contexto para uma significação nova. Mas não se verificou se as outras bases já lexicalizadas usadas pelo autor, adquirem significados diferentes dos trazidos pelos dicionários. Acredita-se que sim, principalmente porque as formações neológicas utilizadas por A. A. foram pelos processos de composição e prefixação e, conforme a análise das bases lexicais de tais neologismos, verificou-se que a forma atestada contextualizada, muitas vezes nada tem a ver com a forma não atestada descontextualizada. Não há, todavia, dados suficientes para confirmar tal afirmação, pois não se ousou levar a pesquisa a tal ponto. Esta é, portanto, uma questão para pesquisa posterior.

4º - Puderam-se confirmar as reflexões na formulação da hipótese, como a necessidade de uma verificação no contingente poético de A. A., de que suas lexias possuíam um valor diferente das já lexicalizadas, porque um novo sema fora adquirido; que a língua está aberta a inúmeras criações, possibilitando o surgimento de novas unidades lexicais e que o texto poético é uma fonte riquíssima de novas criações, pois o poeta cria intencionalmente. Verificou-se que a criação lexical realmente possibilita a inserção de novos vocábulos na língua, permitidos pelo

sistema. E sendo assim, a criação de um sentido também inédito, de acordo com o contexto, apresentar-se-á como fator preponderante para a interpretação do neologismo.

Além destes, não foram feitos outros questionamentos nas fases anteriores do trabalho, uma vez que se partiu de um pressuposto, o de que o poeta só cria apoiado em uma base, e essa criação adquire um sentido inédito dentro do contexto, diferente da base lexical de apoio. Acredita-se que somente a questão de que os vocábulos já lexicalizados também adquirem sentidos inéditos, uma vez que o contexto pode modificá-lo, não foi respondida, pois não há dados suficientes para respondê-la e também, por não ser o objetivo desta pesquisa.

Com tudo isso, considera-se que se tenha suscitado no leitor, pelo menos, uma curiosidade crítica: é possível olhar as questões por mais de um ângulo, porque o que pode ser interpretado por alguns de uma forma pode ser visto pelo leitor de outra forma. Talvez com isso o ganho acadêmico seja muito precioso, pois os trabalhos só tendem a enriquecer. Sabe-se que os questionamentos existem, e se eles existem, com certeza também existem respostas.

Tentou-se uma pesquisa que desse uma possível resposta, ainda que modesta. Assim como a língua está aberta a inúmeras criações, essas criações também estão abertas a inúmeras interpretações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, I. *A interação dos neologismos por empréstimos ao léxico português*. Alfa: Revista da Lingüística. São Paulo: UNESP, v. 28. 1984.

ANJOS, A. dos. *Eu e outras poesias*. 35ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. 285 p.

BARBOSA, M. A. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. São Paulo: Global, 1981. 323 p.

_____. Aspectos da produção dos vocábulos técnico-científicos. In: *Anais do XVII GEL*. São Paulo: USP, 1989a. 184 p.

_____. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: Alves. I. M. (Org.) *A constituição da normalização terminológica no Brasil*. 2. ed. São Paulo: FFLCH; CITRAT, 2001. p. 23-45.

BASTOS, J. T. *Diccionário etymológico, prosódico e orthográfico da língua portugueza*. 2. ed. Lisboa: Livraria editora Lisboa, 1928. 1434 p.

BIDERMAN, M. T. C. *Teoria lingüística; lingüística quantitativa e computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 274 p.

_____. *A ciência da Lexicografia*. **Alfa**. São Paulo, 28 (supl.): 1-26, 1984

_____. *Revista de lingüística*. (Universidade Estadual Paulista). São Paulo: ALFA, 1962-1977, 1980, 85 p.

_____. *Dicionário didático do português*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998. 965 p.

BORBA, F. da S. *Organização de dicionário: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2003. 356 p.

BOULANGER, Jean-Claude. *A criação lexical na modernidade*. In: *Le Language et l'homme*. Quebec, 1990. v. 4.

BOUTIN, Rachel. *Vocabulaire systématique de la terminologie*. Québec: Publications du Québec, 1985. 31 p.

BUENO, F. da S. *Dicionário escolar da língua portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986. 1263 p.

CORBIN, D. *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1987. 183 p.

CARVALHO, N. *O que é neologismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984. 80 p.

DUARTE, G. M. *A criação neológica em Carlos Drummond de Andrade: interface entre o sistêmico e o discursivo*. 2001. 147 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Letras e Lingüística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001.

FONSECA, S. da. *Novo dicionário encyclopedico ilustrado da língua portuguesa*. Lisboa: Garnier, 1926. 1323 p.

GUILBERT, L. *La Créativité Lexicale*. Paris: Larousse, 1975. 285 p.

HOLANDA, A. B. de. *Dicionário Aurélio eletrônico – Século XXI*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 2128 p.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MACHADO, J. P. *Dicionário etymológico da língua portuguesa*. 1. ed. Lisboa: Confluência, 1952. 1248 p.

MARTINS, N. Sant'Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: EDUSP, 2001. 536 p.

REY, L. *Dicionário de termos técnicos da Medicina e saúde*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 1999. 825 p.

RIFFATERRE, M. *A produção do texto*. Trad. Eliante Fitipaldi Pereira Lima de Paiva. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 123 p.

SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1995. 279 p.

SILVA, A. de M. *Dicionário da língua portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Typografia de Antônio José da Rocha, 1844. 941 p.

_____. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 10. ed. Lisboa: Editorial Confluencia, 1949. v. I – IX.

STEDMAN. Trad. Cláudia Coana et al. *Dicionário médico*. 27^a ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. 2015 p.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMPLEMENTARES

OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. *A s ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Campo Grande: UFMS. 1998, p. 31-50.

PITILLO, G. F. *O neologismo literário: análise do valor significativo da sufixação em “O Coronel e o Lobisomem”, de José Cândido de Carvalho*. 2001. 194 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Letras e Lingüística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001.

SANDMANN, A. J. *Formação de palavras em português contemporâneo*. Curitiba: Scientia e Labor, 1988. 154 p.

_____. *Competência Lexical: Produtividade, Restrições e Bloqueios*. Tese de Pós-Doutorado de Língua Portuguesa. Curitiba. Universidade Federal do Paraná, 1988. 223 p.

_____. *Morfologia Geral*. São Paulo: Contexto, 1991. 187 p.

_____. *Morfologia Lexical*. São Paulo: Contexto, 1992. 198 p.

ÍNDICE DAS ENTRADAS NO GLOSSÁRIO

	Página
1. Cancerosidades.....	72
2. Deus-verme.....	77
3. Hiperculminação.....	81
4. Intra-atômica.....	84
5. Intracefálica.....	88
6. Ultra-epilépticos.....	90
7. Intracósmica.....	92
8. Pró-dinâmica.....	95
9. Infra-astral.....	98
10. Pseudo-regozijo	100
11. Noital.....	103
12. Pancosmológica.....	106
13. Penetral.....	108
14. Pseudosalmo.....	111
15. Ruído-clarão.....	114
16. Subraquianos.....	118
17. Ultrafatalidades.....	120
18. Ultrainquisitorial.....	123
19. Ultramonstruosa.....	126